

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SIMONE REQUIÃO THÁ ROCHA

**O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA E OS PARADIGMAS
INOVADORES DA EDUCAÇÃO**

**CURITIBA
2006**

SIMONE REQUIÃO THÁ ROCHA

**O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA E OS PARADIGMAS
INOVADORES DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tescarolo

**CURITIBA
2006**

R672p 2006	Rocha, Simone Requião Thá O professor de odontologia e os paradigmas inovadores da educação / Simone Requião Thá Rocha ; orientador, Ricardo Tescarolo. – 2006. 151 f. ; 30 cm Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006 Inclui bibliografia 1. Odontologia – Estudo e ensino. 2. Pessoal da área odontológica - Formação. 3. Odontologia – Orientação profissional. 4. Odontologia – Prática. I. Tescarolo, Ricardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Odontologia. III. Título. CDD 20. ed. – 617.60711
---------------	---

SIMONE REQUIÃO THÁ ROCHA

O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA E OS PARADIGMAS
INOVADORES DA EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Marisa Ortegoza
Universidade Anhembi Morumbi

Prof Dra Evelise Labatut Portilho
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof Dr Ricardo Tescarolo
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Curitiba, ____ de _____ de ____.

Aos meus pais, Rubens e Rosi, a quem devo minha educação e meu caráter.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Ricardo Tescarolo pela atenção, incentivo e amizade, durante todas as etapas desta pesquisa.

À professora Dra. Marilda Aparecida Berhens, aquela que abriu meus olhos para o entendimento do “ser docente”.

Aos professores pela amizade e dedicação.

Ao meu esposo e minha filha pela paciência, incentivo e carinho.

Aos meus colegas de mestrado pelo companheirismo.

RESUMO

Como ciência da saúde, a odontologia sofreu as influências do paradigma da modernidade vigente nestes três últimos séculos. A concepção positivista do conhecimento científico, embora declaradamente anacrônica, ainda parece ser hegemônica na mediação pedagógica do professor de odontologia, ao privilegiar o tecnicismo, a visão positivista de ciência e a reprodução do conhecimento. Isso representa importante empecilho para o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva dos futuros cirurgiões-dentistas, imprescindível para a ação profissional socialmente mais responsável e humanizada, nesse momento em que o mundo se vê submetido a uma profunda transformação que atinge de modo especial à educação. O objetivo deste trabalho é analisar criticamente a realidade do professor de odontologia, sua formação e prática pedagógica, buscando avaliar as mudanças das concepções antigas de ensino-aprendizagem porventura ocorridas, além de apontar alternativas para a superação paradigmática que a sociedade do conhecimento exige. Dez professores, das quatro faculdades de odontologia da cidade de Curitiba, Paraná, foram entrevistados. Após a análise e a interpretação dos dados coletados, ficaram claras as dificuldades que esses docentes enfrentam para formar os novos cirurgiões-dentistas de maneira crítica, ética, solidária, como indicam as Novas Diretrizes Nacionais para o Curso de Odontologia. A formação docente na odontologia ocorre basicamente mediante cursos de especialização, mestrado e doutorado que ainda privilegiam os conteúdos técnicos e os procedimentos mecânicos da profissão, relegando as áreas educacional e pedagógica a um segundo plano, quando muito. Sendo assim, a maioria dos professores de odontologia não é capaz de refletir criticamente sobre a própria prática. Para a superação dessa realidade, é necessária a sua formação fundada nos paradigmas inovadores da Educação. Refletindo, discutindo e aprendendo acerca de sua complexa atividade docente, o professor de odontologia passaria a aliar a sua formação técnico-científica com uma visão ético-humanística, tornando-se apto para transformar seu papel e suas responsabilidades perante seus alunos e o mundo.

Palavras-chave: Paradigmas; odontologia; professor; educação.

ABSTRACT

As a health science, dentistry suffered influences from the modern paradigm in the last three centuries. The positivist conception of science knowledge, though anachronous, still seems hegemonic in pedagogic mediation for the dentistry teacher, where objectivity, specialization, quantification and knowledge reproduction are a standard. This becomes a hindrance to develop a critical and reflective mindset of the future dental surgeons. This is a core value to a more humanized and professionalized service to the community in the days that we are living, and this reaches our educational system as well. The purpose of this research is to critically analyze the reality of the dentistry teacher and what are his or her competencies and pedagogical practices, assess the eventual changes on old fashioned teaching-learning methods and point out alternatives for a paradigm shift in knowledge that society demands. Ten dentistry teachers out of four universities in Curitiba, Parana, were interviewed and after the evaluation and reflection on the themes, we concluded that it is clear that these teachers face difficulties to bring forth new dental surgeons in a critical, ethical and non selfish way that matches the New National Guidelines for Dentistry Course. The equipping of the dentistry teacher, academically speaking, happens basically through specialization courses, MD and PHD, but these still value the technical procedures that take place in this profession, whereas the academic and pedagogical themes are left aside. Therefore this category of teachers still did not notice what kind of realm they are exposed to. To overcome this scenario these teachers must undergo a special enabling program that may change their infrastructure. Brainstorming and learning about ones activity, the dentistry teacher can sum to his technical approach, a humanized and ethical vision, hence becoming capable to transform his or her role before the individual and the world.

Key-words: Paradigm; Dentistry; Professor; Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABO	- Associação Brasileira de Odontologia
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
OMS	- Organização Mundial da Saúde
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA DA PESQUISA	14
3 OBJETIVOS.....	15
3.1 OBJETIVO GERAL	15
3. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	16
5 A SUPERAÇÃO DO PARADIGMA DA MODERNIDADE	20
6 O PROFESSOR E A CRISE PARADIGMÁTICA.....	28
7 O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA E SUA REALIDADE	41
8 O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA COMO EDUCADOR	49
9 A NECESSIDADE DE REFLETIR E AGIR	57
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	139
ANEXOS	149

1 INTRODUÇÃO

Existe um sentimento de mal-estar generalizado diante dos grandes problemas da atualidade, tais como a violência interindividual, a violência política e internacional sob forma de guerras e ataques terroristas, o perigo de proliferação nuclear, a falta de ética, o desequilíbrio ecológico e a conseqüente ocorrência, cada vez maior, de furacões, *tsunamis*, enchentes e secas (WEIL, 1991, p. 19), que tem levado o ser humano à reflexão e à busca de novos caminhos.

Vive-se um momento histórico de superação paradigmática. O paradigma (da modernidade) que norteou a ciência e a vida dos seres humanos, em todos os aspectos — social, educacional e profissional —, nestes três últimos séculos, esteve apoiado num sistema de pensamento linear. O modelo de pensamento linear caracteriza-se por ser simplificador, fragmentador e excludente (MARIOTTI, 2002, p. 29). Ocorre desta forma uma cisão radical entre sujeito e objeto, ciência e ética, ciências naturais e sociais, teoria e prática, corpo e mente, homem e natureza.

Este modelo de racionalidade científica apresenta uma grande confiança epistemológica que se coloca contra o senso comum, como também acredita que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento válido e só considera cientificamente relevante aquilo que pode ser quantificável. Segundo Mariotti (2004, p. 35), a perspectiva de mudança, neste modelo de pensamento, provoca sempre uma enorme resistência, pois o dualismo está incorporado à forma de pensar. Divide-se tudo em dois lados, o certo e o errado, o falso e o verdadeiro e assim por diante e o que não se consegue segmentar é desqualificado e descartado.

Todas estas circunstâncias possibilitam o entendimento do modo de pensar e agir dos seres humanos neste início de século XXI, pois estes refletem as regras criadas pelas ciências para explicar e solucionar problemas. Soma-se a isto a

mercantilização ocorrida no final do século XIX, devido à aproximação entre Ciência e Mercado (capitalismo).

A educação foi influenciada pelo paradigma da modernidade, que trouxe o conceito de estabilidade, de quantificação, e de transmissão/transferência do conhecimento. Dentro desta visão, não se encontra espaço para a capacidade de transformação, de ir além da informação dada, de buscar novas formas de pensar e agir, de poder mudar as regras e os regulamentos e de construir conhecimento. A regra é reproduzir, copiar, imitar.

A epistemologia emergente da pós-modernidade compreende o conhecimento não apenas em termos da descoberta da existência (de sua fonte, gênese ou história), mas, em termos do processo de tornar-se, buscando a descoberta de problemas ou sua estruturação e não a simples resolução dos mesmos (DOLL, 2002, p. 63).

O pós-modernismo propõe uma nova visão intelectual não mais baseada nas certezas, mas na incerteza. Esta incerteza abre caminhos para o diálogo que conduz a uma nova visão, tanto pessoal como social, menos individualista e mais solidária. Ou seja, não existe mais o dono ou os donos da verdade. Através do diálogo, entre professores e alunos, chega-se a uma verdade relativa e momentânea, contudo alcança-se o maior objetivo: a transformação desses sujeitos.

Segundo Assmann (1998, p. 65), um dos principais desafios da Sociedade da Informação e do Conhecimento reside no desenvolvimento das competências e conhecimentos tácitos necessários para utilizar a informação de forma crítica e eficaz.

A aparição e a utilização generalizada de eficazes meios de comunicação e informação de massa têm provocado mudanças no modelo tradicional de ensino. Novas abordagens de ensino exigem, em primeiro lugar, um conhecimento exaustivo e real, não apenas de usos, como também de alcances a

partir da assistência sistemática da revolução tecnológica. O professor passa a ser desafiado a criar grandes projetos de conhecimento aliados à pesquisa. Esta produção de conhecimento demanda também a participação efetiva dos alunos no processo educativo (BEHRENS, 1996, p. 63). Para isso cabe ao professor ajudar os jovens, por si mesmos e, de forma crítica e ética a ordenar todas as fontes de informação desordenadas, dando-lhes sentido e relevância.

Porém, o professor não foi formado com uma bagagem que o autoriza desenvolver novos projetos ou “alçar vôos mais desafiadores”, o que dificulta alterar seu papel, pois esta ação se apresenta além da sua vontade própria. Portanto, faz-se necessário repensar a formação do docente num processo pedagógico contínuo e participativo, além de provocá-lo para uma nova realidade, uma nova era (BEHRENS, 1996, p. 62), precisa-se pensar na profissionalização do professor.

Segundo Nóvoa (1992, p. 27), os cursos de capacitação de docentes organizados mesmo que continuamente, porém em torno dos professores individuais, podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e técnicas, entretanto favorecem o isolamento e reforçam uma imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que busquem as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importante é valorizar paradigmas de formação que instiguem a preparação de professores reflexivos, capazes de assumir a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implantação de políticas educativas.

A universidade exerce um papel de destaque e de responsabilidade no processo de inovação imposto pela sociedade do conhecimento, e ainda deve buscar ampliar sua relevância social. Porém, as mudanças necessárias tropeçam na própria estrutura das universidades, na burocracia, no currículo e, muitas vezes até, em sua estrutura física.

Dentro desse contexto histórico, está o professor de odontologia, sua formação, sua realidade, suas expectativas diante do futuro.

Para Zanetti (2000, p. 2), o cirurgião-dentista, mesmo sofrendo e sentindo as novas situações às quais está exposto, não é capaz de investigar, compreender e explicar as mesmas, pois nunca foi estimulado a refletir criticamente sobre a sucessão de fatos históricos, suas conseqüências e propriedades sociológicas, antropológicas, econômicas e políticas.

A formação do cirurgião-dentista esteve sempre apoiada no paradigma newtoniano-cartesiano (da modernidade). Apesar de ser uma profissão da área da saúde, a odontologia, como outras afins - a medicina, a enfermagem, a fisioterapia -, caracteriza-se por ser tecnicista e simplista. A técnica e os materiais sempre foram super valorizados e o próprio conhecimento científico foi posto em segundo plano, como também a ênfase sempre foi dada à doença e não à saúde.

“O processo educativo nos cursos de odontologia tem se caracterizado por uma atitude docente tradicional, preocupada somente com a transmissão de conteúdos aos alunos” (SANTOS e GOMES, 2000, p. 7). Segundo Batista e Batista (2004, p. 27), a seqüência da projeção, marcada pela expressão “o próximo”, é o que orienta a aula e não as perguntas dos discentes, ou a reconstrução em sala de aula dos conteúdos a serem trabalhos.

A fragmentação do conhecimento com conseqüente fragmentação disciplinar dissociou de forma marcante os ciclos básico e profissionalizante, dificultando ao aluno unir as partes para obter uma visão analítica e crítica do todo, ao final do período.

O Conselho Nacional de Educação instituiu, no ano de 2001, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Odontologia, as quais devem ser observadas na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do País. Pretende-se, com as diretrizes, chegar à formação de profissionais críticos, capazes de aprender a aprender, de trabalhar em equipe, de levar em conta a realidade social para prestar uma atenção humanizada e de

qualidade (FEUERWERKER, 2003, p. 25). Muitas universidades já reformularam seus currículos, outras estão em fase de reformulação, porém, parece ainda distante a internalização por professores, alunos e mesmo coordenadores das concepções propostas pelas novas diretrizes.

A superação paradigmática da reprodução do conhecimento para a produção do conhecimento, da fragmentação para a interdisciplinaridade, do professor como centro do processo de aprendizagem para orientador, do aluno como ser passivo para ativo, nos cursos de odontologia parece ser ainda uma meta e não uma realidade. Pois, segundo Garbin et al (2006, p. 9), muitos cursos de mestrado e doutorado em odontologia ainda privilegiam a formação dos professores centrada nas técnicas e especialização, colaborando assim para a perpetuação do paradigma mecanicista nas instituições de ensino superior. Também os alunos, para Behrens (1996), acostumados “às receitas” (p. 40), precisam ser estimulados a recriar mecanismos diversificados para aprender.

A perspectiva da educação, neste início de século, apresenta-se com importantes desafios a serem transpostos. Porém, em muitos ambientes universitários, a realidade parece ainda insistir em se distanciar do discurso e assim perpetua-se o passado. Será mesmo esta a realidade?

Através do estudo das dimensões históricas dos paradigmas da educação que influenciaram e influenciam o ensino da odontologia, da compreensão de como ocorre a formação do professor de odontologia, das práticas pedagógicas e procedimentos didáticos por ele utilizados, espera-se analisar e entender pontos conflitantes entre o profissional que se forma e o que a sociedade espera de um cirurgião-dentista na atualidade.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

Como e por que a visão positivista ainda predomina na prática pedagógica do professor de odontologia e representa um empecilho importante para o desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva do aluno do curso de formação de cirurgião-dentista?

3 OBJETIVOS

Nessa sessão apresento os objetivos geral e específicos.

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar criticamente a hegemonia da concepção positivista do conhecimento científico sobre a formação e a prática pedagógica do professor de odontologia, bem como a possibilidade e necessidade de superação dessa visão para o processo de desenvolvimento da consciência crítica e reflexiva do aluno do curso de formação de cirurgião-dentista.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a superação ou não das concepções antigas de ensino-aprendizagem pelo professor de odontologia.
- Fazer uma análise crítica da realidade do professor de odontologia, sua formação e prática pedagógica.
- Apontar alternativas para a superação paradigmática que a sociedade do conhecimento exige.

4 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, optou-se por uma metodologia qualitativa, utilizando-se a abordagem crítico-dialética. Segundo Triviños (1987, p. 73), o pesquisador que segue uma linha teórica histórico-crítica deve ter presente em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social, como, também, do pensamento e a possibilidade de se conhecer a materialidade dos fenômenos.

Uma das características essenciais da dialética é o espírito crítico e autocrítico. Assim, como examinam constantemente o mundo em que atuam, os dialéticos devem estar sempre dispostos a rever as interpretações em que se baseiam para atuar (KONDER, 2004, p. 83).

Pesquisando a formação e a prática do professor de odontologia de forma dialética, deve-se vislumbrar que este objetivo de pesquisa faz parte de um todo e que cada ação empreendida defronta-se com outros problemas interligados. Cada professor e cada aluno de odontologia possuem sua história de vida que interfere no processo educacional, bem como a própria universidade e os organismos públicos. Além disso, todos estes 'objetos', que na verdade são sujeitos da pesquisa, estão inseridos em um período histórico em que ocorre uma *transformação* paradigmática, da certeza do positivismo para a dúvida pragmática, que se baseia na experiência humana e na história local.

Sendo assim, para descobrir a realidade de forma aprofundada, penetrando na essência dos fenômenos, procurou-se realizar operações de síntese e de análise que pudessem esclarecer não só a dimensão imediata, como também a dimensão mediata, que foi sendo descoberta, construída e reconstruída aos poucos (KONDER, 2004, p. 47).

Como bem situa Mazzotti (2003, p. 36), o problema a ser pesquisado deve-se situar como um “pano de fundo” e sobre este uma discussão ampla sobre o tema, envolvendo a interpretação dos resultados obtidos, confrontando-os com estudos anteriores sobre o mesmo tema, apontando corroborações e discordâncias, com o intuito de contribuir para o avanço do conhecimento.

De acordo com Triviños (1987, p. 73), existe um procedimento geral que orienta o conhecimento do objeto que pode, segundo o autor, ser esboçado da seguinte forma:

- a) A contemplação viva do fenômeno: é a etapa inicial do estudo. Realizam-se as primeiras reuniões de materiais, de informações, fundamentalmente através de observações e análise de documentos (dispositivos legais, diretrizes,...). Identificam-se as principais características do objeto. Delimita-se o fenômeno.
- b) Análise do fenômeno: observam-se os elementos ou partes que o integram. Estabelecem-se suas relações sócio-históricas. Elaboram-se juízos, raciocínios, conceitos sobre o objeto.
- c) A realidade concreta do fenômeno: isto significa estabelecer os aspectos essenciais do fenômeno, seu fundamento, sua realidade e possibilidades, seu conteúdo e sua forma, o que nele é singular e geral, o necessário e o contingente etc. São momentos de investigação que tendem a estabelecer a realidade concreta do fenômeno.

Contemplando a prática pedagógica do professor de odontologia, seu percurso acadêmico, investigando sua formação docente, quais suas aspirações como professor, importância para sociedade, preocupação com a formação integral

do aluno, bem como a relação professor-aluno-universidade - MEC, buscou-se analisar o contexto atual do ensino da odontologia, na cidade de Curitiba, e apontar caminhos que levem a transformação deste professor, e conseqüentemente, do cirurgião-dentista. Para tal, foi utilizada a entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados, por ser um processo de interação entre duas pessoas, onde o entrevistador busca a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado (HAGUETTE, 2003, p. 86). Na verdade, tratou-se de uma conversa orientada com o objetivo maior de recolher dados para a pesquisa.

Entende-se por entrevista semi-estruturada aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que oferecem um grande campo de interrogativas, resultando em novas hipóteses que surgem à medida que o entrevistador recebe as respostas do entrevistado (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Na qualidade de instrumento de coleta de dados, a entrevista, segundo Haguette (2003, p. 86), está submetida aos preceitos do método científico, “um dos quais é a busca de objetividade, ou seja, a tentativa de captação do real, sem contaminações indesejáveis nem da parte do pesquisador nem de fatores externos que possam modificar aquele real original”. Sabendo que a objetividade absoluta é um ideal inatingível, ela deve, mesmo assim, ser a grande meta do pesquisador.

Deste modo, procurou-se formular as perguntas de forma não tendenciosa, assim como o entrevistador procurou não interferir nas respostas, porém sempre buscando o máximo de informação.

Neste trabalho foram entrevistados dez professores (seis professoras e quatro professores), das quatro faculdades de odontologia da cidade de Curitiba, das seguintes universidades: Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Tuiuti do Paraná e Centro Universitário Positivo.

Diferentes grupos de professores de odontologia foram analisados. Desde o recém ingressado na docência até o mais experiente, como também os diferentes perfis profissionais (professores de tempo integral na universidade, professores horistas, concursados, doutores, mestres, especialistas, tradicionalistas, inovadores). O tempo médio de docência foi de dezessete anos e dois meses.

A busca de representatividade do grupo foi um importante fator para análise da realidade do professor de odontologia, com todas as suas relações e contradições, o dinamismo inerente à vida docente, seus anseios, dúvidas, medos, sua visão da realidade e expectativas diante do futuro.

As entrevistas foram gravadas e logo, em seguida, transcritas e analisadas, com a aprovação prévia do informante.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, as conclusões apresentadas neste trabalho não são generalizáveis. Porém, esta metodologia “fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais” (HAGUETTE, 2003, p. 63).

5 A SUPERAÇÃO DO PARADIGMA DA MODERNIDADE

A ciência se consolidou, nos últimos séculos, apoiada no paradigma newtoniano-cartesiano, definido como tudo que pode ser observado de forma objetiva, neutra e constante, portanto, positiva de suas manifestações. O núcleo dessa perspectiva era um “determinismo causa-efeito matematicamente mensurado” que “dependia de um universo fechado, não-transformativo, linearmente desenvolvido” (DOLL, 2002, p. 37).

Essas concepções indicaram uma nova percepção epistemológica que definiu um método capaz de orientar os procedimentos investigativos. Dentro da visão objetivista do paradigma da modernidade, havia apenas uma forma de conhecimento verdadeiro, e esse era sinônimo de quantificação. Tudo o que não podia ser demonstrado matematicamente era cientificamente irrelevante ou inválido. Nesse sentido, Stephen Hawking afirma, em seu livro *O universo numa casca de noz* (2001, p. 31), que uma teoria científica segura é um modelo matemático que descreve e codifica as observações que fazemos.

O método científico consistia também na redução da complexidade, no teorema da invariância, da universalidade, na estabilidade do mundo e na idéia do mundo-máquina (MORAES, 1998, p. 29-54).

A ciência contemporânea, baseada neste paradigma, influenciou não só a pesquisa como também o ensino nas universidades. Na educação, a racionalidade científica foi empregada na lógica da construção dos currículos, na avaliação, nas normas, na fragmentação dos conteúdos, na reprodução do conhecimento e na própria prática em sala de aula, onde o professor, detentor do saber, “deposita” sobre os alunos, como bem ilustra Freire (1992), as informações que devem ser memorizadas e reproduzidas. Segundo Maia (2003, p. 117), “as

metodologias de ensino baseiam-se na transmissão de informações e há uma grande centralidade no docente, em suas aulas expositivas para grandes grupos, com reduzidos recursos didáticos complementares”.

Nessa perspectiva, os alunos são considerados seres passivos que não participam do processo de elaboração e aquisição do conhecimento, apenas assimilam os conteúdos transmitidos e os reproduzem, como *tabula rasa* — utilizando a tradução latina de *white paper* — expressão empregada pelo empirista John Locke (in MORAIS, 1988, p. 85) que alertava ao pesquisador sempre manter a sua alma como uma tábua rasa, onde a verdade será gravada pela experiência e sem a sua influência.

Para Moraes (1998, p. 32), o paradigma da modernidade decorre da associação de correntes de pensamento da cultura ocidental, dentre elas a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial, que ocorreram a partir do século XV.

Até o início da Revolução Científica, “o mundo medieval era passivo e simbólico; via nas formas da natureza a assinatura do Criador” (BRONOWSKI, 1990, p. 85). Nicolau Copérnico (1473-1543), porém criou a teoria do heliocentrismo, contrária à concepção aceita na época de que a terra era o centro do “mundo”. Em seguida, Galileu (1564-1642) inventou o telescópio e comprovou a teoria de Copérnico, além de introduzir a descrição matemática da natureza e o método experimental que até hoje são utilizados como critérios para teorias científicas. No mesmo período, Bacon (1561-1626) formulava sua teoria do procedimento indutivo baseada em observações particulares para chegar a conclusões gerais a serem testadas em novas experimentações, formulando assim um novo método de experimentação científica (MORAES, 1998, p. 34-35).

Descartes (1596-1650) propôs a decomposição do pensamento e dos problemas para melhor compreendê-los e expressou, a seu modo, a visão de

dois mundos: o dos objetos (*res extensa*), relevante para o conhecimento objetivo, e outro do sujeito (*res cogitans*), um mundo intuitivo, reflexivo. Ocorreu assim a fragmentação do conhecimento e a separação entre corpo e alma, ciência e religião, teoria e prática (MORAES, 1998, p. 36-37).

No final do século XVII, Isaac Newton (1642-1727) completou o pensamento de Descartes, dando realidade à visão de mundo como máquina perfeita. Para Newton, tudo funcionava como uma máquina conduzida por leis imutáveis, de forma simples e previsível. Desta forma, fenômenos, atividades e experiências passaram a ser quantificáveis (MORAES, 1998, p. 37).

Essa racionalização, apoiada na ciência de Copérnico, Galileu, Newton, Bacon e Descartes, levou à “idéia da matéria como fenômeno central do universo e do tempo e do espaço com significados absolutos” (TESCAROLO, 2004, p. 28) conduzindo a um otimismo epistemológico sem paralelo, numa visão otimista do poder do homem de discernir a verdade, adquirir conhecimento (POPPER, 1982, p. 33) e controlar a natureza.

O Iluminismo forneceu as bases teóricas do conhecimento científico denominado positivismo que adota o método empirista da abordagem dos objetos. Como consequência, ocorreu a separação entre o conhecimento científico e o senso comum, entre homem e natureza (MORAES, 1998, p. 40) e entre ciências naturais e sociais.

Na filosofia da ciência moderna, o empirismo lógico decreta que as disciplinas que pretendem se tornar científicas devem imitar a linguagem da física e da matemática, considerada a linguagem universal da ciência. Segundo Giannetti (2002, p. 22) “a equação fundamental do iluminismo europeu pressupunha a existência de uma espécie de harmonia preestabelecida entre o progresso da civilização e o aumento da felicidade”. Esta visão estava apoiada nos seguintes vetores de mudança:

- o avanço do saber científico;
- o domínio crescente da natureza pela tecnologia;
- aumento exponencial da produtividade e da riqueza material;
- a emancipação das mentes após séculos de opressão religiosa, superstição e servilismo;
- a transformação das instituições políticas em bases racionais, e
- o aprimoramento intelectual e moral dos homens por meio da ação conjunta da educação e das leis.

Durante a Revolução Industrial, acreditava-se que, por meio da industrialização, nasceria uma nova sociedade que utilizaria os princípios da ciência para o benefício econômico e social de todos. Essa revolução foi, e continua sendo hoje, uma força dominante na sociedade, moldando valores, crenças, a maneira de conceber o mundo, o homem, o conhecimento e a educação (DOLL, 2002, p. 55).

Sem dúvida, a visão iluminista e a industrialização foram importantes fatores para o processo evolutivo do pensamento humano, trazendo grande progresso científico e tecnológico. Hoje, somos capazes de saber instantaneamente o que ocorre no outro lado do mundo, de nos comunicar com pessoas, não importa onde estejam, de ter informações de qualquer espécie através da televisão, do rádio, dos meios de comunicação escritos e da Internet. O homem passeia pelo espaço e ainda provoca grandes revoluções na área da saúde, com desenvolvimento de vacinas, técnicas cirúrgicas, materiais e medicamentos. Porém, o maior objetivo, que era a emancipação do ser humano, não ocorreu. E ainda, o total desprezo da natureza pela humanidade ocasionou a poluição do ar e das águas, o desmatamento, a extinção de várias espécies animais e vegetais, o buraco da camada de ozônio, o aquecimento global e todas as suas conseqüências prejudiciais à vida na terra.

Através da dominação da natureza, da busca do desenvolvimento baseado no comércio, pela justiça social através da conversão da ciência em força produtiva, o homem procurou obter essa sua emancipação. Mas, o cientificismo objetivista, juntamente com o capitalismo, foram ineficientes ao lidar com o progresso e as interações interpessoais, levando a uma ética individualista e à valorização dos bens materiais, criando a “sociedade do ter”. O homem se afastou da natureza, de seus princípios e de si mesmo na busca incessante da informação, dos bens de consumo e, muitas vezes, de algo que não sabe o que é. Existe um vazio, perguntas sem respostas, a humanidade sente-se muitas vezes perplexa. Inicia-se, enfim, um período de crise, crise paradigmática.

De fato,

mesmo tendo acesso ao mais alto grau de desenvolvimento tecnológico, o homem passou a viver uma crise acentuada, alicerçando conflitos diários, administrando um processo de cobrança de eficiência e eficácia em favor de um produto e de um capital. A busca da riqueza tem gerado processos de violência, depressão e até destruição do próprio homem (BEHRENS, 2000, p. 23).

No entanto, Hannah Arendt (2002, p. 223) chama a atenção para o fato de que uma crise não é necessariamente sinônimo de desastre, mas de oportunidade para reflexão sobre a situação, propiciando a construção de experiência.

O homem moderno, submetido a modelos e padrões consumistas, busca nos bens materiais a felicidade, passando por cima dos valores, das pessoas e muitas vezes por cima de si mesmo, para consegui-los. Afasta-se do caminho da ética e esquece os preceitos válidos para a sua felicidade e a do outro. Concordando com Joseph Schumpeter (*apud* HARGREAVES, 2004, p. 17), entendemos que a sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que estimula o crescimento e a

prosperidade, desgasta e fragmenta a ordem social em razão de sua busca incansável de lucro e satisfação solipsista.*

O século XX foi, de muitas maneiras, uma época de desilusão, de incerteza e ansiedade (DOLL, 2002, p. 76). As certezas, as verdades positivas começaram a ser questionadas, no início do século, com Einstein. A teoria da relatividade geral de Einstein “transformou espaço e tempo de um palco passivo onde os eventos ocorrem, a participantes ativos na dinâmica do universo” (HAWKING, 2001, p. 21). Einstein descobriu que suas equações não tinham uma solução que descrevesse um universo estático, inalterável no tempo, como o descrito por Newton. Outra grande revolução conceitual do início do século XX foi a da mecânica quântica e o princípio da incerteza desenvolvidos por Werner Heisenberg: “Partículas minúsculas não possuíam mais posição e velocidades definidas. Ao contrário, quanto mais exatamente for determinada a posição de uma partícula, menos exatamente será determinada a sua velocidade, e vice-versa” (HAWKING, 2001, p. 24). A verdade absoluta cede lugar à incerteza e à temporariedade do conhecimento.

O reconhecimento da intervenção do pesquisador na pesquisa e, desta forma, a não neutralidade apontou para novos caminhos para a produção científica. As repercussões desse novo modo de pensar o conhecimento provocam profundas transformações do mundo, tanto no campo da ciência, como também produzindo uma inquietação e uma reavaliação do sentido da vida e do papel do homem neste planeta.

A superação paradigmática acontece quando “dentro do contexto vigente, as soluções parecem impossíveis de serem alcançadas, o referencial utilizado parece incapaz de solucionar os problemas mais prementes” (MORAES, 1998, p. 5). Fala-se em superação paradigmática e não ruptura, pois, como afirma Kuhn, “embora novos paradigmas raramente (ou mesmo nunca) possuam todas as

* Solipsista: relativo à doutrina segundo a qual só existem o eu e suas sensações, sendo os outros seres todos meros partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 2603).

potencialidades de seus predecessores, preservam geralmente, em larga medida, o que as realizações científicas passadas possuem de mais concreto”. Permitem, assim, a solução concreta de problemas adicionais (2003, p. 214).

Segundo Feuerwerker (2003, p. 24),

na ciência, questiona-se a organização dos campos científicos mediante grandes estruturas abstratas. Atualmente o reconhecimento da complexidade leva a ciência a produzir novas explicações, que rompem as fronteiras entre os diversos campos científicos e colocam em cheque a lógica da especialização e do conhecimento mediante ‘desmontagem’ dos objetos em suas partes, que imperam na operação definida pelo racionalismo.

Na visão fragmentada do conhecimento imposta pela visão racionalista, as disciplinas isoladas se dirigem apenas a seus respectivos campos: a biologia cuida dos fenômenos biológicos, a física, dos físicos e assim por diante. Fragmentados, esses domínios acabam se subdividindo em muitos outros e, então, criam-se as especialidades e as subespecialidades, que são acompanhadas pelo estreitamento mental dos especialistas (MARIOTTI, 2002, p. 91).

A abordagem multidisciplinar, que é a organização de conteúdos mais tradicional, levou a uma justaposição de disciplinas mais ou menos próximas em um mesmo setor de conhecimento, porém sem que ocorra comunicação entre elas, ou, sem que se manifestem as relações que possam existir entre elas, de forma explícita (ZABALA, 2002, p. 33). Pode-se ilustrar com a odontologia onde o endodontista tem seu discurso, o ortodontista o seu modo de pensar, o odontopediatra o seu, e assim por diante.

O próximo passo é a interdisciplinaridade, onde diferentes disciplinas, duas ou mais, examinam o mesmo objeto, tentam comunicar-se entre si e procuram tornar mais compreensíveis os seus respectivos discursos (MARIOTTI, 2002, p. 91).

A atual revolução científica ocorre em uma sociedade já revolucionada pela ciência. Desta forma, o novo paradigma não pode apenas ser um paradigma científico, tem de ser também um paradigma social, como bem define

Santos (2000, p. 74): “o paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente”. A participação e a solidariedade passam a ser a forma hegemônica do saber, onde não ocorre distinção entre sujeito e objeto e sim uma reciprocidade, ou seja, o sujeito interfere no objeto e o transforma, e vice-versa.

No novo paradigma, não há mais lugar para o determinismo, o mecanicismo, a ordem, a eternidade, mas sim, para a imprevisibilidade, a interpretação, a desordem e o momento histórico, ou seja, o contexto. A ciência estará impregnada de criatividade e criticidade, em busca de transformação e não de descoberta. O conhecimento científico, combinado com o estético, religa os antigos nós desfeitos entre a filosofia, a arte e a ciência.

Segundo Tescarolo (2004, p. 27), não se pode contestar que uma profunda transição paradigmática ocorre, trazendo um clima de perplexidade em que convivem simultaneamente excessos de determinismo e de indeterminismo, de ordem e de desordem. E, neste momento, em que se prenuncia a emergência de uma nova racionalidade, as relações entre os seres humanos, e desses com o conhecimento e com o mundo, certamente mudarão drasticamente.

6 O PROFESSOR E A CRISE PARADIGMÁTICA

A universidade já não é o único acesso à informação. Sendo assim, a visão de terminalidade oferecida nas universidades, nos cursos de graduação, deve ser ultrapassada (BEHRENS, 2000, p. 70), pois,

o desenvolvimento exponencial do conhecimento técnico-científico e a transitoriedade do conhecimento trazem implicações claras para a redefinição do lugar do docente: seu papel não pode vincular-se apenas ao domínio e à transmissão dos conteúdos de sua disciplina (BATISTA, 2004, p. 40).

Segundo Tescarolo, o simples acesso à informação não torna automaticamente os cidadãos mais esclarecidos, críticos, ativos ou melhores. A análise dos interesses, valores, ocupações e serviços relacionados à informação que está sendo acessada é de fundamental importância (2004, p. 62). Portanto, o papel do professor passa de simples “informador” para formador de indivíduos preparados para selecionar de forma criteriosa as informações, privilegiando as boas fontes e utilizando-as de forma analítica, crítica e ética (CONSOLARO, 2005, p. 30).

A educação se confronta com a tarefa de formar cidadãos e cidadãs para os quais a criatividade, a ternura e a solidariedade sejam, ao mesmo tempo, desejo e necessidade. O novo contexto tecnológico da sociedade do conhecimento torna a aprendizagem, ao longo da vida, um imperativo de sobrevivência. Diante desta realidade, os frutos da educação já não podem resumir-se a conhecimentos acumulados, mas devem avaliar-se nas experiências de aprendizagem e na competência de continuar aprendendo (ASSMANN, 1998, p. 35).

Fica assim bastante fácil perceber que o real papel do professor é o de educar o aluno a aprender a aprender e a produzir conhecimento.

Para Piaget, educar é, essencialmente, criar condições para o desenvolvimento do ser humano e este desenvolvimento deve ocorrer de forma

progressiva e constante. Os professores na realidade não devem ensinar, mas sim procurar as condições para que o aluno aprenda (DELVAL, 2003, p. 112).

Hannoun (1998, p. 177) afirma que “educar é recusar deixar por conta apenas da *natureza* a orientação do mundo em que vivemos”.

“A universidade, uma comunidade pensante, existe para ensinar a desenvolver o espírito crítico de seus estudantes e o seu próprio julgamento. Educar para a universidade significa ensinar a pensar sozinho” (CONSOLARO, 2005, p. 23).

Ensino e educação são conceitos diferentes. O ensino consiste de uma série de atividades didáticas organizadas para ajudar os alunos a compreenderem áreas específicas do conhecimento. Já a educação envolve, além de ensinar, ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão da totalidade (MORAN, 2000, p. 12). Ou seja, o papel do ensino, e desta forma do professor, não pode ser reduzido ao simples treinamento de habilidades e práticas, mas sim, deve envolver a educação de uma classe de intelectuais, que é vital para o desenvolvimento de uma sociedade livre (GIROUX, 1997, p. 162).

Sendo assim, a educação busca a formação de cidadãos críticos (capazes de decidir com sabedoria e julgar com precisão), solidários (sensíveis às responsabilidades sociais) e éticos.

Zabala (2002, p. 53) acredita que a educação “deve consistir na formação de todos os cidadãos e cidadãs para que sejam capazes de responder aos problemas que lhes colocará uma vida comprometida com a melhoria da sociedade e deles mesmos”. Sendo assim, a educação deve influir em todas as dimensões de desenvolvimento da pessoa: social, interpessoal, pessoal e profissional.

Na dimensão social, o indivíduo deve “participar ativamente da transformação da sociedade, o que significa compreendê-la, avaliá-la e intervir nela, de maneira crítica e responsável, com o objetivo de que seja cada vez mais justa, solidária e democrática” (ZABALA, 2002, p. 53).

Não há mais espaço para a individualidade. A cooperação, a solidariedade e a tolerância são indispensáveis para que o mundo progrida em direção à paz, à liberdade, à justiça social e à igualdade entre os seres humanos.

O mundo vive hoje uma grave crise de intolerância religiosa, racial, social, política e ideológica. O ataque de 11 de setembro ao *World Trade Center*, pelos radicais islâmicos e, posteriormente, as guerras do Afeganistão e do Iraque, pelos americanos do norte, são exemplos desta intolerância. O problema é que as grandes nações desenvolvidas lutam pela “globalização”, porém com os olhos voltados apenas para seus próprios interesses, não buscam o desenvolvimento dos países mais pobres (subdesenvolvidos ou em desenvolvimento), o que acarreta o ódio e o ressentimento destas nações. O paradoxo da globalização é o fato de que ela e a homogeneização levam muitos daqueles que não podem compartilhar seus benefícios a se voltar para dentro, para a cultura, a religião e a etnicidade como fontes alternativas de sentido e identidade (HARGREAVES, 2004, p. 63).

A educação deve promover também um desenvolvimento interpessoal. “Saber relacionar-se e viver positivamente com as demais pessoas, cooperando e participando de todas as atividades humanas com compreensão, tolerância e solidariedade” (ZABALA, 2002, p. 54).

Aprender a conviver, conhecendo e responsabilizando-se pelo outro, respeitando as diferenças, sendo crítico e capacitado a analisar e compreender os fatos e, assim, decidir o caminho a percorrer, sem se deixar influenciar pelos interesses de grupos ou de minorias: este é o caminho para transformar o mundo, onde a competitividade, a superficialidade, o consumismo, o individualismo e as ações antiéticas imperam.

Para que a relação interpessoal seja adequada, o indivíduo deve, primeiramente, conhecer e compreender a si mesmo.

Este autoconhecimento implica num processo que no pensamento filosófico em torno de Sócrates aparece como “cuidar de si mesmo” (*gnôthi seautón*). No texto de Platão, *A apologia de Sócrates*, “Sócrates apresenta-se como aquele

que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descurarem de si” (FOUCAULT, 2004, p. 7). Esta é a base das questões entre sujeito e verdade. Este pensamento foi, durante todo o período helenístico e romano, a base da racionalidade e da moral.

Para os gregos, o sujeito alcança a verdade no momento em que possui conhecimento de si, cuidando de si, sabendo de seus limites, de seu valor, tendo domínio sobre si e, desta forma, sendo capaz de transformar-se, estabelecendo, assim, o “princípio da conversão a si mesmo, a cultura de si elabora uma ética que é e permanece sempre uma ética da dominação, do domínio e da superioridade de si sobre si” (GROS, 2004, p. 654). Quando um problema afeta o indivíduo sobremaneira, a capacidade de domínio e de análise fica prejudicada, o que dificulta suas ações e favorecem práticas antiéticas e imorais. Quando não existe o domínio sobre si mesmo, em momentos de crise, perde-se o autocontrole. Passa-se então a culpar os pares, a julgá-los, e assume-se atitudes que não condizem com suas crenças e valores.

A partir do momento em que o indivíduo conhece a si mesmo, pode então conhecer as demais pessoas, a sociedade e o mundo em que vive, obtendo desta forma capacitação para exercer responsável e criticamente a autonomia, a cooperação, a criatividade e a liberdade. Esta é a dimensão pessoal no desenvolvimento do indivíduo, baseada numa educação que permite “aos indivíduos emanciparem-se dos ditados da ignorância e da superstição, capacitando-os racionalmente para transformar a si mesmos e ao mundo social em que vivem” (ZABALA, 2002, p. 56).

A dimensão profissional engloba a disposição dos conhecimentos e habilidades, ou seja, a competência, que permite às pessoas exercer uma tarefa profissional adequada às suas necessidades e capacidades. Desta forma, o ensino não deve se limitar à aprendizagem de um ofício pelo aluno, mas sim à aquisição das competências que permitem fazer frente às numerosas e variáveis situações que serão encontradas pelo trabalhador ou trabalhadora. O indivíduo deve estar apto à mudança, a evoluir, porque a crise de valores, que hoje ocorre, afeta a

instabilidade no trabalho, pois, a lógica do dinheiro prevalece sobre as necessidades humanas (ZABALA, 2002, p. 57).

De acordo com Libâneo (1998, p. 18) “para serem enfrentados os desafios do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, da mundialização da economia, da transformação dos processos de produção, do consumismo, do relativismo moral, é preciso um maciço investimento na educação”.

Como resistência a esse processo predatório da economia, na sociedade do conhecimento, os professores devem empenhar-se, na medida de seu compromisso com o desenvolvimento da consciência crítica dos seus alunos a partir da sua própria, para compreender a realidade contemporânea em que seus alunos vivem e virão a trabalhar (HARGREAVES, 2004, p. 19).

Pode-se resumir transcrevendo uma citação de Zabala (2002, p. 59) que diz:

O objetivo do ensino consiste em preparar os meninos e as meninas para serem capazes de dar resposta aos problemas que lhes colocará sua vida pessoal, social e profissional, devemos entender que o que se deve tratar na escola são esses problemas, ou seja, o que podemos denominar *a realidade, o mundo real*. Do que se disse é possível depreender que, se a finalidade última é a intervenção na realidade, este deve ser o verdadeiro objeto de estudo para os alunos. A realidade complexa, seu conhecimento e a atuação nela devem ser o conteúdo fundamental do ensino.

O indivíduo adquire, durante toda a vida, três tipos de conhecimento, segundo as ciências cognitivas (PERRENOUD, 1999, p. 8):

- os conhecimentos declarativos, os quais descrevem a realidade sob a forma de fatos, leis constantes ou regularidades;
- os conhecimentos procedimentais, os quais descrevem o procedimento a aplicar para obter-se algum tipo de resultado (por exemplo, os conhecimentos metodológicos);

- os conhecimentos condicionais, os quais determinam as condições de validade dos conhecimentos procedimentais.

Não basta adquirir conhecimentos declarativos, procedimentais e condicionais se o indivíduo não souber utilizá-los, para de forma crítica avaliar, entender e enfrentar os problemas e as situações impostas tanto pela vida profissional, como social, interpessoal e pessoal. Ou seja, a simples transmissão de conhecimentos, pelo professor, não é o bastante para a formação de alunos capazes de enfrentar o mundo e sua realidade.

Demo (2000, p. 9), em seu livro *Conhecer e Aprender: sabedoria dos limites e desafios*, afirma, já na introdução, que,

a competência humana fundamental não é a técnica, mas política, ou seja, muito mais relevante do que dominar tecnicamente a natureza é saber o que fazer da vida. Ainda que não se chegue aos fins sem os meios, são os fins que trazem sentido aos meios, não ao contrário.

Analisando o pensamento de Demo questiona-se: qual é o sentido profissional da vida, por exemplo, de um médico? Sem dúvida, não são as técnicas operacionais, não são os exames laboratoriais, os medicamentos que devem estimular e fomentar o trabalho do médico. Estes são os meios. Através da informação e da construção de conhecimentos, somados à competência do médico em interpretar, relacionar, interpolar e até inventar, é que o mesmo consegue chegar ao seu fim: o paciente e seu bem estar. Da mesma forma, o aluno é o sentido da vida profissional do professor. Formar homens e mulheres capazes de manejar conhecimento, da melhor maneira possível, preparados para enfrentar o mundo do trabalho e a alta competitividade deve ser o verdadeiro sentido da docência. Manejando bem o conhecimento, pode-se mais facilmente mudar a história (DEMO, 2000, p. 10).

Além disso, deve-se ter consciência de que a aprendizagem dos alunos é o objetivo central dos cursos de graduação e que o trabalho do docente deve privilegiar não apenas o processo de ensino, mas o processo de ensino-aprendizagem, em que a ênfase esteja presente na aprendizagem dos alunos e não somente na transmissão de conhecimentos por parte dos professores (MASSETO,

1998, p. 12). O enfoque da pergunta – o que devo ensinar para meus alunos?- muda para - o que meus alunos necessitam aprender, por que e para quê?

Aprender, para Meirieu (1998, p. 69), é “um processo que somente ocorre pela interação entre informações disponíveis e um processo singular de apropriar-se das informações, configurando-se sentidos, significados”. O aprendizado acontece quando o indivíduo passa a compreender parcelas do mundo exterior, integrando-as em seu universo e então, constrói sistemas de representação cada vez mais aprimorados, que permitem a ação e a transformação desse mundo (idem, p. 37). É nesses movimentos de transformação que as pessoas vão elaborando suas possibilidades de intervir, questionando o estabelecido, concordando ou não com as opções coletivas e contribuindo com alternativas de superação (BATISTA, 2004, p. 61).

Na concepção de Vygotsky (OLIVEIRA, 2002, p. 56), a aprendizagem é um processo que sempre inclui relações entre indivíduos, a interação do sujeito com o mundo ocorre através da mediação feita por outros sujeitos. O processo de aprendizagem não ocorre desassociado do processo de ensino, pois inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre estas pessoas.

“O ensino, analisado isoladamente, sinaliza um sentido singular do aprendizado. Assim, ensino e aprendizagem não devem ser analisados separadamente, visto que compreendem unidades interativas” (ESTRELA, 2005, p. 57).

Assim, o processo de ensino-aprendizagem engloba a relação interpessoal entre professor e aluno. O professor deve ter como objetivo principal a formação do aluno. Através da aprendizagem e da competência adquirida pelo aluno, o mesmo se torna apto a selecionar e avaliar as informações transmitidas pelo professor, bem como a gama de informações que o cercam.

Surge, então, a grande questão: está o professor apto a se colocar como verdadeiro educador? Para responder a esta pergunta, deve-se,

primeiramente, fazer uma reflexão a respeito da profissão docente e da formação dos professores.

Num mundo onde as pessoas se sentem sós, muitas vezes sem rumo, onde a insegurança faz parte do cotidiano e a descrença no outro é uma realidade, a educação e, conseqüentemente, o professor tem um papel preponderante. É imperativa, então, a exigência de uma retomada do papel do professor na sociedade, e que, como educador, além da competência intelectual e a competência técnica, haja também a competência política (BEHRENS, 1996, p. 35). Desta forma, a profissionalização docente passa a ser um desafio.

Porém, as políticas de reforma educacional, reforçadas por prêmios e punições, feitas através de uma regulação vinda de uma orientação política emanada de um governo central para uma periferia de instituições, na realidade induzem essas instituições periféricas a tornear os regulamentos. “Arranjar” os relatórios de forma a sintonizá-los com a política central e a fazer uma interpretação literal das medidas em detrimento das intenções que lhes estão subjacentes, tal como as crianças aprendem a obter boas notas em vez de aprenderem os conteúdos que são ensinados, é a resposta dada pelas instituições como forma de liberdade de decisão (SHÖN, 1992, p. 79).

A profissionalização é uma transformação estrutural que o professor não poderá fazer sozinho. Por isso ela não se decreta (PERRENOUD, 2000, p. 178), como também, não irá acontecer através de cursos-relâmpago, que se reduzem a mero treinamento (DEMO, 2000, p. 21).

Isso significa que a profissionalização é uma “aventura coletiva, mas que se desenrola também, largamente, através das opções pessoais dos professores, de seus projetos, de suas estratégias de formação” (PERRENOUD, 2000, p.178). A profissionalização ocorre de maneira bastante complexa, pois não ocorre nem só de iniciativas individuais e nem só de políticas centralizadoras.

Porém, Gauthier (1998, p. 20-21) em seu livro *Por uma Teoria da Pedagogia*, sinaliza a necessidade dos professores em conceituar o seu ofício, como

também, a definir os saberes envolvidos no exercício da docência. Para o autor, antes de tudo, “é importante retomar certas idéias preconcebidas que apontam para o enorme erro de manter o ensino numa espécie de cegueira conceitual”. Durante muito tempo, acreditou-se, e muitos ainda hoje acreditam, que para ensinar, ao professor, bastava conhecer o conteúdo, ou ter talento, ou ainda, bastava ter bom senso, ou seguir a intuição, ou ainda, ter experiência e/ou cultura.

Entretanto, para ensinar, é preciso mais do que conhecer o conteúdo. O planejamento, a organização, a avaliação, como também os problemas de disciplina, as diferenças de respostas e de acompanhamento por parte dos diferentes alunos, tudo isso demonstra o quanto a atividade de ensino é complexa.

O caráter complexo, paradoxal e compósito da profissão docente

impõe inevitavelmente aos professores a obrigação de estarem sempre em situação e em estado de reflexão, de estarem sempre atentos, de analisarem as situações, de decodificarem as intenções e de adivinharem o significado dos comportamentos de todos os seus alunos, ao mesmo tempo em que procuram resolver questões, dificuldades ou problemas decorrentes dessas situações, intenções e comportamentos (MELLOUKI; GAUTHIER, 2004, p. 544).

Também o ensinar não é só uma questão de DOM, de talento. Pois, segundo Gauthier (1998, p. 21), há a necessidade de um aprimoramento desse talento, através do trabalho e da reflexão sobre ele. Além disso, poucos profissionais nascem com talento para o ensino e a necessidade de profissionais, na área de educação, é muito grande.

Também clamar pelo bom senso é simplesmente “insinuar que não existe nenhum conjunto de conhecimentos e de habilidades necessários ao exercício do magistério, e que basta usar o seu discernimento, como se este não precisasse de conhecimentos em que se apoiar” (GAUTHIER, 1998, p. 22).

Outra idéia é que para ensinar basta seguir a intuição. Mas, como pode o professor ser guiado apenas por sua consciência? Baseando-se unicamente em idéias preconcebidas, de forma acrítica? Ou ainda, como pode o professor aprender a ensinar somente pela experiência, ao sabor dos erros e acertos?

“Advogar unicamente em favor da experiência é prejudicar a emergência do reconhecimento profissional dos professores, visto que se reconhece uma profissão principalmente pela posse de um saber específico formalizado e adquirido numa formação de tipo universitário” (GAUTHIER, 1998, p. 24).

Enfim, da mesma forma que ocorre com o conhecimento da disciplina, o fato de que basta ter cultura para ensinar, sem dúvida é essencial, mas não é indicativo de suficiência.

Para Masetto (1998, p. 11), o exercício docente no ensino superior exige competências específicas, saberes próprios, que vão além de um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou, ainda, apenas o exercício de uma profissão. Pode-se apontar como competências próprias para o ensino superior, as seguintes características docentes:

- a) Competência em uma determinada área do conhecimento.
- b) Domínio da área pedagógica.
- c) Exercício da dimensão política.

1) Competência em uma determinada área do conhecimento.

Competência não é sinônimo de um simples conhecimento do conteúdo, da matéria. Além do domínio de conhecimentos básicos numa determinada área e a experiência profissional no campo, os quais devem ser atualizados constantemente em cursos de aperfeiçoamento, congressos e simpósios, intercâmbios, etc., o professor deve realizar pesquisas por meio de estudos e reflexões sobre temas teóricos ou experiências pessoais, reorganizando seus conhecimentos.

Para Demo (2000, p. 21), estratégica é a tese do professor como pesquisador:

a escola deveria ser um laboratório de aprendizagem e possuir infraestrutura para partilhar, construir e divulgar o conhecimento profissional. Aí nasce a verdadeira profissão de ensinar, que implica profissionalizar os professores, reunificar a pesquisa e o ensino e profissionalizar o ensino, sempre em nome da aprendizagem do aluno.

2) Domínio da área pedagógica.

Geralmente, “esse é o ponto mais carente de nossos professores universitários, quando vamos falar em profissionalismo na docência. Seja porque nunca tiveram oportunidade de entrar em contato com essa área, seja porque a vêem como algo supérfluo ou desnecessário” (MASSETO, 1998, p. 11).

O professor deve adquirir, durante sua formação profissional, determinados conhecimentos “que, embora não o ajudem diretamente a ensinar, informam-no a respeito das várias facetas de seu ofício ou da educação de um modo geral”. Saberes esses não conhecidos pelos cidadãos comuns e que permeiam a maneira do professor existir como profissional (GAUTHIER, 1998, p. 31).

Segundo Masetto (1998, p. 20), não se pode falar em profissional docente se o mesmo não dominar pelo menos os seguintes quatro grandes eixos do processo de ensino-aprendizagem: o próprio conceito de processo de ensino-aprendizagem, o professor como conceitor e gestor do currículo, a compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno no processo, e a teoria e a prática básicas da tecnologia educacional.

3) Exercício da dimensão política.

“As novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação” (LIBÂNEO, 1998, p. 28). O professor como cidadão e político deve conciliar o técnico com o ético, na vida profissional, e discutir com seus alunos esses aspectos, para, assim, poder formar profissionais e cidadãos voltados para a realidade tanto da sociedade como também de sua profissão.

Segundo Behrens (1996, p. 72) os grandes desafios do professor universitário, na sociedade do conhecimento, são:

- realizar trabalho coletivo (estabelecendo parcerias dos professores com a administração escolar e a comunidade);
- considerar o aluno como “cliente”, por meio de redes de comunicação e empatia com os estudantes e com a comunidade em geral;
- envolver-se e colaborar com a ânsia de recuperar o papel do professor na sociedade e na própria universidade;
- planejar ações novas, ser capaz de enfrentar problemas desafiadores e ter presença na tomada de decisões dos rumos do processo educativo;
- procurar avançar com visão holística, desencadeando ações que visem à globalização; procurar afastar-se da visão parcial no ato educativo, superando a fragmentação;
- usar a reflexão como elemento iluminador da caminhada pedagógica, tornando sua prática reflexiva e desafiadora na busca de soluções dos problemas a serem contextualizados dentro das exigências da comunidade;
- educar para transformar.

Cabe, desta forma, ao professor a resposta de como proceder frente a estes objetivos que a sociedade exige. Entretanto, para que tudo isso aconteça, o docente deve ter um profundo amor por sua profissão. A sensibilidade é o que lhe permitirá formar os cidadãos que a sociedade espera e carece. Não, apenas, indivíduos preparados para o mundo do trabalho, mas para as boas relações sociais, interpessoais e mesmo pessoais, atuando de forma ética, justa e solidária.

Não existe possibilidade de fugir às mudanças, apesar destas parecerem difíceis para os educadores. Porém, esta é uma luta que vale a pena ser travada e assim, elevar o papel dos professores de simples transmissores de conteúdos para o de intelectuais transformadores.

Para Mellouki e Gauthier (2004, p. 543) a qualidade do professor como intelectual não se restringe a uma soma ilimitada de conhecimentos de uma cultura, mas, sim, coloca os professores como herdeiros, intérpretes e críticos dessa cultura. “De uma cultura que é, ao mesmo tempo, conhecimento e relação construída, relação em construção, sempre inacabada, relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo”.

7 O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA E SUA REALIDADE

Como profissão e ciência, a odontologia sofreu as influências dos paradigmas vigentes em todas as épocas da história da humanidade. Segundo Almeida (2002, p. 371), como a medicina, a odontologia iniciou sua atuação baseada no empirismo e no misticismo, que predominaram da Antigüidade até o século XVI, quando a profissão era exercida por barbeiros e curandeiros.

A partir do século XVI, “a Igreja perde a exclusividade do domínio do conhecimento e a ciência passa a caminhar com suas próprias pernas” (ANDRARE, 1999, p. 336), inicia-se a era do pré-cientificismo. Na Europa, surgiram os primeiros relatos acerca da “ciência odontológica”.

Porém, só a partir do século XVIII, influenciada pela revolução científica e pelo iluminismo, a odontologia começa a se desvencilhar do pré-cientificismo e, em 1728, o médico francês Pierre Fauchard estabelece os princípios norteadores da odontologia como profissão independente.

Nesta época, no Brasil, Joaquim José da Silva Xavier, um médico prático, conhecido por sua habilidade em extrair dentes e colocar próteses no lugar, confeccionadas por ele mesmo, tornou-se o mártir da independência. Tiradentes, como era conhecido devido a seu ofício, ilustra bem a realidade da “saúde bucal” do Brasil colônia.

Os grandes descobrimentos científicos do século XIX, como a teoria celular e a teoria da evolução das espécies, jogaram por terra as crendices sobre o caráter religioso que era atribuído às doenças, até então. Começa, desta forma, a era científica da odontologia, marcada pela fundação da sociedade de Odontologia em Nova York, pela criação da primeira escola de Odontologia de Baltimore (EUA) e pela publicação do primeiro jornal especializado *The American Journal Of Dental Sciense* (ALMEIDA, 2002, p. 371).

Com os progressos biotecnológicos e dos materiais dentários, além do avanço do ensino na área odontológica, a odontologia consolida-se como uma profissão legalizada, independente e autônoma, cujo desenvolvimento torna-se mais organizado.

Apoiada no paradigma da modernidade, a ciência odontológica evoluiu baseada num sistema de pensamento linear, de forma positiva, especializada e focada na doença (causa-efeito). Acompanhando o desenvolvimento da ciência, a formação profissional e, conseqüentemente, do cirurgião-dentista esteve sempre apoiado na visão do homem como máquina perfeita (homem-máquina). Esta visão desconsidera o homem como ser complexo e único, levando a uma percepção fragmentada, o que, para Nicodemo (2002, p. 136), gera alienação. Sendo assim, apesar de todo o avanço técnico-científico, e devido à superespecialização, o dentista não chegou a reconhecer o seu verdadeiro referencial: o ser humano. Sempre se concentrou no tratamento específico do dente (odontocentrismo), do canal do dente, da gengiva, prejudicando sobremaneira o profissional da odontologia na sua real contribuição e papel como profissional de saúde na sociedade.

A formação do cirurgião-dentista, apoiada no pensamento linear, caminhou sempre no sentido de privilegiar o tratamento das doenças baseado no arsenal tecnológico mais recente (GARBIN, 2006, p. 7), sem considerar os aspectos sócio-econômicos e políticos da população a ser tratada.

Segundo Mariotti (2002, p. 29), quase todas as ações humanas, hoje, se baseiam no pensamento linear. Esse padrão de pensamento, baseado no padrão de Aristóteles (forma e substância) e o modelo de Descartes, é simplificador, fragmentador e excludente, pois estimula o individualismo. Resultando, desta forma, na perda da visão de conjunto e na falta de compreensão da complexidade dos sistemas, além da crença de que as coisas são invariavelmente simples, quando nem sempre o são (MARIOTTI, 2002, p. 85). O autor exemplifica a forma desse pensamento utilizando o tratamento da tuberculose. Na metade do século XX, surgiram os primeiros medicamentos eficazes contra o bacilo de Koch. Acreditava-se, assim, que estava descoberta a cura da tuberculose. Entretanto, hoje, cinquenta

anos depois, mesmo com todos os fármacos modernos e com todo o aparato biotecnológico, a tuberculose voltou a ser um grave problema em todo o mundo. Primeiro porque as bactérias possuem a capacidade de sofrer mutação e se tornarem resistentes aos antibióticos. Segundo, porque a simples percepção de causa-efeito não levou em conta que a presença do bacilo de Koch no organismo não produz necessariamente a doença. É necessária, também, uma diminuição da resistência orgânica, que é afetada por fatores como o estado de nutrição, o saneamento básico, políticas públicas de saúde, etc... Ou seja, as questões humanas são complexas e tentar resolvê-las de forma simplificada e imediatista, outra característica do pensamento linear, gera resultados imediatos, porém não definitivos.

Dentro deste modo de pensamento, Chaves* (1986, apud LINS, 2000, p. 58), afirma que:

a educação odontológica é um processo contínuo destinado a produzir profissionais capazes de manter ou restaurar o estado da cavidade bucal. O seu objetivo é produzir eficientemente um número suficiente de dentistas com qualidade adequada, capazes de produzir, entregar e distribuir serviços odontológicos da maneira mais econômica possível.

Sem dúvida, a odontologia experimentou, no último século, um grande salto científico. Com a descoberta do RX, o desenvolvimento da anestesiologia e da cirurgia, o desenvolvimento de outros exames complementares como a tomografia computadorizada e a ressonância magnética e, mais recentemente, as pesquisas genéticas, a odontologia saiu da marginalização e experimentou um avanço científico que a levou ao mais alto grau, primeiro avançando nos processos curativos e depois nos da prevenção. Este processo levou ao desenvolvimento de técnicas e materiais que tornaram o tratamento odontológico mais confortável ao paciente e mais eficiente. Após o desenvolvimento de técnicas e materiais avançados, a preocupação com a prevenção de doenças como a cárie e a doença periodontal (na gengiva) tornou-se o principal foco de investigação. Estudos com flúor e procedimentos de higiene bucal corretos diminuíram os índices da cárie de forma significativa, especialmente nos últimos 20 anos.

* CHAVES, M. M. **Odontologia Social. Educação em Odontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro. Artes Médicas. 1986. p. 367.

Porém, o capitalismo também fez aparecer e consolidou no Brasil, ao longo do século XX, uma odontologia de mercado, caracterizada pela produção-consumo privada de bens e serviços sob regulação do mercado (NARVAI, 1994, p 43), onde os profissionais monopolizam o saber e prestam, apenas, seus serviços a quem possa remunerá-los (GARBIN et al, 2006, p. 6). Assim, do alto de sua hegemonia, os cirurgiões-dentistas enfatizaram a esfera privada como espaço privilegiado para a organização de suas práticas (ZANETTI, 2000, p. 2).

Acompanhando a mercantilização da profissão odontológica, ocorreu uma mercantilização do ensino, constatada pelo grande número de faculdades de odontologia no país, como também um número expressivo de cursos de pós-graduação, causando um aumento exagerado de profissionais no mercado de trabalho.

Na revista da *Associação Paulista de Cirurgiões-dentistas*, Ferreira (1997) chama a atenção para o fato de que, com finalidade puramente mercantilista, “a cada ano, surgem novas faculdades de Odontologia, gerando preocupação com a qualidade dos cursos oferecidos e com o excesso de profissionais despejados no mercado de trabalho”.

O editorial da revista do Conselho Regional de Odontologia do Paraná (maio/junho de 2005) diz assim:

O momento nacional é sério. As dificuldades financeiras estão pipocando em muitos setores e, com isto, desencadeando situações mais comprometedoras nas empresas relacionadas com os setores em crise. Nos nossos ambientes de trabalho tem surgido a necessidade de implementação de alterações buscando, sem minimizar o padrão de atendimento, reduzir despesas. Nos Conselhos Regionais de Odontologia cresce o número de processos éticos, resultado da demanda cada vez maior de profissionais recém saídos de faculdades de odontologia com fraca formação científica, técnica e prática, resultado, muitas vezes da falta de recursos de algumas entidades de ensino. Assim como as faculdades parecem não ter vínculo com a formação profissional ética e cultural dos seus alunos, temos vivido o crescimento de cursos de aperfeiçoamento e especialização de entidades de ensino como faculdades e fundações em cidades, fora de seus campos universitários, efetivando parcerias frágeis com instituições sem o mínimo compromisso com o ensino, buscando somente a rentabilidade financeira.

E continua: “todo esse panorama que nos assombra gera distorções também na conduta de cada cirurgião-dentista. Levando alguns para a prática nefasta e barata na cobrança dos procedimentos da classe”.

No Brasil, hoje, são 208.163 cirurgiões-dentistas. O número de faculdades existentes é de 174, sendo 27 federais, 19 estaduais, 8 municipais e 120 particulares (<http://www.cfo.org.br>). A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza a proporção de 1 cirurgião-dentista para cada grupo de 1500 habitantes. No Brasil, esta proporção é de 1 cirurgião-dentista para cada grupo de 816 habitantes, o que indica saturação expressiva do mercado de trabalho.

Embora haja uma oferta excessiva de cirurgiões-dentistas, a maioria da população, ainda, continua à margem da atenção odontológica. Esse triste panorama instiga a reflexão, bem como a busca de respostas às seguintes questões, feitas por Silveira (2004, p.153): por que o Brasil tem o maior número de dentistas do mundo e um quadro de saúde bucal tão comprometido? O objeto da odontologia (saúde bucal) é um bem de consumo como outro qualquer ou deve ser entendido a partir do texto constitucional? Que competências e habilidades deve ter um profissional de saúde (dentista) e cidadão nesse processo? A relação dentista-paciente pode ser entendida exclusivamente na esfera privada ou deve ser entendida como fenômeno da esfera pública?

Ainda há um grande distanciamento entre o ensino e a realidade social e esta é uma das respostas às perguntas feitas por Silveira (2004, p.153). Apesar das propostas pedagógicas apontarem para tendências socialmente avançadas, estas falham em pontos como: a falta de articulação de conteúdos disciplinares, a falta de integralidade de ações, a falta de disponibilidade de docentes e, também, a falta de um sistema de atenção integral (MARCOS, 2000, p. 191).

Para Cunha* (in SECCO e PEREIRA, 2004, p. 118), a odontologia vive uma crise gerada não só pelo grande número de escolas no país, mas também por fatores como a exaustão do modelo de atendimento e a necessidade de se adaptar às exigências e expectativas dos pacientes. Secco (2004, p. 118) acredita que a solução do problema está em mudar o foco da formação do profissional de odontologia e o projeto político-social, valorizando o público e o coletivo, pois a falta de políticas públicas para saúde bucal ocasiona menor oportunidade de trabalho em órgãos públicos. Desta forma, a grande maioria dos profissionais atua em consultórios particulares. Estimula-se, assim, a competitividade no mercado, resultando muitas vezes numa conduta nem sempre adequada de muitos profissionais, tanto no tratamento do paciente, como na sua relação com a profissão.

Especialmente nos últimos anos, o número de processos éticos, junto aos Conselhos Regionais, tem aumentado significativamente. A questão da ética profissional (deontologia) tem sido avaliada e discutida tanto em congressos como em revistas científicas e em órgãos de classe, como já mencionado. Questiona-se a implementação de mudanças no recém modificado código de ética. Porém, a penalização do profissional, por meio de notificação ou a cobrança de multas, não tem sido eficaz como meio de conscientização e mudança de conduta.

Rossato (2005, p. 11) acredita que a odontologia vem, de fato, passando por uma grave crise ética, pois o espírito de competitividade reinante mostra-se extremamente acirrado e antiético, lamentavelmente não envereda pelo salutar caminho da competência profissional, mas sim, ocasiona uma baixa auto-estima e uma desvalorização do profissional, ocasionando ações antiéticas e imorais. A solução para o problema, segundo o autor, estaria na autovalorização do profissional e na valorização da profissão odontológica pelos profissionais.

Entretanto, devido à sua própria formação, sempre voltada à técnica, o dentista não consegue entender e refletir acerca dos caminhos tortuosos que enfrenta nesse novo milênio.

* CUNHA, M. I. Implicações da estrutura político estrutural das carreiras profissionais nos currículos da universidade. **Puccamp**, v. 2, p. 3-21, 1995.

Segundo Zanetti (2000, p. 2) a odontologia brasileira está em franca e irreversível reorganização. Apesar de sentir e sofrer as novas situações às quais a categoria está exposta, não é capaz de investigar, compreender e explicar as mesmas, pois, o cirurgião-dentista nunca foi estimulado a refletir criticamente sobre a sucessão de fatos históricos, suas conseqüências e propriedades sociológicas, antropológicas, econômicas e políticas.

Para Nicodemo e Naressi (2002,138):

De fato, o cirurgião-dentista é um técnico especializado na saúde bucal; a sua formação deve prepará-lo para atuar com o necessário conhecimento teórico/técnico e com habilidade manual. Mas é sabido da necessidade do auto-conhecimento e da integração com a realidade social, dois dos aspectos significativos e imprescindíveis para os profissionais da saúde.

O cirurgião-dentista deve possuir, como premissa, o cuidado do outro, seu paciente, tanto diagnosticando como tratando as afecções bucais de forma adequada. Precisa ter conhecimentos técnicos e científicos, como também precisa ser politizado e ético para poder transformar a realidade social. Esta transformação pode ocorrer através da conscientização do paciente dos cuidados que devem ser tomados para a manutenção da saúde bucal, que não só diminuem os custos do tratamento odontológico, como favorecem o conhecimento de seu próprio corpo. Pois como bem afirma Perez: a saúde do homem livre não deve ser vista como uma forma de reparar uma maquinaria que deve imediatamente voltar para o trabalho, mas como modo de vida (2001, p. 67). Os seres humanos se tornam livres e éticos quando passam a adquirir conhecimento de si, de seu corpo, de sua mente e de sua alma. Passam, então, a cuidar de si.

Em seu livro “*O Nascimento da Clínica*”, Foucault (2001, p. 37) afirma que “a primeira tarefa do médico é, portanto, política: a luta contra a doença deve começar por uma guerra contra os maus governos; o homem só será total e definitivamente curado se for primeiramente liberto”. Esta luta política representa uma conscientização do indivíduo de seu valor na sociedade, de seu papel e do cuidado que deve ter consigo mesmo, buscando a prevenção das doenças. “Se souber ser politicamente eficaz, a medicina não será mais medicamente indispensável” (FOUCAULT, 2001, p. 38), pois, o tratamento curativo não liberta,

mas sim, escraviza o ser humano, tornando-o dependente do profissional, da técnica, dos materiais, dos medicamentos, etc.

O cirurgião-dentista é o “médico da boca”. Desta forma, deve buscar ações que favoreçam a saúde de seu paciente e sua emancipação, através do conhecimento de seu corpo e do comprometimento para com o mesmo.

Quando politicamente preparado, o dentista pode transformar tanto a si mesmo como a realidade do mundo. Sendo assim, a grande transformação do cirurgião-dentista e de sua realidade deve começar pela transformação na sua formação.

Para Lins (2000, p. 58),

é através da prática da educação que se instrumentaliza o ato educativo para escapar à ortodoxia, à ideologia e construir caminhos próprios, conscientizando, desnudando as coisas, vendo além das aparências, pondo em ordem as coisas, posicionando criticamente.

Segundo Moraes (1998, p. 46), “sabemos que a noção de saúde é um fenômeno multidimensional, envolvendo a sensação de integridade física, mental e espiritual, em busca de um equilíbrio entre tudo aquilo que compõe o nosso organismo e entre este e o meio ambiente”. Esta nova visão, este repensar, faz parte da nova perspectiva em busca do todo que contagia as comunidades científicas neste início de século XXI e que aponta os novos caminhos para a formação dos profissionais de saúde, entre estes os cirurgiões-dentistas.

Em resumo, a regulação do mercado, somada à despolitização da classe odontológica e à ausência de políticas públicas voltadas para a prevenção e a promoção da saúde oral, levou a odontologia a uma crise ética, moral, de auto-estima e de baixa valorização profissional e este quadro pode ser modificado, começando por uma transformação na formação dos professores de odontologia e conseqüentemente na formação dos novos cirurgiões-dentistas.

8 O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA COMO EDUCADOR

Nas universidades brasileiras, até recentemente, os professores de odontologia, em sua maioria, eram circunstanciais (GIOLLO, 1997, p. 12), ou seja, profissionais renomados, com sucesso em suas atividades profissionais, eram convidados a ensinar seus alunos a serem tão bons profissionais como eles (MASETTO, 1998, p. 11), e a grande recompensa era o título de professor, que significava um galardão adicional a uma carreira profissional bem-sucedida (SCHWARTZMAN; BALBACHEVSKY, 1994, *apud* BATISTA; BATISTA, 2002, p. 28). Estes professores acabavam assumindo o papel de “práticos” da educação, pois o domínio teórico sobre o saber ensinar não era algo que constituía sua formação, e apenas a experiência como professor e seu saber no campo da saúde não bastam para formar um docente (BATISTA; BATISTA, 2004, p. 25). A prática de ensino desses profissionais era baseada em aulas expositivas, verdadeiras conferências, em que o professor, que sabia tudo, simplesmente transmitia mecanicamente as informações ao aluno, que não sabia nada, e que posteriormente era avaliado para averiguação das aptidões treinadas e assimiladas.

Segundo Masetto (1998, p.12), nesse modelo:

não se tem consciência na prática de que a aprendizagem dos alunos é o objetivo central dos cursos de graduação e que nosso trabalho de docentes deve privilegiar não apenas o processo de ensino, mas o processo de ensino-aprendizagem, em que a ênfase esteja presente na aprendizagem dos alunos e não na transmissão de conhecimentos por parte dos professores.

Sendo o aluno capacitado a aprender, este se torna crítico e reflexivo, capaz de procurar a informação, como também avaliar por que e para que essa informação é importante no seu momento histórico. A interpretação (e não a simples aceitação das informações) é que realmente constrói o conhecimento e faz o aluno se envolver profundamente no processo de aprendizagem. Levando isso em conta, “há o desejo de agir, há a vontade, a determinação de agir de alguma

maneira, porque ele fez o estudo teórico e, muitas vezes, também o estudo empírico sobre o assunto, tendo a oportunidade de elaborar suas próprias idéias” (BERBEL, 1999, p. 12). Deve-se ainda aliar a competência técnica ao compromisso político na formação do indivíduo crítico e reflexivo e na transformação da sociedade. Segundo Freire (2001, p. 36) “ser no mundo” significa transformar e re-transformar o mundo, e não apenas adaptar-se a ele.

Desta forma, o papel do professor como simples transmissor de informações faz parte de uma concepção de educação já superada. No entanto, concordando com Behrens (1996, p. 104), “ultrapassar este paradigma de repetição e reprodução demanda tempo e é um processo de construção do conhecimento produzido pela relação dialógica”.

Na Resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia de acordo com o artigo 3º:

O Curso de Graduação em Odontologia tem como perfil do formando egresso/profissional o Cirurgião-dentista, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico. Capacitado ao exercício de atividades referentes à saúde bucal da população, pautado em princípios éticos, legais e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.

Segundo Moysés (2003, p. 58), a humanização da educação é um dos aspectos fundamentais para a concretização de novas bases para a educação superior. Pressupõe práticas pedagógicas voltadas para a formação profissional contextualizada e transformadora dos reais problemas brasileiros. Exige-se um processo educativo onde “o conhecimento deve ser baseado na compreensão da realidade, com base na manipulação de instrumentos de conhecimento, como a tecnologia e as idéias, centrado em um processo autônomo que estimule o aprender a aprender”.

A proposta das novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Odontologia (MEC-2001) é a superação das concepções antigas e herméticas das

grades curriculares, muitas vezes meros instrumentos de transmissão de conhecimento e informações, bem como a garantia de uma sólida formação básica cuja finalidade é preparar o futuro graduado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mundo do trabalho e das condições de exercício profissional. O objetivo maior é levar os alunos dos cursos de graduação em saúde aos quatro pilares propostos pela UNESCO (MEC, 2001), *aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer*, garantindo, desta forma, a capacitação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integridade da atenção, a qualidade, a humanização e a ética no atendimento prestado a todos os indivíduos. Constitui, assim, um desafio aos professores formar estes profissionais que respondam não só às demandas técnico-instrumentais, mas também que atuem com responsabilidade social e compromisso para a educação permanente.

A universidade foi criada pela sociedade com o fim de sistematizar, difundir e expandir o conhecimento existente. Sua concepção é centrada no trinômio ensino, extensão e pesquisa. É pela observação e pela pesquisa que a humanidade aumenta o crescente acervo de conhecimento que possui. Desta forma, a pesquisa universitária não possui um fim em si mesma, mas é um dos pilares essenciais da verdadeira universidade que se reconhece servidora da sociedade que a criou (JULIATTO et al, 2005, p. 11).

Na área da saúde, o real papel da universidade seria o de identificar corretamente os problemas de saúde de cada município ou região e apontar soluções para os mesmos, ou seja, o ensino, a pesquisa, bem como a extensão, devem ser voltados para a melhoria das condições de vida da população (GARBIN et al., 2006, p. 9). Como consequência, os profissionais egressos estariam preparados para o mundo do trabalho e ao mesmo tempo cientes do seu compromisso de devolver à sociedade tudo que lhes foi ensinado. Contudo, Godoi* (*apud* SILVA, p. 14, 2000) chama a atenção para o fato de que a pesquisa, o ensino e a extensão não se complementam de maneira harmoniosa, “principalmente na

* GODOI, A. S. **Didática para o ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Iglu, 1988, 131p.

relação entre pesquisa e ensino quando os docentes valorizam a atividade de investigação dando pouca ênfase à competência pedagógica”.

Para Behrens, o fato de a docência ser encarada como menos nobre que a pesquisa tem trazido sérias conseqüências ao sistema educacional:

Os professores partem para a capacitação docente nos moldes que vem sendo oferecida, freqüentam especializações, mestrados e doutorados e, quando retornam à sua origem, negam-se a prestar serviço na graduação. O estigma de que a pesquisa enobrece o professor acaba empurrando o docente na procura do *status* de pesquisador. O pressuposto, portanto, da falta de valorização profissional parte da própria academia que valida e instiga este comportamento. A pesquisa tem se apresentado desatrelada do processo pedagógico, como função separada da produção do conhecimento em sala de aula (1996, p. 110).

Segundo Masetto e Antoniazzi (2004, p. 218) para a grande maioria dos professores que trabalha na pós-graduação, o maior objetivo é, ainda, a formação de pesquisadores, pois acreditam que desta forma já estão colaborando suficiente e adequadamente com a formação docente de ensino superior.

Aprender a realizar pesquisa é, sem dúvida, fundamental para um docente de ensino superior. Porém, as competências para a pesquisa e para a docência são bastante diferentes. A compreensão do processo de aprendizagem do aluno de odontologia, em que o componente de habilidade psicomotora é significativo e o reconhecimento da necessidade de canalizar o potencial criativo para formulações teóricas e conceituais da área da saúde são competências que devem ser alcançadas pelos alunos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Além disso, muitos cursos de pós-graduação privilegiam, ainda, a formação centrada nas técnicas e na especialização, colaborando com a perpetuação do paradigma mecanicista (GARBIN, 2006, p. 9) e seu modelo baseado na racionalidade técnica, que é antagônica à busca da humanização da educação proposta pelas Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Odontologia.

Sendo assim, o projeto pedagógico do curso de graduação em Odontologia deve ser centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem (Artigo 9º, Diretrizes Curriculares).

Reafirmando as palavras de Estrela, “ensino e aprendizagem não devem ser entendidos separadamente, visto que compreendem unidades interativas”, onde os sujeitos deste processo, professor e aluno, se beneficiam da aprendizagem (2002, p. 54). Ou seja, o processo de ensino-aprendizagem não deve estar centrado no ensino, mas, sim, na facilitação da aprendizagem autodirigida. Isso implica uma abordagem problematizadora que, por sua vez, deve se relacionar adequadamente com outras abordagens pedagógicas como a comportamental, representada por Skinner, a cognitivista, por Piaget, a humanista, por Rogers e Neil, e a sócio-cultural, por Paulo Freire (VILLANOVA, 1996, p. 61).

Silveira (2004, p. 152) faz uma reflexão sobre a formação e o papel do professor de odontologia enquanto educador:

O desafio é que somos (dentistas) docentes formados tradicionalmente para atuar como técnicos no universo biológico específico do *aparelho estomatognático*, ainda que isto represente grande complexidade no campo fisiológico e nosológico, necessários para um preciso diagnóstico do normal e do patológico, sem falar no constante avanço das técnicas e dos materiais odontológicos que nos impele a uma inexorável corrida em busca de atualização.

Ainda segundo Silveira (2004, p. 152), o dentista, técnico por formação, deve ser impulsionado a transcender os conhecimentos das ciências biológicas e naturais, superando paradigmas, conceitos e se contagiando por outras abordagens, inclusive e necessariamente aquelas das ciências humanas e sociais, para poder compreender melhor o papel do professor de odontologia como educador e não apenas como um “preparador técnico”.

Ou seja, a ação educativa deve ser compreendida como um processo dinâmico e em permanente construção, influenciada por aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos, humanísticos, religiosos, morais e éticos. O processo de aprendizagem não deve se restringir apenas ao contexto do ensino (orientação e

aplicação da aprendizagem). Deve envolver a formação do próprio homem, cidadão, membro de uma família e não como um simples objeto que recebe a informação, em busca simplesmente do aumento do conhecimento (ESTRELA, 2002, p. 54). Para ele, a aprendizagem na odontologia merece profunda discussão, pois presencia problemas que necessitam de cuidados especiais, entres estes:

- melhoria na formação do docente e do pesquisador - depara-se com grande número de especialistas que só enxergam a *prática clínica*, com carente formação docente e de pesquisa; mestres e doutores com formação pedagógica e científica bem abaixo da ideal, em que requer melhor preparo para prática educacional;
- reestruturação dos cursos de pós-graduação com efetiva e profunda reformulação dos cursos de mestrado e doutorado, principalmente, com o intuito de resgatar os reais objetivos, a formação do mestre e do pesquisador;
- adequado incentivo à docência e à pesquisa, permitindo maior estímulo à formação de novos educadores e pesquisadores, favorecendo uma renovação natural;
- investimento nas estruturas físicas das universidades, bibliotecas, laboratórios, aparelhagens, salas de aula, etc.

Péret e Lima (2003, p. 65-69) analisando as diretrizes referentes à pesquisa em documentos educacionais*, constataram uma padronização das propostas relacionadas à pesquisa, com destaque na valorização do desenvolvimento tecnológico e no crescimento econômico. Concluíram, então, que

* Os documentos analisados por Péret e Lima (2003, p. 65-69) foram: *Higher education: The lessons of experience* (1994) e *Higher education in development countries: peril and promise* (2000), do Banco Mundial - *Educação. Um tesouro a descobrir*: relatório para UNESCO da comissão Internacional sobre educação para o século XXI (DELORS, 1999); e a Conferência Mundial sobre Educação Superior (UNESCO, 1998). Além dos documentos nacionais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) e o Plano Nacional de Educação 2001-2010.

as pesquisas têm sido produzidas sob a ótica mercantilista e que estas podem estar influenciando a formação dos professores de odontologia, pois as mesmas são produzidas principalmente nos cursos de pós-graduação, *stricto sensu* e *lato sensu*, onde ocorre por excelência a formação docente. O autor acrescenta que a pesquisa pedagógica que contribui para a formação crítica e reflexiva do professor está sendo relegada e, assim sendo, “a formação do professor de odontologia tem sido baseada na racionalidade técnica fundada na filosofia positivista” (PÉRET e LIMA, 2003, p. 68).

Batista e Batista (2004, p. 28) acreditam que “a profissionalização do professor deve ser encarada como uma das estratégias para repensar a dinâmica da educação em saúde, em suas dimensões institucional e social”, pois somente desta forma, o exercício docente ocorrerá como prática social.

Para isso, primeiramente o professor deve ter consciência de seu papel e de seu valor como educador, e assim “descobrir caminhos de intermediação no processo pedagógico. Caminhos estes que se apresentarão não como descobertas originais, mas como desafios coletivos a serem buscados no contexto educativo” (BEHRENS, 1996, p. 39).

O ser humano é o resultado de sua história e suas circunstâncias. Sendo assim, a realidade do cirurgião-dentista, do professor de odontologia e do ensino da odontologia reflete a crise paradigmática que ocorre nas ciências e, conseqüentemente, no mundo.

Peres, Matos e Leal (2003, p. 120) fizeram um estudo analisando a opinião de profissionais e estudantes em relação à proliferação das especialidades odontológicas e a real necessidade das mesmas pela categoria.

Os autores concluíram que:

- os estudantes, ao entrarem nas faculdades, já têm como objetivo a especialização;
-
- os estudantes e profissionais de odontologia não estão sendo formados com uma visão coletiva da saúde bucal;
- a criação de novas especialidades e a criação de subespecialidades tem aceitação dos profissionais e estudantes, sem preocupação com o mercado de trabalho e as condições epidemiológicas e socioeconômicas da população;
- é preciso que as faculdades e os estudantes de odontologia se preocupem com a formação básica dentro da graduação, haja vista que a especialização é um exercício de educação continuada, sendo assim exigirá que o profissional saia do curso com uma boa formação generalista.

Analisando as conclusões dos autores, observa-se que o paradigma tecnicista ainda é hegemônico tanto na formação básica como nas universidades. O aluno já adentra a faculdade voltado para uma área especializada da profissão. A fragmentação do conhecimento, a formação tecnicista e o distanciamento das ciências sociais levam a uma visão mecanicista que, para Moysés (1996, p. 6),

cresce pela incorporação de tecnologia de alta densidade de capital e onde domina a tendência à especialização, a seletividade da clientela e a exclusão de formas alternativas de práticas. Tal modelo obedeceu macro-estratégias de mercado, sendo cumulativo de custo crescente, microdisciplinar e de consumo individualizado.

O que demonstra o não preparo, pelas faculdades de odontologia, dos novos profissionais dentro da visão holística, proposta pelo MEC nas diretrizes curriculares para o ensino da odontologia.

9 A NECESSIDADE DE REFLETIR E AGIR

Com o objetivo de traçar o perfil do professor de odontologia, buscando analisar quem é este profissional, sua formação e capacitação, sua relação com a pedagogia, identificando a superação ou não das concepções antigas do processo de ensino-aprendizagem, bem como sua visão da odontologia e sua realidade, suas expectativas diante do futuro, tanto do ensino como da profissão odontológica, foram entrevistados dez professores, sendo oito professores de universidades particulares (três universidades) e dois de uma universidade pública na cidade de Curitiba, Estado do Paraná.

A seleção dos professores foi realizada procurando-se distribuir de modo uniforme: professores iniciantes, professores com algum tempo de magistério e professores com muitos anos de docência. Houve o cuidado também de entrevistar professores tanto das disciplinas básicas (1º e 2º ano) como das disciplinas profissionalizantes (3º, 4º e 5º ano), como também das diferentes especialidades odontológicas. Busca-se desta forma uma diversificação e uma visão mais globalizada e relevante dos professores de odontologia da cidade de Curitiba.

Os entrevistados foram questionados, primeiramente, sobre o que os havia motivado a se tornarem cirurgiões-dentistas. Das dez entrevistas feitas cinco apontaram para o fato de a odontologia ser uma profissão da área médica, motivados ou não por parentes ou amigos, como neste depoimento:

Na verdade, quando fiz o vestibular, eu não tinha muita idéia do que era, mas queria ser um profissional liberal. Na faculdade, acabei gostando e me envolvi com a profissão e hoje em dia gosto do que faço, mas eu não tinha um objetivo primeiro. Foi até porque eu gostava mais da área médica e porque achava que a odontologia era um pouco mais tranqüila que a medicina, para levar a profissão mais fácil.

A busca de uma profissão da área médica, porém, sem o estresse e a pressão da medicina, também é clara neste outro depoimento:

Meu tio é médico e eu gostava da área da saúde, por influência dele. Mas, em conhecendo a profissão dele, eu não quis exercer medicina, em virtude de ser uma graduação extensa e exigia um sacrifício profissional muito grande. Então, escolhi odontologia. A princípio, porque eu não sabia muito bem o que eu queria. No 1º ano, eu não gostei do curso. Cheguei a pensar em trancar. Mas, a partir do 2º ano, eu gostei da parte cirúrgica, quando me envolvi com a semiologia e com o diagnóstico e então resolvi ficar na área mesmo.

Souza Cruz e Silva (1996, p. 318), analisando as razões para a escolha da carreira odontológica, encontraram como motivos de maior relevância: a liberalidade da profissão, em primeiro lugar, e o fato da odontologia ser um curso da área biológica, da saúde, em segundo. Os autores concluíram, neste trabalho, que os fatores econômicos exercem uma influência maior sobre os homens do que sobre as mulheres, pois estes demonstraram maior preocupação com o retorno financeiro, o mercado de trabalho e a duração do curso. Para as mulheres, as influências exercidas por familiares dentistas, o respeito e a admiração pelos profissionais que tratam de seus dentes e a perspectiva de exercer um trabalho detalhista e minucioso são motivos mais importantes do que para os homens.

Neste trabalho, apenas uma professora mostrou o retorno financeiro como um objetivo relevante na sua escolha profissional:

Na época que escolhi, eu não sabia ao certo o que eu queria ser. Eu tinha uma tendência para fazer arquitetura, odontologia e, no fim, acabei optando por odontologia porque era uma profissão que, na época, tinha uma facilidade das pessoas se darem melhor e, depois, eu acho que acabei acertando porque gosto de minha profissão.

Uma professora e um professor demonstraram a influência de parentes e do seu próprio cirurgião-dentista como fatores de influência na escolha de sua profissão:

Fui motivada desde criança pela minha mãe. Minha mãe sempre quis ter uma filha cirurgiã-dentista. Acho que isto me influenciou bastante.

E o professor:

O que me estimulou para o exercício da odontologia foi um professor da faculdade de odontologia que cuidava de meus dentes. Ele que me estimulou para isso.

Carvalho, Carvalho e Sampaio (1997, p. 345) em uma pesquisa que avaliou a motivação e as expectativas para o curso e para o exercício da odontologia, relataram que a vocação foi apontada como o fator de maior relevância, em segundo lugar, a vocação em atender o próximo, em terceiro, o relacionamento direto com o paciente e, em quarto, a profissão vista como sendo rendosa.

Analisando as respostas dos professores, nesta pesquisa, observa-se que a procura de uma profissão liberal, na área médica, que propiciasse uma vida mais “tranquila” em relação à medicina, onde a influência de parentes e profissionais da área teve um importante papel, foram os fatores que mais influenciaram tais profissionais na escolha da odontologia.

No momento em que um indivíduo escolhe uma profissão da área da saúde, entende-se que sua maior vocação é atender ao próximo. Seria, então, a odontologia uma profissão na qual considera o ser humano e sua integridade física, psicológica, social e moral, como sendo o seu maior objetivo. Porém, não é o que se vê na realidade da profissão.

Ainda no trabalho de Carvalho, Carvalho e Sampaio (1997, p. 348), os autores destacam que a maioria dos formandos pesquisados considerou a Odontologia, mais técnica e científica do que a expectativa prévia do curso. Indicando, assim que a faculdade de odontologia pode estar induzindo a uma valorização da técnica e dos materiais em detrimento do cuidado do ser humano.

Das dez entrevistas feitas, apenas um professor demonstrou preocupação com a integração entre a Odontologia, como ciência da saúde, e as ciências sociais:

Eu tinha como opção precoce, já desde a adolescência, a área da saúde. Por influência familiar, eu tinha tios e primos mais velhos médicos e dentistas, e por talvez já ter uma vocação precoce, fui me direcionando para o campo biológico/bioquímico e de ciências sociais. O que “aliás” me deixava um pouco confuso. Eu não sabia se deveria fazer jornalismo, ou medicina, ou odontologia, ou filosofia. Depois, eu fui descobrir que os campos das ciências sociais e das ciências biológicas tinham grande inter-relação quando se trata de um profissional da saúde. A odontologia surgiu numa fase, quase pré-vestibular, eu já estava cursando o último ano do ensino médio e conversando com a família, visitando consultórios, eu achei que era uma profissão interessante.

Esta dificuldade em visualizar a inter-relação entre ciências sociais e da saúde é o reflexo do pensamento linear e conseqüentemente de uma visão reducionista que promove a perda da visão de conjunto e a falta de compreensão da complexidade dos sistemas. Segundo Mariotti (2002, p. 344),

o modo como nos tornamos propensos (pela educação e pela cultura) a pensar, é que vai determinar as práticas do dia-a-dia, tanto no plano individual quanto no social. Do ponto de vista bio-psico-social, o principal problema para a implantação do desenvolvimento sustentado (e o desenvolvimento da cidadania) é a predominância, em nossa cultura, do modelo mental linear.

Ainda para Mariotti (2002, p. 344-345), esse modelo de pensamento é indispensável para resolver “os problemas humanos mecânicos” (os das ciências exatas e da tecnologia), entretanto não é suficiente para a resolução dos problemas humanos em que participam emoções e sentimentos.

O ser humano é um ser complexo. Desta forma, a etiologia e o tratamento das diversas doenças que o acometem devem ser analisados sob todos os aspectos: social, político, psicológico e biológico. Para ilustrar esta afirmação pode-se utilizar a evolução da doença cárie, que apesar de ser uma doença controlada, ainda acomete um grande número de pessoas no Brasil. Sabe-se que existem inúmeros procedimentos e formas de prevenção da cárie. Desde políticas públicas, como a fluoretação da água de abastecimento, até procedimentos de higiene bucal, através da escovação e bochechos com flúor. Porém, uma grande parte da população não tem acesso a esses recursos, desta forma, são necessárias ações político-sociais específicas para essa população, voltadas para a prevenção ou para o tratamento da doença. Conclui-se, assim, que as ciências da saúde de forma alguma podem ser separadas das ciências sociais.

Voltando ao depoimento do professor, citado anteriormente, quando questionado se acreditava ser esta inter-relação entre ciências sociais e da saúde visível e vivenciada por todos os profissionais da saúde, ele respondeu:

No meu caso, inclusive eu já citei isto de saída, porque naquele tempo era intuitivo, mas era confuso, eu não tinha clareza. Até por isso eu não sabia se fazia jornalismo ou medicina, filosofia ou odontologia, Eu gostava dos dois campos. Obviamente se eu fosse seguir a tendência que eu acho que é dominante, a escolha de uma profissão de saúde faria com que eu privilegiasse ciências biológicas, ciências bioquímicas, as matérias médicas básicas, o que é considerado o fundamento biológico das profissões da saúde.

Depois, claro, ao longo da minha trajetória profissional e sendo professor, eu descobri que não! Que tem tudo a ver e é uma das primeiras perguntas que eu faço para meus alunos hoje, especialmente dos primeiros períodos: O que te motiva à escolha da odontologia? A tendência é eles responderem: “É porque eu gosto de biologia”. Então eu pergunto: Sim, mas é só biologia? E respondo: Não! Existe um componente social importante, um componente cultural, sociológico, antropológico, político que influencia o bom exercício da profissão.

O curioso é que este professor, da forma como narrou, parece ter intuído essa inter-relação. Não foi durante a graduação e nem durante o mestrado feito em odontologia social e preventiva, na década de oitenta.

Além de saber o porquê da escolha da profissão odontológica foi analisado, também, o porquê da escolha da carreira docente. Os principais motivos foram: o desejo pessoal (indicado por uma professora), o incentivo de um professor de graduação (indicado por dois professores), a influência da mãe professora (indicado por duas professoras), o convite de um professor (indicado por três professores) e duas professoras apontaram para a busca de atualização constante, como também, o prazer do contato, da convivência com pessoas mais jovens.

Poucos professores, nesta amostra, demonstraram como motivação maior para a docência a possibilidade de formar novos cirurgiões-dentistas e de educar. De certa forma, podemos considerar que a maior motivação era um crescimento pessoal, individual:

Sempre gostei de estudar e saber o que estou fazendo e quando a gente entra num consultório e fica parado lá dentro, a gente não estuda, não se renova. Acho que só no consultório eu perco de acompanhar a evolução da odontologia e por estar em uma faculdade eu tenho obrigação de estar atualizado e isto me faz bem, eu gosto disso.

Um professor demonstrou a docência como vocação, fazendo desta a sua profissão:

A docência sempre me fascinou desde os meus primeiros trabalhos na adolescência. Toda vez que eu fazia, por exemplo, um trabalho em grupo, em que nós tínhamos que apresentar este trabalho, eu me candidatava.(....). Depois, quando eu terminei a graduação, eu fui investigar as possibilidades de pós-graduação, por onde eu poderia me encaminhar. Descobrindo também, depois da graduação, que eu teria o caminho de uma área mais clínica e técnica, que seria um lato sensu, uma especialização em algumas de nossas especialidades, ou o caminho mais acadêmico indo para um mestrado, doutorado, pós-doutorado. Então, eu escolhi direto o mestrado, antes mesmo de fazer uma especialização, com vistas ao exercício docente.

O papel do professor de odontologia é o de formar os novos cirurgiões-dentistas. Esta formação implica em educar, criar condições para o desenvolvimento do cidadão, de forma progressiva e constante (DELVAL; 2003, p. 112).

Faz-se importante diferenciar, novamente, ensino (ensino-aprendizagem) e educação. Segundo Moran (2000, p. 12), ensinar consiste no desenvolvimento de uma série de atividades didáticas organizadas para facilitar a compreensão, pelos alunos, de áreas específicas do conhecimento. Já educação consiste da integração entre ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, ou seja, é um processo complexo que busca uma visão de totalidade.

Desta forma, o papel do professor não pode ser mais o de simples transmissor de informações, pois o desenvolvimento exponencial do conhecimento técnico-científico e a transitoriedade do conhecimento trouxeram implicações claras para a redefinição do lugar do docente (BATISTA, 2004, p. 40), bem como da universidade, que já não é o único acesso à informação. Entretanto, o paradigma da repetição e da reprodução ainda predomina na prática docente. Para ultrapassá-lo necessita-se de tempo, como também, de um processo de construção do conhecimento produzido pela relação dialógica (BEHRENS, 1996, p. 104).

Surge então a questão: está o professor de odontologia apto a se colocar como verdadeiro educador?

Com o intuito de iniciar uma avaliação e posterior reflexão em torno da questão proposta, perguntou-se neste trabalho se o professor, ou professora, considerava a sua formação suficiente para o trabalho como docente. Cabe aqui, primeiramente, a descrição da história acadêmica dos professores entrevistados. Constatamos que: um professor é especialista, quatro são mestres, duas são doutorandas e três são doutores. O tempo médio de docência dos professores entrevistados é de 17anos e dois meses, sendo que: quatro professores exerciam a docência entre 1 e 10 anos, um professor exercia entre 11 e 20 anos, mais precisamente 17 anos, e cinco eram professores entre 21 e 30 anos.

Dentre estes professores, um, com 27 anos de magistério, colocou que no início da carreira acreditava que sua formação era suficiente, porém atualmente acredita que precisa aprender muito. Mas, a maioria dos entrevistados (mais precisamente seis professores) acredita que sim, sua formação é suficiente para a docência, principalmente porque cursaram mestrado e doutorado, ou então fizeram também diversas especializações, estando, desta forma, aptos a exercer a docência, pois dominam a teoria e a prática de suas disciplinas, como bem ilustra este discurso:

Considero minha formação suficiente porque sou especialista em odontologia legal e deodontologia*, mestre e doutora em odontologia legal e deodontologia. Tenho título de especialista pela Sociedade Brasileira de Medicina Legal e tenho 25 anos de perícia em odontologia legal. Então, conheço a teoria e a prática.

Outra professora considera sua formação suficiente, pois cursou magistério e só depois se formou cirurgiã-dentista e posteriormente mestre em odontopediatria. Diz ela:

A minha formação sim, porque sou professora. Dentro do mestrado eu aprendi novas concepções, como o fato de, atualmente, o professor não transmite conhecimento é o aluno que o adquire. O aluno trás o conhecimento que ele tem da rua, do convívio, de casa, dos amigos e eu trago este conhecimento para dentro de materiais dentários. Quando, por exemplo, dou a parte física de adesão, eu trago aquele conhecimento, aquelas coisas bobas de um carro sujo, para ilustrar o escoamento do material. Aquele conhecimento que eles trazem de casa. Eu vou dar umas resinas, a composição de uma resina, eu trago de uma abóbora, de um doce de abóbora, uma coisa assim, que eu vou trazendo para eles associarem a idéia.

* Deodontologia: conjunto de deveres profissionais do cirurgião-dentista estabelecidos em um código específico. (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 940).

Outra professora afirmou que:

Hoje, eu tenho muito mais facilidade porque possuo um pouquinho de experiência. Eu tive muita ajuda de outros professores, porque pela própria formação... Eu acho que o mestrado é muito voltado para pesquisa e para publicação, mesmo o doutorado, obviamente que sim, porém o mestrado deveria ser mais voltado para a docência. Eu tive aula de metodologia do ensino, é uma aula interessante, mas não é aproveitada, porque a grande maioria dos mestrandos não valorizava, porque não é voltada para a odontologia propriamente dita, para área técnica. Era voltada para o ENSINO. Era muito interessante, era dado por um professor empolgadíssimo com a educação, só que os alunos não valorizavam. Então, a coisa ficava jogada.

Este depoimento vem ao encontro com o que diz Dias da Costa et al (2002, p. 31): a formação do docente do ensino superior nem sempre está voltada para a área educacional e pedagógica, mas sim voltada especificamente para seu campo de conhecimento. Para Masetto e Antoniazzi, na odontologia, a formação de pesquisadores, ainda, é o maior objetivo dos professores de pós-graduação, por acreditarem que, desta forma, estão formando adequadamente os docentes do ensino superior (2004, p. 218). Neste contexto, o repasse do conhecimento muitas vezes é realizado de maneira empírica quando se trata de métodos de ensino em pedagogia (RIBEIRO, 1999, p. 4) ou ainda, sofre a forte tendência da pedagogia ser entendida unicamente como em técnicas ou métodos, com perda das suas referências contextual e humana (SANTOS; GOMES, 2000, p. 8).

Observa-se também que, ao falar do trabalho e da formação docente, o professor enfatiza a didática e as metodologias de ensino, ou seja, a técnica de ensino, como no relato desta professora:

Não, eu acho que tenho muito que aprender. Eu acho que a formação que eu tive tanto na parte didática do mestrado quanto os cursos que a gente vai fazendo na parte de didática, de metodologia de ensino, eu acho que nunca é suficiente. Sempre estamos aprendendo, principalmente porque os alunos que estão iniciando hoje são diferentes dos de ontem e diferentes dos que vão iniciar daqui a cinco ou dez anos. A cada década também o aluno está mudando, está mudando o perfil dele. Ele está entrando muito jovem no ensino universitário e com características ainda de aluno de 2º grau. Então precisamos sempre estar com a parte didática sempre enfocando, principalmente, o estímulo do aluno ao estudo.

Contudo, esta professora já sinaliza para a preocupação com uma formação continuada, para a visão da não terminalidade, para a necessidade de sempre estar aprendendo. Esta visão também está presente no discurso deste professor:

Suficiente. Claro que ela é compatível com as exigências que têm hoje as demandas por orientação, pesquisa, trabalho na graduação e na pós-graduação. Mas, por outro lado, é bom salientar, com humildade, que nunca é completa. Eu acredito que é suficiente, é a necessária, mas ainda sempre há novos caminhos, novas aberturas programáticas para se cumprir, no sentido do autodesenvolvimento pessoal e profissional.

A exigência de mestres no ensino da graduação, nas universidades brasileiras, não é de tão longa data. Mesmo os mestres, até pouco tempo atrás, tinham uma formação considerada terminal. A eles eram passadas “receitas”, eram feitos treinamentos, como bem ilustra esta professora quando perguntada se seu curso de mestrado foi mais voltado para pesquisa ou para docência:

Para docência. Nós dávamos aula na pós-graduação. Tínhamos aulas, preparávamos os planos de aula, tudo direitinho.

Talvez por isso a maioria dos professores considerou, neste trabalho, que a sua formação é suficiente para o exercício da docência e não cogitaram a formação continuada. Todavia, esta visão de terminalidade oferecida nas universidades deve ser ultrapassada, tanto na graduação como na pós-graduação. Para isso, o eixo da ação docente precisa passar *do ensinar* para enfocar o *aprender*, especialmente o *aprender a aprender* (BEHRENS, 2000, p.70).

Segundo Estrela (2002, p. 54), o ensino e a pesquisa em odontologia, como em qualquer outra ciência, envolve diferentes fatores que buscam valorizar a formação docente e científica do educador. Ainda, segundo o autor, “a ação educativa deve ser entendida como um processo dinâmico e em construção permanente, sendo esta influenciada por diferentes aspectos, entre os quais: cultural, social, político, econômico, humanístico, religioso, moral e ético”.

Para que isto ocorra é imperativo que o professor de odontologia seja formado, ou preparado, para aliar a competência técnica, tanto de sua atuação profissional como de sua prática de ensino, ao compromisso político na formação do novo cirurgião-dentista crítico e reflexivo e em busca da transformação da sociedade.

Para Consolaro (2005, p. 23) o papel da universidade é de ensinar a desenvolver a criticidade de seus estudantes, fazendo-os refletir, analisar e desta forma, poderem decidir a seu próprio julgamento.

Buscando ainda, neste trabalho, uma avaliação e posterior reflexão em torno da aptidão ou não do professor de odontologia como educador, foi questionado aos professores quanto à sua formação continuada: se o mesmo havia feito cursos de aperfeiçoamento como profissional docente. Metade dos entrevistados afirmou nunca ter feito cursos de aperfeiçoamento em docência. No grupo dos professores que afirmaram ter feito, um deles destacou:

Fiz vários cursos de educação continuada para didática, oratória, método de ensino, todos cursos rápidos, fora do mestrado. Além disso, ao longo da minha carreira, fiz outras especializações, que se somaram à endodontia*, como radiologia**, periodontia*** e fiz aperfeiçoamento em implante. Todas são áreas ligadas à endodontia.
--

Neste depoimento, evidencia-se a preocupação do docente com seu aperfeiçoamento técnico, tanto na docência como em sua área específica do conhecimento. Este professor de endodontia percebeu, ao longo de seus trinta anos de magistério, a necessidade de uma visão mais generalista da odontologia em detrimento de um aprimoramento teórico/prático na sua especialidade, e lamenta o fato de não ter tido possibilidade de fazer mestrado no início de sua carreira:

* Endodontia: ramo da odontologia que trata da etiologia, diagnóstico, terapêutica e profilaxia das doenças e lesões que afetam a polpa dentária e a raiz dentária (no uso comum: nervo do dente), bem como o tecido periapical (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 1141).

** Radiologia: ramo da medicina que se dedica ao estudo e o emprego dos raios X e de outras energias radiantes, com fins diagnósticos e terapêuticos (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 2376).

*** Periodontia: ramo da odontologia que se especializa no estudo dos tecidos normais e no tratamento das afecções dos tecidos imediatamente próximos aos dentes (N.A.: gengiva, osso, e ligamentos) (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 2190).

Eu acabei fazendo mestrado com mais de 25 anos de formado. Hoje, o professor começa de forma mais adequada, maior formação, a maioria começa com mestrado e em seguida o doutorado, que é o correto. Porém, na época que eu entrei, havia pouquíssimas opções de mestrado, então alguns professores faziam mais tarde, como eu, e outros acabaram nunca fazendo. Eu fiz mais no final, acho que deveria ter feito mais no início.

Duas professoras consideram as semanas pedagógicas, que ocorrem anualmente nas universidades, como sendo aperfeiçoamento docente e uma delas destaca também os cursos ofertados pela ABENO (Associação Brasileira de Ensino Odontológico):

Sim. Aqui na faculdade, nas nossas semanas pedagógicas, e agora a reunião da ABENO. Os cursos práticos da ABENO e esta última reunião da ABENO.

Dentre todas as respostas a esta questão, uma chamou a atenção pelo fato do professor parecer ter sido “obrigado” a fazer cursos de aperfeiçoamento, no caso específico uma especialização em metodologia do ensino superior:

Fiz especialização em metodologia no ensino superior. A metodologia ensinada era aplicável, acredito eu, a cursos teóricos. Alguma coisa me auxiliou. Mas a aplicação bem objetiva para odontologia foi muito pouca.

Buscando maior clareza quanto aos motivos que levam este professor a crer que a metodologia “imposta” no curso de especialização não era aplicável ao curso de odontologia foi perguntado qual seria a diferença de metodologia para um curso “teórico” e o curso de odontologia. A resposta é a que segue:

Nós fazemos seminários, debates, discussões, fórum. Eles ensinavam GVO, GVE, vamos fazer rodinha, vamos discutir tal assunto. Mas, na odontologia, nós temos que projetar uma imagem, que o aluno ainda nem viu, para ele conhecer e não ficar imaginando. Me parece, ainda, que para o aluno entender tem que ser mais objetivo. Embora hoje, a universidade está voltada para pesquisa, para o aluno pesquisar, mas por outro lado, ele não sabe o cotidiano. Sentimos isso no dia a dia da graduação.

Nesse relato, o professor evidencia a *atividade cultural* do ensino apontada por Pedro Demo, em seu livro *Conhecer e Aprender* (2000, p. 17), onde cita Bruner* (1996). Segundo o autor, “o ensino, como qualquer atividade cultural, é aprendido por meio da participação informal sobre períodos longos de tempo. É algo que se aprende a fazer mais crescendo dentro da cultura do que estudando formalmente”.

É visível esta dificuldade no relato deste professor quando o mesmo aponta para as dificuldades impostas pelo projeto pedagógico da universidade:

O projeto pedagógico caminhou para isso. Incentivar bastante a pesquisa. Mas ele não valoriza o que o aluno vai fazer no seu dia a dia da profissão. A prática que é mexer com o paciente, fazer o procedimento, a técnica. Os professores dizem: -Você tem que apresentar o relatório na aula que vem. O aluno vai para casa, para Internet, ou vai para a biblioteca e na realidade durante a aula prática ele estava mais preocupado com o trabalho de amanhã. Eu não sei se eles absorvem as informações na prática. Acredito que os professores dão mais de si, de sua experiência, para que os alunos não tenham dificuldade no futuro.

Behrens (2000, p. 70) acredita que “um dos maiores impasses sofridos pelos docentes é justamente a dificuldade de ultrapassar a visão de que podia ensinar tudo aos estudantes”. Outra dificuldade do professor de odontologia, mais especificamente, é ultrapassar a cultura da técnica, do procedimento e do material.

Todavia, o dentista deve ir além de sua formação técnica e dos conhecimentos das ciências biológicas e naturais, deixando-se contagiar por outras abordagens, incluindo as das ciências humanas e sociais, para, desta forma, compreender melhor o papel de educador do professor de odontologia (SILVEIRA, 2004, p.152).

O professor precisa, primeiramente, compreender o seu real papel na sociedade e na formação dos novos cirurgiões-dentistas. Mas isto não irá ocorrer, segundo Demo (2000, p 21), através de meros cursos de treinamento. Para ele, estratégica é a importância da tese do professor como pesquisador e ainda

* BRUNER, J.. **A cultura da educação** (no prelo). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

acrescenta que as escolas, e estende-se para as universidades, deveriam ser laboratórios de aprendizagem, possuindo infra-estrutura para partilhar, construir e divulgar o conhecimento profissional.

Nesse contexto, nasce a verdadeira profissão de ensinar que implica profissionalizar os professores. Entretanto, como já discutido anteriormente, a profissionalização é uma transformação estrutural, por isso, ela não se decreta. Trata-se de uma “aventura coletiva” e complexa baseada em iniciativas individuais (PERRENOUD, 2000, p. 178).

A realidade do ensino e da formação dos professores nas universidades brasileiras espelha este quadro. O MEC instituiu as novas diretrizes curriculares para todos os cursos universitários. As universidades “correm”, modificando seus projetos pedagógicos, seus currículos, buscando o treinamento de seus professores, porém esquecem que a grande mudança, a grande transformação, como cita Demo (2000, p. 17), deve ser cultural, na formação do professor, senão o docente não compreende os objetivos, pois não compreende a realidade, não reflete sobre ela e então não a transforma. Os cursos de capacitação docente são instrumentos importantes onde o professor pode buscar atualização e reflexão, necessárias para a auto-avaliação e o autoconhecimento, com vistas para esta transformação cultural sugerida por Pedro Demo.

O professor necessita refletir, discutir seus problemas, seus projetos, com vistas à construção de uma identidade profissional. Assim, não precisará esperar que lhe digam o que e como fazer. Suas experiências compartilhadas com a de outros profissionais podem ser utilizadas para buscar respostas a diversos problemas, como, também, para um questionamento mais profundo de suas práticas educacionais dentro do contexto em que está inserido. Para isso, os professores devem ser agrupados numa situação de investigação de suas práticas e de valorização destas experiências vivenciadas (BEHRENS, 1996, p. 119).

Refletindo, discutindo e aprendendo acerca de sua atividade docente, o professor de odontologia passa a aliar a sua formação técnico-científica com uma visão ético-humanística. Para Batista e Batista (2004, p. 20), assumir a

formação do docente em saúde, área que tem sido exigida no redimensionamento de seus pressupostos epistemológicos e políticos, como processo de reflexão, demanda articular as histórias dos professores, suas trajetórias e crenças, com condicionantes institucionais hoje postos para a formação dos novos profissionais.

Entretanto, quando questionados, neste trabalho, sobre participação em cursos de capacitação docente, dois professores responderam que nunca fizeram, sendo que uma professora citou que já fez alguns treinamentos, mas muito poucos.

Outra professora demonstrou a dificuldade de aplicação, na odontologia, das metodologias divulgadas nestes cursos ministrados por pedagogos:

Algumas coisas são interessantes, mas, é difícil você aplicar, porque existe uma característica diferente na odontologia com relação ao ensino de outras matérias. Nossa profissão é muito prática, então eu acho que você tem um dom de ensinar, de passar, de comunicar, da maneira que os alunos te entendam. Você também tem que ter experiência prática, eu acho que é imprescindível.

Outros professores demonstraram, novamente, que a maior contribuição promovida por cursos de capacitação é o conhecimento de novas técnicas de ensino, da aprendizagem de novos instrumentos didáticos:

Trouxeram contribuições principalmente no sentido de ver onde, às vezes, estou errando. Também de ver alguns instrumentos didáticos que a gente pode estar usando em sala de aula, ou mesmo na clínica. Porque a clínica é muito dinâmica e nós não podemos só chegar para o aluno e o aluno fazer o procedimento clínico mecanicamente. Ele tem que entender cientificamente e clinicamente, não só tecnicamente o que ele está fazendo.

Também neste relato:

Ajudou-me bastante para organizar o conteúdo programático. Atualizamos as aulas, mudamos os conteúdos, colocamos novas técnicas.

Porém, neste próximo relato, evidencia-se já uma visão social e humanista, pois a docente demonstra que ao participar de alguns cursos de capacitação ela foi levada a se preocupar em “pensar o aluno”:

A forma de fazer a avaliação dos alunos, a avaliação teórica e a avaliação prática e uma outra forma de pensar como é o aluno, pois nós não entendemos como é isso, apenas sendo cirurgião-dentista, é um outro tipo de visão.

A fala desta professora já demonstra o início de uma transformação, dentro de um processo de reflexão, ao comentar a necessidade do professor de odontologia de conhecer seu aluno, ou seja, de não tê-lo como simples objeto, mas sim de vê-lo como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, um indivíduo complexo, social, detentor de uma história de vida. Segundo Giroux (1997, p. 161), deve-se analisar a “suposição errônea de que todos os estudantes podem aprender a partir dos mesmos materiais, técnicas de ensino em sala de aula e modos de avaliação”, pois cada indivíduo tem a sua história, suas experiências e seus talentos, e essa realidade não pode ser desprezada (GIROUX, 1997, p. 160).

Porém, apenas um professor salientou a importância dos cursos de capacitação como uma forma de autoconhecimento, auto-avaliação e de uma melhora da relação entre professores:

É muito grande. Ao mesmo tempo em que ela é pró-ativa, no sentido de buscar o melhor desempenho coletivo, entre pares, ela traz uma necessária auto-reflexão, auto-avaliação permanente. É o que eu chamaria de educação permanente. Não a educação continuada, aquela episódica, aquela parcial, aquela que vive de alguns cursos, às vezes sequenciais e às vezes não. A educação permanente é para vida toda e é o que trabalha para a construção de novos projetos pedagógicos, trabalhar com seus pares, para nossa inter-capacitação, processo quase que intersubjetivo. Engrandeceu-me muito. Eu acrescento também que formo a docência, pois dou aula no mestrado e doutorado. Enquanto programas acadêmicos, como são, no caso desta universidade, há um objetivo central que é a formação de futuros docentes. Neste processo todo, eu, individualmente, me benefico muito, pela atualização constante. A expressão que resume isso é a educação permanente. Ao fazer isso eu me coloco num programa deliberado, dentro da minha própria agenda, de fazer minha educação permanente.

De fato, a educação permanente, como foi dito por este professor, é a base da profissionalização docente, que busca a melhora do estatuto do professor

e aumento de seu poder de decisão, permitindo-lhe discutir e participar ativamente da formulação de práticas pedagógicas voltadas para sua realidade. Mas, segundo Perrenoud (2000, p. 178),

a profissionalização não avançará se não for deliberadamente estimulada por políticas concentradas que digam respeito à formação dos professores, a seu contrato, à maneira como eles prestam conta de seu trabalho ao estatuto dos estabelecimentos e das equipes pedagógicas.

Quando perguntados a respeito do apoio das universidades na formação do profissional docente, cinco professores (50% dos entrevistados) responderam que a universidade não investe na formação docente, na verdade incentiva, porém não investe, como neste depoimento:

Eles ajudam. Sempre existe uma política de incentivo para que a gente faça. Mas, o ideal seria que tivesse um afastamento, mas isto não existe, aliás, eu não sei se alguma universidade particular faz isto aqui no Brasil. A universidade incentiva mas, não investe.

Em outros dois depoimentos, ficou bastante clara a falta de investimento das universidades na formação dos professores:

Não. Eu investi sozinha.

E neste:

Acho que não está investindo. Nem a UFPR está. Não há ajuda. Para você conseguir alguma ajuda na UFPR, já é difícil, aqui não tem. Eu, particularmente, nunca tive ajuda.

As universidades, especialmente as particulares, parecem estar investindo em oficinas e cursos de atualização, como se observa neste relato:

Fazemos oficinas e fiz a especialização sem pagar. Tem reciclagem. Hoje, a universidade não dá muito apoio ao pessoal que sai para fazer mestrado e doutorado, parece que é uma parcela mínima de incentivo.

E neste:

Anualmente, na semana pedagógica, são ofertados cursos didáticos. Este é o 4º ano que estou aqui e é o 4º ano que isso ocorre. É aberto para todos os professores que queiram participar.

Sendo que, em algumas universidades, iniciam-se projetos de apoio à pesquisa:

Nós tivemos três oficinas de prática docente. Mas, a universidade não me libera para que eu vá fazer o meu doutorado e não paga o meu doutorado. Não me estimula. Porém, agora nós temos um projeto que estimula a pesquisa docente para que os professores graduem com mais velocidade e obtenham o título com maior velocidade. Então, você monta o projeto, trás na faculdade e, se for necessário, eles pagam. Então, agora, surgiu este projeto, que nós talvez tenhamos o apoio dentro da instituição, mas não que a instituição te libere e te pague para você estudar.

Dois professores relataram o apoio da universidade aos professores que buscam seu aperfeiçoamento e uma melhor graduação. Apesar das dificuldades encontradas pelas Universidades Federais, em termos financeiros, a CAPES incentiva os professores através de bolsas:

Incentiva até certo ponto. As universidades federais sempre estão passando por problemas de ordem financeira, o que dificulta muito a verba destinada principalmente aos professores. Dentro das possibilidades, as federais, não só a nossa como outras, têm propiciado, através da CAPES, bolsas de mestrado e doutorado.

Outro professor, de uma escola pública, afirmou que incentivo existe, mas depende da vontade de cada professor:

Não é que a universidade invista. Ela te dá oportunidade. Se você quiser fazer sua carreira na universidade, ela te dá todas as condições. Você pode fazer o mestrado, o doutorado... Existem algumas áreas dentro da própria universidade que você pode fazer. Agora, se você tiver que sair, ela te dá todas as condições para sair. Mas, isso você tem que buscar, não é que ela investe, ela te dá oportunidade, depende de cada professor. Eu nunca tive problema, sempre houve incentivo.

Apenas um professor, de uma universidade particular, relatou apoio total da instituição na sua formação:

Sim. Eu tenho que, neste sentido, ser muito grato à Instituição. Não sei se é generalizável, não posso falar por outros colegas da odontologia ou outros cursos, mas, no meu caso pessoal, e é o que posso falar com certeza, a

universidade sempre foi uma Instituição virtuosa, no sentido de possibilitar oportunidades para também me tornar, se possível, virtuoso, pela educação permanente, pela formação. A universidade me apoiou no período do mestrado, ainda, (eu estava cursando o mestrado quando ingressei na universidade) e recebi suporte, apoio, inclusive dispensa de parte da carga horária, e, quando se tratou de doutorado, eu recebi apoio integral. A universidade me liberou integralmente, porque fiz doutorado fora do Brasil. Eu tive assegurada a minha ida para a Inglaterra, mantendo meu vínculo e, no meu retorno, todo o apoio, o acolhimento, a recepção como um filho da casa. Neste sentido, eu sou muito grato à Instituição. Tenho que reconhecer este mérito de uma Instituição que apostou no meu desenvolvimento pessoal.

Através da análise destes depoimentos, pode-se indicar que a maioria dos professores investiu pessoalmente em sua formação e que as universidades incentivam, porém grande parte delas não investe na formação do docente. As semanas pedagógicas são apontadas pelos professores como o curso de capacitação oferecido por algumas instituições. Entretanto, pelo depoimento de dois professores, uma universidade particular parece apoiar e investir na capacitação, formação docente, através de oficinas pedagógicas e ajudando com as custas de cursos de especialização e, em um caso, que pode ser exceção, apoiou integralmente o doutoramento.

Secco e Pereira (2004, p. 117), em seu trabalho *Formadores em odontologia: profissionalização docente e desafios políticos-estruturais*, entrevistaram 13 coordenadores de cursos de graduação em odontologia, no Estado de São Paulo. Para alguns coordenadores, existe uma tendência das mudanças ocorrerem de forma mais rápida nas escolas particulares em relação às públicas, não que ocorra de forma mais adequada, pois a necessidade de corresponderem às expectativas e orientações dos processos avaliativos é crítica nas escolas particulares, tendo em vista a maior instabilidade no emprego.

Neste trabalho, uma professora apontou a dificuldade que as faculdades públicas têm para mudança, em decorrência da estabilidade de emprego, dos professores, vindo ao encontro com o trabalho acima citado:

Os professores não mudam. Não fazem cursos de atualização pedagógica e não se interessam porque não tem nenhuma meta a cumprir, são funcionários públicos e vão ser para sempre.

Observa-se também, através dos depoimentos, que as escolas particulares procuram investir mais em cursos de capacitação e formação docente do que a universidade pública. A preocupação com a titulação dos docentes é crítica nas escolas particulares, bem como a busca do perfil do professor indicado pelas diretrizes curriculares do MEC.

Hoje o exercício docente no ensino superior exige saberes próprios que vão além dos saberes técnicos da profissão, ou mesmo dos títulos de mestre e/ou doutor. Para ensinar, é preciso mais do que conhecer o conteúdo, ou melhor, ter competência em uma determinada área do conteúdo. É necessário que o professor domine a área pedagógica através do planejamento, da organização, da avaliação, como também dos problemas de disciplina, das diferenças de respostas e de acompanhamento por parte dos diferentes alunos e especialmente a preocupação com a formação do profissional-cidadão.

Buscando uma avaliação da atual situação do ensino odontológico, comparativamente ao ensino de alguns anos atrás, foi questionado o que havia mudado na formação do cirurgião-dentista da época de graduação de cada professor entrevistado, neste trabalho, para os dias de hoje. Apenas uma professora, formada há menos de dez anos, informou que não houve modificação nenhuma no ensino:

A formação mudou muito pouco. Talvez, mudaram as técnicas operatórias, os materiais, mas em termos de didática não mudou nada. Não vejo nenhuma mudança desde a minha época. Vejo que é um ensino voltado para as competências práticas e não à competência científica.

Entretanto, para grande parte dos docentes entrevistados, a formação do cirurgião-dentista sofreu grandes transformações, especialmente nos últimos anos. Para alguns professores, a ciência odontológica mudou bastante. De uma visão tecnicista voltada apenas para a teoria e os procedimentos técnicos, evoluiu para uma visão mais humanizada, buscando o atendimento do paciente “como um todo” e entendendo o papel do cirurgião-dentista como profissional da saúde:

Vejo a odontologia não mais como algo mecânico e técnico, mas sim uma área da saúde. Onde você atende o paciente como um todo, então, eu em particular, aprendi a ver o paciente, ao longo dos anos, já depois de formada, desta forma porque na graduação o enfoque era praticamente técnico. A gente não via o porquê de estar fazendo. Até porque a área odontológica teve um grande avanço na década de 90. Desta forma, este grande avanço nas áreas de pesquisa científica odontológica fez com que a odontologia saísse do empirismo e passasse a ser uma ciência mais voltada para os fundamentos científicos.

Em outro depoimento, observa-se também a preocupação da professora (de odontologia legal e de odontologia) em transmitir aos seus alunos aspectos ligados ao relacionamento entre profissional-paciente, bem como os aspectos bioéticos. Porém, a mesma acredita que a odontologia ainda é uma profissão bastante tecnicista e que o aluno de odontologia está mais focado nos procedimentos técnicos, querendo aprender **o que** fazer, se esquecendo **em quem** está fazendo:

A ciência mudou muito. Hoje, nós estamos mais preocupados com a humanização do atendimento, nós passamos isto para os alunos, o aspecto legal também do exercício da profissão, do relacionamento com o paciente, todo foco que a bioética vem trazendo muito forte. Também em relação aos processos judiciais, que estão ocorrendo na odontologia. O foco é este, orientar quanto à documentação, do relacionamento, da autonomia do paciente. Mudou muitíssimo. O foco da odontologia também mudou, porém, eu ainda hoje brigo muito porque acho que nossa profissão é muito tecnicista (...). O aluno quer aprender a fazer, só que esquece em quem ele está fazendo, o ser humano, o biológico. A gente tenta mudar esta realidade. A nossa conversa com nosso aluno é neste sentido, que ele está atendendo com respostas imprevisíveis. Que cada plano de tratamento é individualizado e tem que ser individualizado. Que um plano de tratamento não serve para todos os pacientes. Deve-se analisar o aspecto humano da relação, mas isto ainda nós temos que mudar muito.

Um dos princípios do pensamento complexo, segundo Mariotti (2002, p. 349) é a inexistência de fenômenos de causa única no mundo natural. Para o autor, “vivemos em círculos sistêmicos e dinâmicos de *feedback*, e não em linhas estáticas de causa-efeito imediato”. Neste contexto, o cirurgião-dentista, como profissional da saúde, deve reconhecer o seu paciente como ser complexo e a saúde como fenômeno multidimensional e deste modo, ultrapassar a fragmentação, o reducionismo e o imediatismo, bases do pensamento newtoniano-cartesiano que apoiaram a ciência, o ensino e a profissão odontológica durante toda a sua evolução.

Não só o foco principal (da visão fragmentada do ser humano para uma visão de ser complexo) na formação do cirurgião-dentista está mudando, segundo os professores entrevistados. O perfil do aluno foi apontado por alguns como um fator de mudança entre a época de graduação dos mesmos e os dias de hoje:

Antigamente, a gente aceitava, não questionava, engolia e digería, da melhor maneira que fosse fazer você tirar nota na prova. Aceitava da maneira que o professor dizia. Hoje em dia, os alunos questionam, eles não têm medo, principalmente de perguntar...
--

O paradigma da modernidade influenciou, através da ciência e da pesquisa, o ensino nas universidades. O conhecimento foi fragmentado em campos especializados e nas universidades a racionalidade científica foi empregada na lógica dos currículos, na avaliação, nas normas, na fragmentação dos conteúdos, na reprodução do conhecimento e na própria prática em sala de aula. O professor “é apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional previsto” (LIBÂNEO, 1986, p. 30). Ao aluno cabe receber e fixar as informações passadas pelo professor, respondendo de forma pronta, direta e correta, quando estimulado.

A finalidade da metodologia de ensino conservadora é a reprodução do conhecimento, enfocado como absoluto e inquestionável, e a perpetuação da cultura. “Caracteriza-se pelas aulas expositivas e pelas demonstrações que o professor realiza perante a classe” (BEHRENS, 2000, p. 45), procedimento este exemplificado, neste trabalho, por uma professora de materiais dentários:

A minha formação era muito teórica. Tinha muita teoria, vou pela minha disciplina. Na minha disciplina, o professor colocava uma mesa enorme com tampo metálico e fazia demonstração, às vezes, ele pegava um aluno para repetir e terminava a aula.
--

Segundo Maia (2003, p. 117), as metodologias de ensino tradicionais baseiam-se na transmissão de informações e há uma grande centralidade no docente, em suas aulas expositivas para grandes grupos, com

reduzidos recursos didáticos complementares, afirmação esta que pode ser ilustrada por esse discurso:

Era outra época. As aulas de meus professores de graduação eram do tipo magistral. Hoje, através da multimídia, através da vídeo-conferência, se permite que ocorra uma diferenciação, principalmente nas estruturas de ensino, em que se demonstra mais a parte prática, na graduação, em relação a antigamente. A teoria, lógico, também.

Evidencia-se, nos discursos abaixo reproduzidos, a estrutura da metodologia tradicional de ensino onde os alunos são considerados seres passivos não participantes do processo de elaboração e aquisição do conhecimento, apenas assimilam os conteúdos transmitidos e os reproduzem, como “*tábua rasa*”:

No nosso tempo, os professores passavam o que queriam e como eles queriam e a gente engolia.

E neste outro:

Os professores, que acompanharam esta evolução, vêem que mudou muito na área de ensino. Não é mais o professor passando a informação direta aos alunos, como se ele não soubesse nada e você fosse o dono de todo o conhecimento, isto hoje não existe.

Uma das dificuldades neste tipo de abordagem é a percepção pelo professor das dificuldades encontradas pelos alunos, pois apenas ele tem o direito de falar e agir. Desta forma, todos aos alunos são tratados da mesma forma, sem considerar seu ritmo individual de trabalho, seus objetivos, seus questionamentos. São utilizados os mesmos materiais didáticos, os mesmos livros e todos adquirem os mesmos conhecimentos.

Uma das professoras entrevistadas apontou esta dificuldade dos alunos, em sua época de graduação, em buscar o conhecimento:

Na minha época, a fonte do conhecimento era pequena. Eu mesmo estudei em livros em espanhol. Nós íamos à biblioteca e não tínhamos muitos periódicos. Antigamente, existia o conhecimento mastigado e era só aquilo, não havia aonde buscar mais. Só os professores possuíam acesso aos livros. Os livros que nós tínhamos eram só os clássicos, na biblioteca da escola.

Atualmente, segundo alguns professores, o ensino está mais focado no aluno, sendo que do professor exige-se mais em termos de formação, capacitação, pesquisa e atualização constante. Como está explícito nos comentários desta professora:

Hoje, se exige muito mais dos professores. Os professores estão muito mais capacitados do que na nossa época. Produção de material didático, atualização, eu acho que o professor tem que saber tudo o que está acontecendo no momento, para passar para os alunos. No nosso tempo, não era assim, os professores passavam o que queriam e como eles queriam e a gente engolia. Hoje em dia, existe uma competitividade muito grande na área de docência na odontologia, por isso os professores trazem mais aos alunos o que tem de novidade. Estão sempre procurando o que tem de novidade para trazer e também a exigência das universidades de que o professor faça pesquisa, publique. Isso faz com que o profissional esteja mais bem informado. O aluno cobra, hoje, também mais do professor.

E deste professor:

Mudou muita coisa. Tanto na parte prática como no próprio ensino. Hoje, você está mais inclinado ao PBL, uma formação em que você incentiva o aluno a estudar, também motiva o aluno durante a aula, que ele vá buscar mais informações, faça as aulas se completarem com trabalhos.

Segundo Hargreaves (2004, p. 30) “na virada do século, uma nova economia e uma nova sociedade começavam a tomar forma, surgidas da sombra do industrialismo”. Nesta nova era social, denominada por Daniel Bell, *sociedade do conhecimento* (HARGREAVES, 2004, p. 30), a economia sofre uma transformação passando de uma era industrial, onde a maior parte da população estava envolvida com a produção das coisas, para uma economia pós-industrial, onde a força de trabalho se volta cada vez mais para os serviços, as idéias e a comunicação. Porém, a discussão sobre a sociedade do conhecimento amplia, para Hargreaves (2004, p. 31), seu significado para além de Bell. Disse ele:

A sociedade do conhecimento de hoje não está representada apenas no crescimento de determinados setores especializados como ciência, tecnologia ou educação: não é apenas um recurso para o trabalho e a produção, mas permeia todas as partes da vida econômica, caracterizando a própria forma com que as grandes empresas e outros tipos de organizações operam.

O conhecimento é, hoje, a grande “arma” do indivíduo no mundo do trabalho. Sendo assim, não se concebe mais a universidade como simples

transmissora de conhecimento, pois ela não é mais o único acesso à informação. Imprescindível se faz tornar o aluno apto a analisar de forma reflexiva os interesses, os valores e ocupações relacionadas à informação que está sendo acessada. Portanto, o professor não pode mais estar vinculado apenas ao domínio e à transmissão dos conteúdos de sua disciplina (BATISTA, 2004, p. 40) e ainda, segundo Behrens (2000, p. 70), a visão de terminalidade oferecida nas universidades, nos cursos de graduação, deve ser ultrapassada.

Esta realidade faz parte do dia a dia de todos os professores e os professores de odontologia estão cientes deste seu novo papel, como visto neste relato:

Os alunos, de hoje, têm as bibliotecas do mundo do lado da cama deles, então, o professor, hoje, é mais orientador do que professor. Desta forma, nós temos que ensinar aos alunos a aprender onde buscar o conhecimento. (...) hoje é diferente porque nós temos a Internet, só não sabe quem não quer. Então, nós passamos da era de dar tudo mastigado, como era no meu tempo, para orientadores, ensinando onde os alunos devem buscar o conhecimento.
--

É uma mudança de paradigma. E neste novo paradigma, chamado de paradigma emergente ou inovador ou da complexidade, o aluno passa de objeto a sujeito do processo de aprendizagem, produzindo seu próprio conhecimento e transformando o mundo. Assim, o processo de ensino-aprendizagem passa a englobar a relação interpessoal entre professor e aluno. O professor deve ter como objetivo principal a formação do aluno. Através da aprendizagem e da competência adquirida pelo aluno, o mesmo se torna apto a selecionar e avaliar as informações transmitidas pelo professor, bem como a gama de informações que o cercam.

Contudo, cabe ao professor universitário encontrar formas de trabalhar num contexto inovador, num ambiente ainda tradicional. Segundo Behrens (1996, p. 32), “desafiar o sistema, alterar a prática docente, empenhar-se na transformação tem-se apresentado como tarefa inglória nos meios acadêmicos”. A formação dos alunos, no ensino fundamental e médio, de forma tradicional acostumados a serem simples objeto de aprendizagem, como também o grande

número de alunos nas salas de aula, a burocracia existente nas universidades e os próprios currículos, dificultam a transformação necessária.

Observa-se esta dificuldade no relato de dois professores entrevistados nesta pesquisa:

O aluno de hoje cobra fórmulas, cobra raciocínios fracionados, ele quer tudo pronto. O jovem de hoje quer as coisas prontas e eu sinto que na minha época, não. O professor não dava tanta informação como hoje. Era aquela informação básica, em sala de aula, mas você tinha que ir para o livro complementar aquela informação. Então, nós estudávamos bastante em livro. Hoje, o aluno, se você deixar, estuda somente por aquele conteúdo que você fala em sala de aula e que você projeta.

(...) É pelo tipo de aluno que a gente tem. Se você passa um conteúdo profundo, ele não vai captar, ele não entende. Então, você tem que falar com uma linguagem mais fragmentada que ele entenda, uma linguagem mais básica.

O paradigma da modernidade e sua visão linear, reducionista, imediatista e individualista, como bem define Mariotti (2002) e que segundo Libâneo (1986, p. 20) prega a racionalidade e a produtividade, com ênfase nos meios (tecnicismo), ainda é hegemônica. Veja-se a declaração feita por este professor:

Acho que o aluno, hoje, entra na escola e, no segundo ou terceiro ano, ele já diz:- Vou ser ortodontista*, ou, vou ser odontopediatra**. Naquela época, nós não pensávamos nisto. A idéia era se formar clínico geral. Hoje, o aluno do sexto período começa a fazer moldagem, não gosta e diz:- Ah! Eu não quero fazer nunca prótese. Eu digo: - Amigo, você tem que fazer porque você tem que sair daqui um clínico geral. O princípio das universidades é formar o clínico geral. Mas, nós percebemos que eles não estão voltados a saírem como clínico geral.

Pelo depoimento deste professor conclui-se que muitos alunos de odontologia já iniciam seus cursos de graduação voltados para “suas especialidades”, confirmando a afirmação de Peres, Matos e Leal em seu trabalho “Proliferação das Especialidades Odontológicas: uma Abordagem Crítica” (2003, p.

* Ortodontista: cirurgião(ã)-dentista especializado(a) no estudo do crescimento e do desenvolvimento do complexo craniofacial e da oclusão, bem como no tratamento das anomalias dentofaciais (MOYERS, 1991, p. 4).

** Odontopediatra: cirurgião(ã)-dentista, especialista, que se preocupa com os cuidados buco-dentários das crianças (ISSÁO e PINTO, 1988, p. 1).

120), de que os estudantes de odontologia ao entrarem nas faculdades já têm como objetivo a especialização e ainda não estão sendo formados com uma visão coletiva da saúde bucal. Dentro desta perspectiva, o aluno se forma um subespecialista e não um cirurgião-dentista com formação generalista como proposto pelas Novas Diretrizes Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia.

Na visão fragmentada do conhecimento, imposta pela visão racionalista, as disciplinas isoladas se dirigem apenas a seus respectivos campos. Fragmentados, esses domínios acabam se subdividindo em muitos outros e, então, criam-se as especialidades e as subespecialidades, que são acompanhadas pelo estreitamento mental dos especialistas (MARIOTTI, 2002, p. 91).

Os projetos pedagógicos, da maioria dos cursos de graduação em odontologia, ainda seguem a forma tradicional de organização curricular multidisciplinar, ou seja, aquela em que, segundo Zabala, as disciplinas “apresentam-se uma atrás da outra, sem que exista nenhum tipo de conexão entre elas, e em que até a mesma disciplina organiza seus conteúdos internos sob campos aparentemente isolados” (2002, p. 31). Este tipo de estrutura curricular, baseada na fragmentação do conhecimento, predispõe a formação de profissionais de forma subespecializada, pois o aluno não percebe, durante a sua formação, a relação entre as diversas disciplinas e em alguns casos não percebe a relação entre “diferentes” conteúdos de uma mesma disciplina.

Porém, as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em odontologia propõem um ensino voltado para a atuação “multiprofissional, interdisciplinar e transdisciplinar com extrema produtividade na promoção da saúde baseado na convicção científica, de cidadania e de ética”. Denomina-se interdisciplinaridade o reencontro e a cooperação entre duas ou mais disciplinas, cada uma das quais traz seus próprios esquemas conceituais, a maneira de definir os problemas e seus métodos investigatórios. Já, transdisciplinaridade implica em um grande contato e cooperação entre as diversas disciplinas que acabam por adotar um mesmo conjunto de conceitos fundamentais ou alguns elementos de um mesmo método de investigação (ZABALA, 2002, p. 32).

Desta forma, o aluno de odontologia deve ser formado dentro de um novo enfoque, denominado por Antoni Zabala (2002) de “Globalizador”. Nesta “visão globalizadora” de ensino, os conteúdos são organizados a partir de uma concepção na qual o objeto fundamental de estudo para os alunos é o conhecimento e a intervenção na realidade. Ser capaz de compreender e intervir na realidade significa dispor de instrumentos cognoscitivos que permitam lidar com a complexidade, sendo que para tal, necessário se faz utilizar os diferentes instrumentos de conhecimento existentes de maneira inter-relacionada.

Com o intuito de analisar e avaliar a evolução e as mudanças ocorridas nos últimos anos, no ensino da odontologia, os professores entrevistados foram questionados a respeito da metodologia de ensino por eles utilizada, comparativamente a de seus professores de graduação. Evidencia-se, primeiramente, uma preocupação dos professores em melhorar seu relacionamento interpessoal com seus alunos, como neste depoimento:

Naquela época, não existia diálogo. Errou? Não fez aquilo? O professor não tinha muito diálogo com o aluno. Havia uma distância muito grande entre professor e aluno. Hoje, não, a gente bate papo, até diria que tem muita liberdade.

E neste:

Acho que os alunos têm acesso fácil comigo, embora eles até me considerem exigente, mas eu ainda acho que eles têm acesso fácil.

Evidencia-se, também, a preocupação do docente em motivar os alunos a participarem das aulas através do uso de tecnologias de ensino e de material didático:

Meus professores eram muito acomodados. Material didático era sempre o mesmo, aquela coisa monótona e, hoje, a gente tem que fazer um material que traga o aluno para dentro da sala, que o aluno participe. É muito diferente.

Esclarecer aos alunos a importância do conteúdo que está sendo ministrado, e a busca da integração entre teoria e prática, foram fatores citados também como pontos de mudança do ensino de alguns anos para cá:

Eu tento buscar nos alunos, que eles compreendam a matéria e que eles não engulam o que eu estou falando, mas que eles entendam, e eu tento justificar.

E, neste depoimento, de uma professora de anatomia e fisiologia:

Como eu vivo bastante a clínica cirúrgica, a anatomia fica mais próxima, então nós conseguimos trazer a anatomia mais próxima da prática clínico-cirúrgica. Então, a gente consegue dar uma aula inserindo conteúdos clínico-cirúrgicos na aula de anatomia, tentando fazer com que o aluno enxergue que aquele conteúdo vai ser usado no próximo ano. A gente consegue inserir conteúdos de fisiologia clínicos, numa aula de fisiologia teórica, para mostrar que aquele conteúdo tem um uso e tem um fundamento, porque e para que está sendo ministrado.

Sem dúvida, a simples transmissão da informação pelo professor não privilegia a aprendizagem, pois “uma informação só é identificada se já estiver, de certa forma, assimilada em um projeto de utilização, integrada na dinâmica do sujeito e que é este processo de interação entre identificação e a utilização que é gerador de significação, isto é de compreensão” (MEIRIEU, 1998, p. 54).

Os professores de odontologia parecem estar cientes desta realidade e se mostram empenhados em dar significado à aprendizagem de seus alunos. Quando questionados sobre o que ensina a seus alunos e qual metodologia é empregada, os docentes demonstraram preocupação com a transmissão de informações básicas das disciplinas, como demonstrado no seguinte depoimento:

Nós ensinamos, como sempre foi ensinado, a técnica endodôntica, os princípios, estes são básicos. Nas aulas teóricas, enfatizamos os princípios endodônticos, não enfatizamos tanto a clínica porque o aluno precisa ter uma formação básica dos princípios da disciplina: biológicos e mecânicos. Isto é o que nós ensinamos. Ensinamos os princípios básicos e, ao longo da vida, ele pode mudar, aperfeiçoar, o que naturalmente vai acontecer. Se ele tiver os princípios básicos, ele pode iniciar sua carreira, são as bases, os alicerces.

Este depoimento vem ao encontro do que diz Estrela, em seu livro *Metodologia Científica: Ciência, Ensino e Pesquisa* (2005, p. 7), onde afirma que das rápidas transformações sofridas pelo mundo hoje, sejam elas geográficas, econômicas, sociais, políticas, religiosas, as que são mais significativas são as científico-tecnológicas. Essas produzem grande impacto na vida das pessoas, ao redor do mundo. O autor ilustra esta afirmação citando um trabalho feito por um grupo de engenheiros japoneses que demonstrou ser de três anos e meio o prazo para um equipamento digital ser pensado, projetado, produzido, comercializado e substituído. Isto significa que o ensino, nas universidades, não pode estar baseado no mercado, pois quando um estudante inicia seu curso de graduação, o mundo do mercado é um, e quando o mesmo aluno termina sua formação, esse mundo é outro. Desta forma, o mercado, apesar de não poder ser ignorado, não pode ser determinante para o padrão do ensino e do currículo. Para Estrela, “o que se deve ensinar em qualquer uma das especialidades é o básico” pois, “quem sabe o básico, não tem medo do novo”. Se o aluno for bem ensinado, sendo capaz de analisar de forma crítica e reflexiva as informações, for bem cobrado, adquirindo competência tanto teórica como prática dos fundamentos e dos princípios básicos, ele não terá dificuldades em se adequar às novidades que irão surgir ao longo de sua carreira profissional. Berbel (1999, p. 13) confirma essa posição:

Na era da informação, os conhecimentos envelhecem muito rapidamente. Mais importante do que as informações, que na educação bancária são em geral memorizadas, é levarmos os nossos alunos a pensar, pensar a realidade e pensar a realidade criticamente.

Contudo, observa-se ainda no depoimento do professor, acima transcrito, uma dissociação entre a teoria e a prática, característica dos moldes tradicionais de ensino. Neste modelo, parte-se do pressuposto que “primeiro é necessário saber, para depois fazer”. Desta forma o ensino das atividades práticas ocorre nos momentos finais dos cursos. Atualmente, essa tendência positivista é bastante questionada, uma vez que a prática pode ser um fator problematizador para o aluno que, diante de uma determinada situação, vai buscar na teoria a compreensão e/ou a possível solução para o fato (MAIA, 2003, p. 117). Para Cunha*

* CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2000.

(apud, MAIA, 2003, p. 117), apenas a realidade e a prática são fontes capazes de gerar a dúvida intelectual.

Aspectos ligados à humanização do atendimento odontológico e ético também foram colocados como prioridades no ensino da odontologia, por essa professora:

Eu ensino a prática da odontologia. Tento passar para eles ética, o que tem que ser feito em uma clínica, como você deve agir com o teu paciente, as tuas responsabilidades (...).

E por esse professor:

Além do que é realmente a competência da disciplina da ortodontia, nós fazemos questão de ensinar, aqui, a parte de envolvimento na dignidade da profissão, da ética, principalmente, e introduzi-los numa noção de que todo tratamento, todo o cirurgião-dentista deve estar voltado para a comunidade. Além do sentido profissional o sentido humano.

Segundo Masetto (1998, p. 14),

as faculdades e universidades surgem como locais de encontro e de convivência entre educadores e educandos, que constituem um grupo que se reúne e trabalha para que ocorram situações favoráveis ao desenvolvimento dos aprendizes nas diferentes áreas do conhecimento, no aspecto afetivo-emocional, nas habilidades e nas atitudes e valores.

Trata-se de “formar” o novo profissional, o cidadão.

Em seu livro *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: Educação na Era da Insegurança*, Andy Hargreaves (2004, p. 132) afirma:

Ensinar não é apenas a prática intelectual ou cognitiva de transmitir conhecimento ou desenvolver habilidades nos alunos. (...) ensinar é também, e sempre, uma prática emocional de envolvimento com a aprendizagem, de relacionamento com alunos e adultos e de vínculo com os propósitos e o trabalho construídos pelo ensino.

Nesta mesma linha de pensamento, as diretrizes curriculares do curso de graduação em odontologia indicam que o perfil do sujeito a ser formado deve envolver dimensões cognitivas, afetivas e psicomotoras, nas seguintes áreas:

- formação geral: conhecimento e atitudes relevantes para a formação científico-cultural do aluno;
- formação profissional: capacidades relativas às ocupações correspondentes;
- cidadania: atitudes e valores correspondentes à ética profissional e ao compromisso com a sociedade.

Silva (2000, p. 18), em seu trabalho *Rumos para a Educação Superior no Próximo Milênio*, cita um trabalho desenvolvido por Paoli* (1988), em que o autor observou serem poucos os professores competentes na compreensão do processo de “formação” desenvolvido na graduação. Os professores, segundo o autor, se mostraram capazes de descrever apenas objetivos de suas disciplinas. Este resultado se aproxima dos resultados desta pesquisa, onde, dos dez professores entrevistados, apenas três citaram a ética e a humanização como aspectos importantes do ensino da odontologia. Porém, destes três professores, uma é professora de ética e outro professor participou ativamente do projeto pedagógico da universidade e das diretrizes curriculares.

Após a análise destes dados, concorda-se com Silva (2000, p. 15) que aponta a necessidade do professor de mudar sua postura e considerar o processo de ensino-aprendizagem de forma mais ampla. Não a simples formação de profissionais técnicos, mas priorizar uma formação para a cidadania, revalorizando os conceitos ético-morais e redefinindo a formação para a docência e pesquisa.

* PAOLI, N. J. O princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa: elementos para uma discussão. In _____ (Org). **Cadernos CEDES 22- Educação superior**: autonomia, pesquisa, extensão, ensino e qualidade. São Paulo: Cortez, 1988. p. 27-52.

Em relação à metodologia de ensino utilizada pelos professores desta pesquisa, a maioria (sete dos dez professores) respondeu que utiliza a metodologia tradicional. Esse resultado está de acordo com a pesquisa feita por Raldi et al. (2003, p. 20), onde os autores analisaram o papel do professor de odontologia no contexto educacional, sob o ponto de vista dos alunos, e estes revelaram ser a aula expositiva a estratégia de ensino mais utilizada nas escolas superiores e sendo ainda apontada por alguns professores como a única estratégia possível. Os autores também observaram que os alunos preferem aulas teóricas ministradas com o auxílio de *datashow*. As tecnologias audiovisuais são sistematicamente utilizadas pelos professores de odontologia e foram apontadas, neste trabalho, como um fator importante para motivação do aluno:

Nas aulas teóricas, eu vejo de que forma vou motivá-los para aquele assunto. Ele tem que ser motivado para que depois sua prática seja perfeita. A aula é expositiva-dialogada, com projeção de multimídia ou slides, pois como é que ele vai imaginar como é?

A utilização de multimeios (recursos didáticos), durante o processo de ensino-aprendizagem, objetiva despertar o interesse do aluno pelo assunto a ser tratado e de aproximar o discurso do professor da realidade do aluno, facilitando desta forma a aprendizagem (HABILIDADES DIDÁTICAS PARA AULAS EXPOSITIVAS).

No depoimento a seguir, a professora demonstra preocupação não apenas em dar sentido ao conteúdo que está sendo discutido, como, também, trazer o cotidiano de um profissional de odontologia para a sala de aula:

A gente precisa dar conhecimento a respeito de anatomia geral, conhecimentos que chamamos de básicos e são mais superficiais. Na parte da cabeça e pescoço, nós aprofundamos bastante o conhecimento, justamente para quê? Para que ele entenda que sem este conhecimento profundo, desta anatomia e fisiologia da cabeça e pescoço, ele não consegue atender nenhum paciente. Desde um procedimento simples de uma profilaxia*, até um procedimento mais complexo cirúrgico, protético, implantodôntico, qualquer tipo de reabilitação maior. Ele vê isto em aulas teóricas, ele enxerga nos slides, onde está tudo aquilo que ele está aprendendo. Ele enxerga o dia a dia clínico na aula prática. A gente trás conteúdos do consultório para a aula teórica.

* Profilaxia: utilização de procedimentos e de recursos para prevenir e evitar doenças, medidas de higiene. (DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa, 2001, p. 2306)

A disciplina de Anatomia faz parte do ciclo básico dos cursos da área da saúde. “As ciências básicas são as áreas do conhecimento que, apesar de não estarem diretamente ligadas à atuação profissional, constituem alicerces no conhecimento necessário para o exercício da futura profissão” (SILVA, 2003, p. 135). Importante se faz a interação entre as disciplinas consideradas básicas e as ditas profissionalizantes, pois, além de facilitar ao professor demonstrar a relevância de sua disciplina, motivando assim o aluno a aprender, possibilita também ao aluno resolver problemas utilizando diferentes instrumentos conceituais e metodológicos.

Em grande parte dos cursos de graduação em odontologia, ainda ocorre dissociação entre os ciclos básico e profissionalizante, e ainda as disciplinas básicas não são valorizadas, como elucida este depoimento:

A formação do aluno está mais voltada para a técnica de uso dos materiais. E o aspecto do profissional de saúde, o biológico, daquelas disciplinas: semiologia, diagnóstico, farmacologia, não está sendo valorizado, por isso, a comunidade, a sociedade não nos vêem como profissionais de saúde, porque o que se valoriza? A técnica e o material.

Outra professora, de materiais dentários, mostrou a importância de interagir com outra disciplina, no caso dentística restauradora*, e os aspectos positivos desta interação. Porém, com pesar, citou a dificuldade que encontra em interagir com outra disciplina afim, a prótese:

Antes de começar o ano letivo, nós nos reunimos com a disciplina de dentística e traçamos os objetivos, vamos dar juntos? Caminhamos juntos? Então, desta forma, eu falo pela manhã o assunto, por exemplo: resina composta, e, à tarde, o professor da outra disciplina fala novamente, nem que seja por repetição, eles vão gravar. Eu levando mais para materiais dentários e eles mais para dentística. Eu tenho impressão que está saindo muito bem. Porém, quando chega no segundo período, por exemplo, eu gostaria de fazer também com a prótese, que são disciplinas afins, mas...

No trabalho intitulado “Uma Abordagem Problematicadora do Processo de Ensino/Aprendizagem no Estudo dos Materiais Dentários”, Villanova et al (1996, p. 61-67) afirmam:

* Dentística restauradora: especialidade da odontologia que cuida da restauração de dentes (N.A).

O processo de ensino/aprendizagem dentro da disciplina de Materiais Dentários, no Brasil, tem sido centrado exclusivamente no professor, pela educação que Paulo Freire denomina *bancária*, em que basicamente se ensina utilizando aulas expositivas com projeção de diapositivos, numa abordagem considerada tradicional, geralmente criticada pela maior parte dos estudiosos desse campo.

Comparando a entrevista concedida pela professora de materiais dentários, nesta pesquisa, e a afirmação acima, pode-se concluir que, nestes dez anos, ocorreram modificações no processo de ensino/aprendizagem, incluindo a interdisciplinaridade, como no texto da entrevista transcrito acima, e a busca de um envolvimento maior por parte dos alunos especialmente nas aulas práticas, como visto no texto transcrito a seguir:

Eu tentei introduzir tanta coisa! Primeiro, trazer o conteúdo a ser ensinado para o cotidiano, trazer para o dente, fazer os alunos colocarem, eles manipularem o material, porque é a associação de idéias, eles precisam ver aonde é colocado o material para poder gravar de forma correta. Melhorou muito o ensino atualmente. Briguei muito para conseguir, mas consegui.

Neste trabalho, grande parte dos professores pareceu estar engajada em dar significado àquilo que está ensinando, mostrando a importância de suas disciplinas no contexto geral da odontologia, bem como motivando seus alunos através da integração entre teoria, prática e realidade. Todavia, a interdisciplinaridade parece estar ainda distante da realidade nas faculdades de odontologia.

Uma professora apresentou a integração entre diferentes disciplinas como uma das mudanças ocorridas no currículo da faculdade em que trabalha. Porém, ainda claramente distingue o ciclo básico do profissionalizante:

Nós temos o projeto pedagógico, que nos foi passado e está bem integrado. Houve uma mudança no currículo, na grade curricular, com uma redução da carga horária total do curso. As disciplinas estão mais integradas, principalmente integração entre as áreas básicas: anatomia, fisiologia, histologia, patologia...

A intenção existe, porém, segundo Zabala (2002, p. 31), “as relações entre as disciplinas constituem um problema essencialmente epistemológico” e, por isso, a dificuldade de mudança, pois não se decreta uma mudança de atitude, de

pensamento, ou melhor, de paradigma. A mudança ocorre de dentro para fora e só ocorre após a compreensão, a reflexão e o convencimento.

Os professores que fizeram parte desta pesquisa pareciam demonstrar disposição sincera à mudança, mas, por falta de conhecimento pedagógico e pela formação profissional predominantemente positivista, a maioria ainda olha com desconfiança os novos métodos de ensino, como no relato desta professora quando se refere à metodologia de aprendizagem por problemas (PBL):

No mestrado, nós tivemos uma parte bastante grande de didática do ensino superior, que eu critico mortalmente em virtude de ter sido PBL. Nós tivemos um treinamento de PBL que é utopia. Ele não consegue ser aplicado numa universidade privada, com o padrão de aluno que nós temos.

Outra professora também fez referência à dificuldade encontrada em desenvolver novas metodologias de ensino-aprendizagem, em virtude do perfil de aluno, especialmente nas universidades particulares:

As aulas são mais sintetizadas. Eu acho que estão mais condensadas. Você passa o básico do básico para o aluno. É pelo tipo de aluno que a gente tem. Se você passa um conteúdo profundo, ele não vai captar, ele não entende. Então, você tem que falar com uma linguagem mais fragmentada que ele entenda, uma linguagem mais básica.

Para Estrela (2004, p. 6), a qualidade do aluno é decisiva para o trabalho do docente, pois se a universidade tem bons alunos, o professor pode ensinar de forma mais avançada, obtendo uma boa resposta. Nessa mesma linha de pensamento Moran (2000, p. 17) afirma que “alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador”. Entretanto, existem instituições com bons discentes, e outras que não os têm. E a questão que se impõe é: o que fazer nas instituições que não possuem “bons” alunos?

O desafio da educação, neste início de século XXI, é o de recuperar o papel do aluno como agente essencial no processo de ensino (BERHENS, 1996, p. 43). Todavia, o aluno ainda chega à universidade acostumado “às receitas”.

Sendo assim, precisará recriar mecanismos diversificados para aprender. Num primeiro momento, irá encontrar dificuldade em não desencadear caminhos de reprodução do conhecimento, porém novos caminhos para as novas modalidades de trabalho terão que ser abertos para superação da metodologia da cópia (BERHENS, 1996, p. 40).

Essas dificuldades podem ser observadas no relato desta outra professora, quando reflete sobre as dificuldades encontradas para a utilização da metodologia da problematização:

O problema é que os alunos são bastante jovens. Os alunos não sabem ainda o que exatamente querem no começo do curso, que é o meu caso. Eu dou aula de anatomia e eu não consigo abrir uma discussão muito importante, pela falta de atenção, pela falta de objetivos da maioria deles. Com alguns, 10%, a gente trabalha bem, o resto não tem como.

Foi perguntado à mesma professora se ela já havia tentado utilizar as novas metodologias de ensino e a resposta é a que se segue:

Tentei e faço isso na faculdade, em duas disciplinas, que são chamadas Tutoriais. São alunos que reprovaram e têm um curso diferente chamado Tutorial, onde nós tentamos trabalhar desta forma. É bem difícil e o aproveitamento é baixo.

Outros professores também comentaram a falta de preparo de muitos alunos, não só em termos da falta de maturidade e objetividade dos mesmos, mas também de falhas na educação básica.

Fazendo uma analogia com as dificuldades encontradas na educação, Estrela (2005, p. 14) diz: quando um órgão do corpo humano não se apresenta em perfeito funcionamento, exige-se mais de outros órgãos auxiliares. Todavia, quando os problemas se agravam e mais de um elemento não exerce satisfatoriamente suas funções, o sistema caminha para um colapso e o indivíduo morre. Os problemas vivenciados pela educação podem estar relacionados e compartilhados com desajustes presentes em outros setores, como o social, o econômico, o político, o ético, o humanista, o moral, o cultural... Desta forma, cabe

ao professor, “como órgão auxiliar”, diagnosticar estes problemas e agir de forma ética e compromissada para com seus alunos, sua profissão e a sociedade, fazendo bem a sua parte e buscando transformar esta realidade, para que o sistema não entre em “colapso”.

Para Alberto Consolaro (2005, p. 19),

ensinar exige uma disponibilidade para amar, pois existem várias formas de amar, uma delas consiste em dar, se expor, repassar, recriar, processar e redimensionar conhecimentos, pensamentos e opiniões visando sua transferência ao próximo, fazendo crescer as próximas gerações.

Nesta pesquisa, foi questionado aos professores como o aluno aprende. Dos dez professores entrevistados, dois responderam que o aluno aprende através da repetição, ou seja, da memorização, três acreditam que a aprendizagem ocorre através da motivação e dois professores disseram que utilizam o concreto, a realidade, o dia a dia para ensinar seus alunos. Os outros professores apontaram algumas técnicas de ensino para explicar a forma pela qual buscam a aprendizagem de seus alunos.

Primeiramente, deve-se refletir e analisar o significado de aprender. No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 261) aprender significa adquirir conhecimento (de), a partir de estudo; instruir-se ou ainda adquirir habilidade prática (em).

Em seu livro *Conhecer e Aprender: sabedoria dos limites e desafios*, Demo (2000, p. 47-48) faz uma reflexão sobre o que é aprender. Para o autor, aprender não significa simplesmente resolver problemas, pois nem todos os problemas são solúveis, desta forma o importante é aprender **na** e **da** vida a administrar com inteligência os problemas. Para que isto ocorra, o indivíduo precisa primeiramente problematizar, o que sinaliza para necessidade de saber pensar. “Na verdade, a idéia mais correta de aprendizagem é aquela coerente com sua própria lógica, ou seja, aquela que aprende sempre, já que sua inteligência não está na estocagem reprodutiva, mas na reconstrução constante” (DEMO, 2000, p. 49). A aprendizagem não consiste de um processo acabado, completo, ao contrário, indica

a dinâmica da realidade complexa, da finitude das respostas ou soluções e a incompletude do conhecimento. A aprendizagem está principalmente na “habilidade de estabelecer conexões, revê-las, refazê-las” (DEMO, 2000, p. 52).

Da mesma forma, Moran (2000, p. 17) afirma que “aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses”.

Para Assmann (1998, p. 53), aprender significa construir mundos onde caibam todos. A educação deve gerar processos que mereçam o nome de experiências de aprendizagens e não apenas presumir que basta manipular conhecimentos já disponíveis, reproduzindo-os.

Segundo Mizukami (1986, p. 13), na abordagem tradicional de ensino, a educação fica subordinada à instrução, sendo a aprendizagem considerada como um fim em si mesma. A ênfase no processo de ensino-aprendizagem é dada “às situações de sala de aula, onde os alunos são *instruídos* e *ensinados* pelo professor”. Imprescindível se faz à aquisição dos conteúdos e das informações de forma fiel, como também a imitação dos modelos apresentados, ou seja, a reprodução do conhecimento. Recursos audiovisuais são utilizados para facilitar este processo.

Neste trabalho, observou-se ainda uma tendência à perpetuação deste modelo de ensino, onde o professor coloca-se como o grande instrutor que deve ser ouvido e imitado, como ficou evidenciado neste depoimento:

Na repetição. Neste esquema de relacionar a prática com a teoria, e daí eles estão executando e estão lembrando: - “O que mesmo que eu tinha que fazer?” Então, isto nada mais é do que uma forma de repetir só que executando a parte técnica.

E neste:

Acho que aprende quando vê o professor fazendo e depois repete. Mesmo depois de ver a aula expositiva, ele tem insegurança, então o professor faz e ele repete, imita.

Segundo Meirieu, quando se diz que a aprendizagem ocorre por repetição ou por imitação, está se descrevendo comportamentos. Nada está sendo falado sobre as operações mentais que são efetuadas e sobre a maneira como um novo elemento é integrado em uma estrutura antiga, modificando-a. Para que uma informação seja identificada, ela precisa estar assimilada em um projeto de utilização e integrada na dinâmica do sujeito. Este processo de interação entre a identificação e a utilização gera significação, ou seja, a compreensão e, por fim, a aprendizagem (1998, p. 51). Observa-se esta preocupação na fala de alguns docentes entrevistados, neste trabalho, como também, quanto à importância da motivação do aluno para que a aprendizagem aconteça:

Para que ocorra o aprendizado, temos que despertar o interesse do aluno, isso em qualquer matéria. Temos que mostrar o interesse de porquê está sendo dada aquela matéria. Não interessa que o aluno seja obrigado a assistir aula, ele tem que ter interesse em escutar aquela aula que está sendo ministrada. Interesse para seu proveito tanto na vida profissional, como para sua vida particular.

Também neste depoimento:

Ele aprende a partir do momento em que ele gosta da disciplina e que enxerga que aquilo tem um fundamento. Quando ele enxerga que aquilo tem um fundamento, ele se anima para o estudo e assim ele aprende.

Alguns professores acreditam que, através da conexão entre ensino e realidade, o aluno aprende com maior facilidade:

Eu não sei como eles aprendem. Eu procuro fazer o mais concreto, eu desenho, eu insisto.

Também neste depoimento:

Acho que aprende... Quando estou dando aula, é um questionamento que eu faço, eu dou muito exemplo da vida, da prática diária da odontologia, dos males que estão ocorrendo. Assim, eles podem se colocar dentro deste espaço concreto, mostrando a realidade, o que é o exercício da odontologia, hoje. Nada abstrato, muito concreto, pé-no-chão.

Moran (2000, p. 61) acredita que é importante conectar o ensino com a vida do aluno e também motivar o aluno utilizando todos os meios possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação *on-line* e *off-line*, como sugerem os depoimentos das professoras acima, e como o relato a seguir:

Ele aprende basicamente o conhecimento teórico que recebe, aprende através dos trabalhos práticos, que ele tem que apresentar com alguma parte específica de cada aula teórica. Fazem relatórios, não daquilo que foi dado, mas de uma parte que achamos que deva ser aprofundada da aula teórica. Este relatório tem que ter pelo menos cinco referências bibliográficas. O aluno tem que fazer esta pesquisa, ele tem que trazer isso para nós e isso não vale nota, nós damos um visto e devolvemos imediatamente para que ele mesmo estude e isto é cobrado inclusive em provas, ou seja, ele tem que se aprofundar no assunto em uma determinada parte da aula, que nós achamos fundamental. Assim ele conhece a literatura endodôntica, pois toda semana ele recebe um tema, dentro da própria aula, para ele se desenvolver. Ele tem as aulas teóricas, seminários e avaliação de trabalhos práticos.

Utilizar material didático que chame a atenção dos alunos, a utilização de leituras de periódicos, a prática em pacientes são meios utilizados para motivar e facilitar a aprendizagem:

Motivação! É muito importante a motivação! Material didático que chame a atenção deles, de que eles gostem.(...) A gente tem que motivar os alunos de todas as formas possíveis.

E neste relato:

Os recursos utilizados são tanto de conteúdo teórico, discussão de casos clínicos, artigos científicos. A cada final de tema, dado em sala de aula, é pedido um trabalho para o aluno, para que ele desenvolva sobre aquele tema, com referências bibliográficas em periódicos. Em resumo, as referências bibliográficas, o ensino clínico de atendimento ao paciente infantil.

Entretanto, para Piaget (DELVAL, 2003, p. 110), a aprendizagem não ocorre através de uma cópia da realidade e nem o produto de um desdobramento das capacidades que o organismo já possui. Mas, ao contrário, é o resultado da interação entre a condição que os seres humanos possuem ao nascer

e sua atividade transformadora do meio. O sujeito passa, então, a ser construtor de seu conhecimento.

No contexto de Paulo Freire, a aprendizagem, cujo ponto de partida é a práxis, compõe-se em uma nova visão transformadora do mundo e se faz de forma dialógica, na medida em que “ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo” (OSORIO, 2003, p. 135). Essa perspectiva considera o sujeito não apenas como construtor do conhecimento “mas também valoriza a importância do contexto social” (idem, p. 135).

A aprendizagem, desta forma, “implica em redes de saberes e experiências que são apropriadas e ampliadas pelos indivíduos em suas relações com os diferentes tipos de informações. Essas relações revelam complexidade, diversidade e possibilidades de transformação” (BATISTA, 2003, p. 60).

Na sociedade do conhecimento, onde as informações estão disponíveis em qualquer lugar e a qualquer momento, a aprendizagem ultrapassa a aquisição e a memorização de informações e remete-se à necessidade dos indivíduos de aprenderem a aprender. Este aprender a aprender sinaliza a análise e a seleção, de forma crítica e autônoma, das informações, como também para a utilização, pelo indivíduo, do conhecimento em prol do transformar-se, propiciando assim uma transformação da realidade.

As diretrizes curriculares para o curso de odontologia (MEC, 2001, p. 24) apontam para a necessidade dos profissionais serem capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática e, ainda, devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com sua educação e a das futuras gerações.

Buscando analisar as formas de mediação utilizadas pelos professores de odontologia, entrevistados neste trabalho, após questioná-los a respeito de sua formação, de sua capacitação pedagógica, da metodologia de ensino por eles empregada e a forma que acreditam que seus alunos aprendem, foram feitas perguntas relacionadas à avaliação.

O objeto da avaliação é a aprendizagem e seu objetivo é o de verificar o conhecimento pelo aluno através da observação e da prescrição. A avaliação ocorre pela formulação de um juízo de valor que incide sobre a aprendizagem através do confronto entre dois dados relacionados: os relativos ao objeto em si, o real, e os relativos à expectativa ou intenção que se aplica ao objeto, o ideal (HADJI, 1994, p. 31).

Os docentes que fizeram parte desta pesquisa, ao serem questionados a respeito da avaliação, demonstraram que esta exerce um papel importante para a aprendizagem do aluno por ser o único meio de fazê-los estudar, como evidenciam estes relatos:

Para o nosso aluno brasileiro, você tem que chegar e avaliar o conhecimento dele, pois ele ainda não está naquele grau de você largar o papel, como acontece em outros países, eu assinei um termo de um compromisso no início do curso, de não colar, de não isso, não aquilo. Lá mesmo já aconteceu de teses que foram copiadas, que estão querendo chamar os indivíduos para fazer novamente porque elas não foram originais. Então nosso aluno não está neste patamar. Você tem que cobrar através de provas senão ele não estuda. Eu vejo por mim mesmo. Se eu não tiver a obrigação,... É da nossa índole.

E ainda:

(...) é uma forma de obrigar o aluno a estudar. A gente tem 5% dos alunos que não precisam de avaliação, que eles têm uma prática constante de estudo, mas é só 5%. A grande maioria precisa deste instrumento para que o estudo seja imposto. Ele tem que ser imposto de alguma forma, para que aconteça, senão é utopia. Apenas 5% não precisam de avaliação, nós sabemos que eles estudam, mas a maioria não.

Para Crema, o aluno não deve estudar pressionado pelas notas das provas. “O estímulo ao estudo deve vir da curiosidade de conhecer, tão natural no ser humano” (1995, p. 68) e não pela imposição, como salientou a professora acima citada. Da mesma forma, Berbel (1999, p. 12-14) acredita que o professor possui um papel valioso no sentido de estimular o estudo contínuo pelo aluno, envolvendo-o profundamente com a situação de aprendizagem, ou seja, provocando a reflexão, a problematização, dando significância, enfim fazendo com que o aluno pense. E esta habilidade de pensar não é substituída, mas ampliada constantemente, com o exercício. Por outro lado, os conteúdos simplesmente memorizados são trocados

constantemente pela necessidade de armazenar outros novos, mais atraentes, mais atuais.

A avaliação como instrumento de “motivação” do aluno ao estudo é característica da prática pedagógica tradicional onde as *provas*, de preferência teóricas, ou mesmo práticas, são realizadas bimestralmente e predominantemente visam à exatidão da reprodução do conteúdo transmitido em sala de aula (MIZUKAMI, 1986, p. 16), valorizando a memorização, a repetição e a exatidão (BEHRENS, 2000, p. 46).

Villanova et al. (1996, p. 65) acreditam que para verificação do alcance ou não dos objetivos propostos faz-se necessária uma avaliação contínua, de forma que, em cada uma das atividades previstas e realizadas, tanto alunos como professores se informem da aproximação ou não dos objetivos propostos. Sendo assim, “um plano de aprendizagem adequadamente elaborado, incluindo, portanto, um processo contínuo de avaliação, levará o aluno à consecução dos objetivos”.

A maioria dos professores entrevistados busca uma avaliação citada por alguns como multifatorial ou qualitativa. Procuram considerar tanto as informações decorrentes das provas teóricas, como as avaliações práticas envolvendo a técnica, princípios ergonômicos e de biossegurança, organização, assiduidade, participação, como vistos nestes depoimentos:

O importante é avaliar o aluno, naturalmente não tem como você fugir da avaliação teórica, que demonstra se o aluno tem algum interesse ou não tem, se está aprendendo ou não está, se o aluno tem o perfil da profissão ou não tem. Esta avaliação teórica é indispensável, não é completa, é falha, mas mesmo com suas falhas é uma avaliação importante. Avaliamos então o aluno através da prova teórica, de uma avaliação prática, a avaliação do desempenho em seminários, do desempenho na organização do material, desempenho com a biossegurança, enfim, uma avaliação multifatorial que nós fazemos do aluno. Não é só teórica, é teórico-prática, seminário, motivação, organização (se o aluno traz o material ou não), se está procurando fazer o trabalho dentro das normas de biossegurança ou não, se tem disciplina (se chega no horário), se trabalha, enfim, não é um único fator. Inclusive, se detectamos um aluno que está se desviando um pouco da turma, nós chamamos este aluno para conversar e avaliamos se existem problemas pessoais, financeiros interferindo e fazendo com que este destoe da turma.

E ainda:

O contexto é tudo. Acho que tem que ver o que ele sabe da teoria, se ele liga a teoria com a prática, porque a maioria dos alunos decora o que está escrito nos livros, mas não sabe ligar com a prática. Depois, quando a gente faz uma pergunta eminentemente clínica, o aluno não sabe usar. Então, eu acho que a gente precisa avaliar tudo no aluno, a participação dele nas aulas práticas, a produção dele como está sendo, se ele está conseguindo ligar a teoria com a prática.

Ainda outro depoimento:

A avaliação não deve ser feita apenas através de provas costumeiras, que se faz tanto escrita como oral. Deve ser feita uma avaliação, também, através de seminários, através de discussões e fóruns entre o professor e os alunos, pois é ali que se consegue avaliar a condição de aprendizagem do aluno.

Entretanto, a prova teórica ainda exerce o principal instrumento de avaliação, como indicam estes depoimentos:

Infelizmente, temos que avaliar pelo que ele escreve numa prova. Se não responde de acordo, avaliamos se é um bom aluno na prática e questionamos por que foi mal na teórica. Avaliamos a prova teórica, a prática, os conceitos na clínica e até como pessoa.

E ainda:

Eu considero importante captar aquilo que o aluno conseguiu assimilar e entender da matéria e não a parte que você avalia se ele decorou o que você falou em sala de aula. Se ele repete exatamente aquilo que você falou em sala de aula, ele não entendeu. Eu vejo que o aluno compreendeu quando ele responde com a linha de raciocínio dele e não com a minha linha de raciocínio. Só que isto ainda é difícil de a gente ver.

Uma professora disse que é imprescindível avaliar se o aluno demonstra conhecimento e compreensão da matéria e se possui capacidade de, além de executar a técnica, interpretá-la e explicá-la. Desta forma, o professor pode analisar e verificar tanto o aprendizado como a competência técnica do discente:

O que eu acho importante é que o aluno seja um bom clínico geral. Na minha matéria, ele vai executar e compreender e até ter conhecimento para explicar pelo menos para o paciente dele o porquê dele estar fazendo aquilo. Então, quando ele consegue provar para mim que consegue executar, interpretar e explicar o que ele está fazendo, eu acho que ele aprendeu.

A prática odontológica envolve o desenvolvimento de habilidades psicomotoras, cognitivas e afetivas. É imprescindível, ao futuro cirurgião-dentista, saber fazer o procedimento, a técnica, bem como saber escolher e manipular o material (dimensão psicomotora). Todavia, também é imprescindível estar embasado cientificamente e ser capaz de não só memorizar informações, mas de analisá-las criticamente, compreendendo seu uso e suas implicações, como também as suas possibilidades de aplicação em situações específicas ou não. As habilidades afetivas devem ser desenvolvidas durante todo o processo de formação, pois dizem respeito à capacidade do futuro profissional em se relacionar com seu paciente, com seus pares, com a sociedade, consigo mesmo. Desta forma, cabe ao professor de odontologia possibilitar o desenvolvimento de seus alunos e avaliá-los nestas três dimensões.

Nos relatos feitos pelos professores, neste trabalho, sobre os aspectos da aprendizagem do aluno que consideravam importantes para sua aprovação, a grande maioria dos entrevistados apontou para a necessidade do aluno demonstrar bom desempenho na parte prática (dimensão psicomotora) e demonstrar conhecimento teórico (dimensão cognitiva), embasamento científico:

Na nossa profissão, é a somatória do conhecimento e da parte de motricidade, de se desenvolver na prática. De bom desempenho, é o termo mais certo, bom desempenho clínico.

E ainda:

Acho importante que ele saiba a teoria e que, ao mesmo tempo, saiba a prática. Porque a nossa profissão é extremamente prática, só que não

adianta a gente criar clínicos que saibam só manipular o material, fazer as coisas, pois isso se eu treinar uma THD*, ela também vai saber fazer. Eu acho que ele tem que saber e o porquê fazer. Acho que tenho que avaliar tudo isso. As provas escritas também são importantes e dentro delas eu sempre procuro colocar alguma coisa voltada para a clínica, para saber se o aluno está sabendo aplicar na clínica, não só decorar e depois escrever.

Ainda outro relato:

Considero importante a assiduidade com relação à frequência nas aulas. O interesse do aluno na confecção de trabalhos que são solicitados. Também, a importância que o aluno dá ao debate em sala de aula e não só aquele aluno que fica passivo em sala de aula. Aquele aluno que argumenta, questiona, você mostra uma situação e ele mostra outra e assim ocorre troca de informação, tiram-se dúvidas. O aprendizado clínico, ele deve me mostrar e saber o porquê dele estar fazendo tal procedimento clínico e não só como é feito. Porque como é feito é uma parte técnica, se aprende mecanicamente e aquilo ele executa, mas o porquê de um procedimento ser feito em um paciente e ser ruim para outro, é esse o pensamento que ele tem que ter na clínica.

A relação entre teoria e prática também aparece nestes depoimentos:

O aluno tem que ter uma noção teórica, pelo menos uns 70% da matéria. Tem alguns itens que se ele não desenvolve na aula prática, eu não deixo que ele passe. Eu aperto e não deixo passar, porque acho imprescindível, senão ele colocará em risco o paciente. Eu não deixo, e isto eu deixo bem claro para eles também, desde o começo. Eu faço avaliações tanto teóricas do conteúdo da matéria, como também seminários, e faço provas práticas. Acredito que a prática é muito importante, na nossa área, no nosso curso. Então, existem provas práticas e teóricas.

E ainda:

No mínimo, ele tem que fazer o que a disciplina exige e tirar o mínimo de nota que a universidade exige. Às vezes, o aluno não se sai bem na teórica, porém vai bem na prática, sabemos então que ele tem uma boa noção da teoria.

Além dos aspectos relacionados à cognição e à psicomotricidade, um professor apontou para a necessidade de observar aspectos pessoais do aluno

* THD (Técnico em higiene dental): compõem a equipe de saúde bucal que realizam atividades necessárias à prestação de cuidados no âmbito da promoção, prevenção e recuperação da saúde bucal. Atuam nas unidades de saúde públicos ou privados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

como organização, biossegurança, e, ainda, cita a necessidade do professor em perceber que cada aluno possui características e habilidades diferentes:

Nós não aprovamos o aluno por uma única avaliação. A avaliação nem é só teórica e nem é só prática, temos uma média. A própria nota, soma a nota da teórica com a nota da prática, mais a nota da organização e do material, mais a nota da biossegurança, somamos tudo e fazemos uma média. Tudo que o aluno apresenta você faz uma média para procurar fazer uma avaliação, que não é perfeita, mas a mais próxima do perfil do aluno. O aluno tem, algumas vezes, qualidades que se sobressaem a outras. Alguns são mais habilidosos, naturalmente habilidosos, outros são menos. Uns têm mais facilidade para o conhecimento teórico, outros menos. Na verdade, procuro avaliar o aluno pela média de seu desempenho. Se for ruim em tudo, ele realmente é ruim.

Este relato indica a necessidade do professor em perceber o aluno como um ser complexo, social, possuidor de uma história de vida, como também, de habilidades ou dificuldades “natas”. Cabe ao professor reconhecer as habilidades de seu aluno e assegurar o aperfeiçoamento destas, como, também, o apoio e estímulo para que o aluno ultrapasse suas dificuldades e se desenvolva, garantindo sua capacitação.

Ainda em relação à avaliação, foi questionado, aos docentes desta pesquisa, se a mesma pode realmente revelar a aprendizagem do aluno e por quê? Quarenta por cento dos professores acreditam que sim, a avaliação pode revelar a aprendizagem do aluno. Alguns acreditam que a avaliação não só revela a aprendizagem como também é um método utilizado para motivar o aluno ao estudo, como já discutido anteriormente. Outros professores, de certa forma, se impõem através da nota, da avaliação, como neste relato:

Eu acho que infelizmente ainda é a única linguagem que eles entendem. Porque se você fala:- Ah! Isto não vai valer nota, eles não dão importância. Tanto que eu tinha uma forma de avaliar, até para os alunos darem importância para biossegurança, em que eu não permitia eles fazerem aula prática se não estivessem de roupa branca. Quem não estivesse de branco não fazia aula, ganhava falta e ia embora. Só que eu só me estressava com isto e deixava eles estressados, mas agora acaba a aula prática, eu dou um conceito e é infelizmente a linguagem que eles conhecem. Infelizmente, eles não têm maturidade suficiente para entender que eles têm que aprender o que é bom para eles.

Outros professores acreditam que, obedecendo alguns critérios e buscando avaliar o aluno de forma global, seu desenvolvimento prático (habilidade manual, técnica), teórico (através de provas, seminários, trabalhos de pesquisa), comportamental (frequência às aulas, pontualidade, interesse, organização) e aspectos voltados para a biossegurança, é possível uma avaliação justa do aluno, como nestes depoimentos:

(...) sim, não tem outra maneira de você avaliar o aluno. Tem, é lógico, que ter critérios. Se você tiver um maior número de critérios, a chance de ser injusto com um aluno numa avaliação diminui muito. Não vejo outra maneira de você avaliar, sem ser esta.

E ainda:

Somente a avaliação escrita não, e principalmente a avaliação de múltipla-escolha. (...) A avaliação diária, não só da prova bimestral, a avaliação de você acompanhar o desenvolvimento do aluno, este sim consegue revelar a aprendizagem.

Porém, segundo o relato a seguir, o grande número de alunos em sala de aula dificulta este tipo de avaliação sendo que esta fica prejudicada em alguns casos:

São muitos alunos. Alguns te marcam mais e você vê até o progresso deles. Agora, uma parcela passa despercebida e você não consegue captar se houve ou não desenvolvimento desse aluno. A avaliação fica, então, prejudicada e eu me baseio mais na nota que ele tira na prova teórica.

Esta realidade é apresentada por Santos e Gomes (2000, p. 6), em seu trabalho intitulado “Sentidos Atribuídos à Relação Professor/Aluno em Curso de Odontologia”. Os autores afirmam ser “quase impossível um professor conhecer de *per si* um número muito grande de alunos. A maioria é ignorada, sendo percebidos apenas os que se destacam por qualidades mais admiradas ou por apresentarem qualidades mais rejeitadas”.

Outros professores, que consideraram aparentemente “avaliação” como sendo “prova teórica”, acreditam que a avaliação não pode revelar a aprendizagem do aluno:

Não. Existem excelentes profissionais que não tiravam as melhores notas. Por exemplo, você está me entrevistando e eu, muitas coisas, não estou respondendo o que queria responder, pela tensão. E tem os que possuem um currículo acadêmico com excelentes notas e não vão ser bons profissionais. Acho que não chega a avaliar.

E ainda:

Às vezes o físico pode estar interferindo na mente. Os problemas emocionais interferem bastante. Uma mãe que vem fazer prova deixando um filho com febre alta, você acha que ela vai ter condições de raciocinar?

E mais:

Não, necessariamente. Porque tem aluno que tira notão e não é um bom aluno. Não é habilidoso, não sabe aplicar o que sabe decor. Mas tudo é muito difícil. Criar uma metodologia de avaliação que seja maravilhosa vai ser muito difícil, cada uma tem suas falhas.

Sem dúvida, a avaliação feita baseada somente em provas teóricas não consegue revelar aspectos relacionados com o desenvolvimento psicomotor do aluno, ou sua capacidade analítica e crítica, ou ainda seu desenvolvimento afetivo, aspecto este não citado por nenhum professor entrevistado.

A avaliação é um procedimento natural na vida (CREMA, 1995, p. 68). A capacidade de avaliar testemunha o poder que o homem tem de pesar o curso das coisas e de orientar suas próprias ações, somando-se a acontecimentos exteriores, em função de opiniões ou de idéias elaboradas, relativas ao que deve ser feito (HADJI, 1994, p. 22).

Na educação, a avaliação deve acontecer conjuntamente com o ensinar e o aprender e não deve ser vista como uma etapa especial (ESTRELA, 2005, p. 136) ou como “a grande meta”. Para Hadji (1994, p. 88), a avaliação deve ser concebida como uma atividade que deve acontecer em proveito daqueles sobre os quais ela se exerce (por exemplo: os alunos), ou daqueles que dizem respeito ao objeto sobre o qual ela se debruça, por exemplo, um método pedagógico.

Ou seja, a intenção da avaliação deve ser a de contribuir para a formação: procurando guiar o aprendente, facilitando-lhe os progressos, melhorando as decisões relativas à aprendizagem, certificando e melhorando o ensino através da análise crítica do professor sobre sua prática e metodologia de ensino. Esta é a chamada avaliação apreciativa ou formativa, que se coloca a serviço da aprendizagem, em contrapartida à avaliação tradicional ou estimativa, ou ainda, seletiva, diz respeito àquela que se coloca a serviço da seleção, da classificação (PERRENOUD*, 1999, apud ESTRELA, 2005, p. 137).

Abreu e Masetto* (1990, apud BATISTA, N., 2004, p. 43) apontam para

a necessidade de manter equilíbrio entre os objetivos que acentuam predominantemente a aprendizagem de conteúdos (a dimensão do saber), os que enfocam desempenhos ou habilidades que o aluno deverá desenvolver (a dimensão do saber fazer) e os que se destinam ao desenvolvimento de atitudes, seja no relacionamento humano, seja no exercício específico da profissão a ser desempenhada (a dimensão do saber ser).

Estes aspectos estão de acordo com os objetivos das diretrizes curriculares que apontam para a formação dos profissionais da saúde assentada nos quatro pilares propostos por Delors (1998): aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer. Fica assim garantida a capacitação dos profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade do atendimento em saúde.

Para que se possa verificar o aprendizado de forma globalizada, ou seja, avaliar o conhecimento (a dimensão do saber), a psicomotricidade (a dimensão do saber fazer), a afetividade (dimensão do saber ser e do saber viver junto), o aluno precisa ser avaliado todos os dias em seu ritmo participativo e produtivo, não apenas em momentos específicos, nos quais é submetido, sobretudo, ao esforço de memorização e cópia (DEMO, 1996, p. 37).

* PERRENOUD, P.. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 183p.

* ABREU, M.C.; MASETTO, M.T.. **O professor universitário em aula.** São Paulo: MG editores associados, 1990.

Segundo Demo (1996, p. 37) a avaliação deve ser compreendida como um:

processo constante de acompanhamento da evolução do aluno, feito sob a forma de anotações livres do professor, de sentido eminentemente qualitativo, considerando sempre os desafios da qualidade formal e política; não se trata, aqui, de atribuir notas, fazer médias numéricas, ou enquadrar os alunos em estatísticas, mas de garantir, sob o olhar vigilante e educativo do professor, que cada aluno encontre seu caminho de progresso, dentro de seu ritmo, com a devida autonomia.

A avaliação deve ser, tanto para o aluno como para o professor, um momento de aprendizagem, ao identificar suas deficiências, seus avanços e possibilidades.

Após a análise da relação entre pedagogia e professor de odontologia, onde foram colocadas questões relativas à maneira com que o professor “ensina” a seus alunos e qual a metodologia empregada, a forma que estes professores entendem a aprendizagem pelos alunos (como eles aprendem) e como se processa a avaliação desta aprendizagem, achou-se relevante o questionamento relacionado com o tempo de contato com a proposta pedagógica da universidade, bem como a avaliação, pelos docentes entrevistados, da proposta pedagógica do curso de odontologia de sua universidade.

Com exceção de uma professora, que claramente afirmou não conhecer a proposta pedagógica da universidade em que trabalha, os outros professores apresentaram respostas dúbias ou simplistas, como “sim”, demonstrando um conhecimento superficial do assunto, como também evidenciado nestas respostas:

Todo início de ano letivo, nós temos uma semana voltada para a formação pedagógica dos profissionais, onde tudo é discutido. Nós, antes de iniciarmos o ano letivo, nós temos esta semana só com professores.

E ainda:

Eles procuram passar isto para os professores sempre, nas reuniões, nos treinamentos.

E outro, ainda:

Nas oficinas.

Os cursos de capacitação e especialmente as semanas pedagógicas, que em geral ocorrem no início do ano letivo, parecem ser os momentos utilizados para atualização pedagógica. Todavia, segundo o relato de uma das docentes entrevistadas, muitos professores de odontologia não participam, pois não valorizam estes encontros:

Tudo é dado nos cursos. Os pedagogos desta universidade são ótimos. Quando é dada aula de motivação, não vejo professor de odontologia lá. Acho que sou só eu que estou lá. Não sei se é pela minha profissão de magistério. Eu vou assistir às aulas e vejo os recursos didáticos, são excelentes, muito bons.

Foi perguntado, então, por que os professores de odontologia não participam destes cursos. A resposta foi:

Eu não tenho mais consultório, 43 anos de profissão, chegou. Acho que não vão porque querem ir para seus consultórios, tem muitos afazeres, embora estes cursos são dados como uma tarefa, semana pedagógica, no começo do ano, que precisa ter aquela carga horária, para dizer começou o ano letivo tal dia. Os professores de odontologia não aceitam a semana pedagógica da forma como é feita. Eles queriam que viesse algum professor de dentística, ou da periodontia, que dessem cursos. (...). O pessoal da educação também é meio visionário, se não disser bastante. Eles não pisam bem na realidade. (...) Eu ainda acredito no giz, no mostrar o slide, mostrar o multimídia, o concreto, acompanhando, o professor insistindo naquele conhecimento, trazendo o seu equipamento de conhecimento também. Eles ficam inventando umas coisas que no dia a dia não funcionam.

Analisando especificamente este depoimento, pode-se perceber claramente a dicotomia existente entre ciências sociais e naturais e que aspectos são valorizados pelos professores de odontologia, sendo eles a técnica e os materiais. Parece que muitos professores acreditam, ainda, que, sendo bons “técnicos”, conseqüentemente serão bons professores.

Um professor demonstrou algum conhecimento sobre o assunto, citando que as propostas pedagógicas da universidade eram baseadas nas propostas de Paulo Freire:

Nós conhecemos as diretrizes da universidade e conhecemos as modificações que em alguns lugares já foram implantados e outros não, pois estão em estudo. As bases são as propostas de Paulo Freire. Conhecemos os princípios, mas nós seguimos ainda o método clássico. O que estamos tentando fazer é basicamente uma associação de metodologias de ensino.
--

Conscientizar-se de seus próprios paradigmas e questioná-los requer esforço e não é um processo fácil, porque quase sempre se constitui de um processo doloroso. Por isso, as mudanças de paradigmas só podem ocorrer por meio de vivências, experiências que coloquem frente a frente o sujeito e os limites de seus velhos paradigmas (VASCONCELOS, 2002, p. 35).

As diretrizes curriculares nacionais do curso de odontologia apontam para a “superação das concepções antigas e herméticas das grades curriculares”, o que indica uma mudança paradigmática, entretanto isto não significa que haverá uma ruptura ou ainda um total abandono das antigas concepções. “Superação”, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 2639), significa: ação de vencer, elevar-se acima, o que denota uma passagem, uma transformação. Segundo Moraes (1998, p. 55), esta transformação acontece quando “dentro do contexto teórico vigente, as soluções parecem impossíveis de ser alcançadas, o referencial utilizado parece incapaz de solucionar os problemas mais prementes”. Necessário se faz um repensar, trazendo novas idéias, novos conceitos, um novo paradigma.

Na realidade, a mudança paradigmática ocorre de diferentes formas e velocidades nos vários campos científicos, pois existe a necessidade de confrontar antigas e novas concepções, refletir e, só assim, superar. Por isso, o professor acima citado, mesmo parecendo ter conhecimento das novas metodologias de ensino, ainda diz utilizar modelos tradicionais, parece estar em fase de confrontação entre antigos e novos métodos de ensino. Como visto, isto é natural e preciso.

“Mudança” foi a palavra mais citada pelos professores quando questionados a respeito das propostas pedagógicas do curso de odontologia. Para a maioria dos docentes, as mudanças ocorridas foram boas e necessárias, porém não devem ficar no papel:

É uma boa proposta, muito boa, o que precisa é ser seguida. Melhorou muito, dos últimos dois anos, está vindo muito bem.
--

Uma professora disse que a proposta pedagógica do curso de odontologia, na sua universidade, busca a humanização do profissional, aproximando o profissional do paciente:

Sabe, eu acho que esta universidade tem uma proposta muito boa. É uma proposta de humanização do profissional, de aproximar o profissional do paciente. Acho que eles têm um trabalho muito legal.
--

Segundo Moysés et al. (2003, p. 58), na área da saúde, a prática educativa humanizada situa o homem como centro do processo de construção da cidadania, comprometida com a realidade social e epidemiológica, as políticas sociais de saúde, favorecendo a formação dos profissionais de forma contextualizada e transformadora. “A humanização de práticas pedagógicas pressupõe a criação de processos educativos socialmente relevantes e a crítica ao modelo de formação mecanicista e de tecnificação da prática profissional, voltada exclusivamente para atender às demandas de mercado”.

Apenas um professor criticou as propostas pedagógicas de sua faculdade. A importância dada à pesquisa e uma certa “desvalorização” da prática estão, segundo seu relato, formando profissionais sem experiência:

Eu acho que com 27 anos como cirurgião-dentista, no dia a dia, acredito que não vai formar o aluno com tanta experiência. Eles estão voltados mais para pesquisa, é interessante, tudo evolui através da pesquisa, mas não têm aquela preocupação com a prática, com o procedimento. As pessoas que estão se formando não saem com muita experiência. Apesar das horas da clínica terem sido ampliadas. Mas, eu não sei se é por falta de interesse...
--

Em outro depoimento, uma professora citou as dificuldades encontradas pelos professores em relação à resposta dos alunos às mudanças ocorridas no processo de ensino e aprendizagem:

A proposta é muito boa. A gente não tem a recíproca do aluno. A gente faz um monte de reunião, faz treinamento pedagógico, mas não temos a resposta do aluno.

Sem dúvida, encontram-se, no meio acadêmico, muitos alunos que não despertaram para a função “viva” da universidade, como formadora de conhecimento e prestadora de serviço social, como ainda existem alunos que não sabem o porquê do “ser universitário” (ESTRELA, 2005, p. 14), muitos ainda, não sabem nem se o curso ao qual freqüentam realmente é o que querem freqüentar. Por isso, Paulo Freire afirma com tanta convicção que o professor deve ter a “razão encharcada de emoção”, pois só assim este é capaz de “despertar” seu aluno para a longa caminhada necessária à sua formação profissional.

Um dos professores entrevistados participou da elaboração do projeto pedagógico de sua universidade, bem como das Novas Diretrizes Curriculares. Quando questionado sobre sua avaliação da proposta do projeto pedagógico do curso de odontologia, respondeu:

Esta proposta mudou muito o ensino. Tende a melhorar. Porém, eu entendo que ela não deve ser estanque. Ela deveria ser revista periodicamente. Nós estamos evoluindo muito, novas terapêuticas, novos procedimentos odontológicos, aparecem dia a dia. Então, estas diretrizes curriculares, já tiveram seu momento, que foi há mais ou menos dois anos atrás, mas devem ser revistas e atualizadas periodicamente.

No trabalho intitulado *Planejamento do curso de graduação de Odontologia*, Carvalho (2004, p. 7-13) aponta para a importância do planejamento dos cursos de odontologia, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais, que se encontram em vigência desde 2002. Segundo o autor, ao se elaborar os novos projetos pedagógicos, deve-se ter cuidado em definir, de forma clara, o perfil do graduando e ser coerente no trabalho das competências, habilidades e conteúdo. A dinâmica do planejamento de curso deve ser revista. A tradicional “visão conteudística”, com os desdobramentos da distribuição das “fatias” de carga horária

não é mais cabível. Necessário se faz a integração das matérias, a interdisciplinaridade, como estratégia na formação de um profissional crítico, generalista, capaz de aprender a aprender, de trabalhar em equipe e de levar em conta a realidade social.

Neste trabalho, foi questionado de que forma as Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Odontologia instigaram às mudanças tanto do currículo do curso como do papel dos professores. Uma professora afirmou não conhecer as Novas Diretrizes, sendo que outra diz não ter formado ainda um conceito a respeito. Os demais docentes entrevistados demonstraram pouco conhecimento e se ativeram a alguns fatos isolados, como descritos nestes relatos:

Do que eu conheço das diretrizes, percebi que o foco é a saúde coletiva. Por isso, os currículos estão mudando também. Nós percebemos que vai mudar o perfil do cirurgião-dentista que a escola quer formar, que a lei manda formar. Não é mais para o exercício autônomo, particular, até particular, mas no sentido da coletividade, da saúde do cidadão, e isso é muito bom. A odontologia está caminhando para isso, que a ênfase deve ser dada mais para a saúde coletiva.

E ainda:

Eu vi o ano passado. Eu não vou saber te responder direito. Eu sei que existe uma mudança, um enfoque da universidade mais para o social. É mais focada para essa parte social da odontologia, mas dizer que, ou como que, (...). Eu não sei.

Segundo Feuerwerker (2003, p. 25), até alguns anos, a profissão odontológica se caracterizava pela prática privada em consultórios particulares, ficando o sistema público limitado à atenção básica (gestantes e crianças) e à atenção ao trauma. Mais recentemente, os limites do mercado privado começaram a ser sentidos e, diante da grande concorrência, as estratégias para conseguir vantagens dentro do mercado passaram a se basear na especialização e na incorporação tecnológica. No entanto, essas estratégias acabaram por aumentar os custos levando a uma progressiva institucionalização das práticas profissionais, uma vez que apenas uma pequena parcela da população segue com capacidade de compra privada dos serviços. Diante dessa realidade, o cirurgião-dentista, sente-se

como “abandonado à própria sorte”, pois, sua formação sempre privilegiou o tratamento das doenças, com a utilização de um grande arsenal tecnológico. Os aspectos sócio-econômicos e políticos, da população a ser tratada, não eram considerados, havendo assim, um grande distanciamento entre o ensino e a realidade social.

São necessárias mudanças profundas nesse processo, pois, apesar da oferta excessiva de cirurgiões-dentistas, como já discutido anteriormente, a maioria da população ainda continua à margem da atenção odontológica.

Buscando a superação desses problemas, as Diretrizes Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia indicam como competência geral, relativa à atenção a saúde, a formação de profissionais aptos:

a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema da saúde, tanto em nível individual como coletivo (DIRETRIZES, 2001).

Porém, Garbin et al (2006, p. 8) afirmam que, atualmente, os profissionais ainda são preparados dentro de uma concepção que privilegia a abordagem individualista e curativa e são, portanto, incapazes de ultrapassar o espaço de seus consultórios e propor um diagnóstico sobre o coletivo e suas intervenções, em uma abordagem integralizadora. Para que isso ocorra, segundo Moysés et al (2003, p. 58), faz-se necessário o fomento à inovação e à transdisciplinaridade, através da defesa e difusão de valores humanistas na formação profissional.

Alguns professores, neste trabalho, apontaram a formação generalista como um fator de grande importância, tanto para as mudanças curriculares como do papel dos professores:

Com relação às novas diretrizes curriculares do MEC, ele pede uma formação generalista. O aluno tem que sair capacitado a atender qualquer necessidade odontológica do paciente. Esta capacitação, nós temos que mudar também como professores porque não podemos ficar enfocados na nossa área específica da matéria que ministramos, mas sim, estarmos voltados num contexto geral. Relacionando nossa matéria com a de outras disciplinas. Isto mostrando para o aluno uma visão geral da saúde do paciente.

E ainda:

Instigam e obrigam. Eu acho importante saber que o professor é obrigado, não é que precisa, ele é obrigado a estar sempre atualizado, com todas as técnicas, procedimentos, terapêuticas, que são aprovadas cientificamente, é lógico. Ter este conhecimento para poder transmitir ao aluno que está se formando.

Entender o desafio imposto pelo atual momento de profunda mudança, não apenas estrutural, mas também paradigmática, no ensino da odontologia, como também da profissão odontológica, requer uma discussão reflexiva e crítica envolvendo diferentes sujeitos e instituições.

Não se pode contestar que uma crise ética afeta a humanidade em todos os aspectos: social, profissional, educacional e científico. A odontologia como profissão e o ensino da odontologia vivenciam esta crise e buscam soluções para superá-la.

Existem diferentes formas de agir diante de uma situação de crise: simplesmente ignorá-la (fazendo de conta que nada acontece), deixar-se dominar pelo ceticismo (ter a perspectiva negativa de que tudo está perdido, não há o que fazer) ou enfrentá-la (buscando as soluções).

O professor deve olhar atentamente a situação de crise, em que a humanidade se encontra: crise de valores (não se sabe o que é certo e errado); crise das instituições (a família, a escola, a religião, o estado parecem não dar respostas às perguntas); crise de identidade (não se sabe o que é o ser humano, o que define a humanidade, os jovens não sabem quem são e o que buscam ser); crise de significado (não se sabe qual o sentido da vida, qual é o valor das coisas que são feitas e por que são feitas); crise de certeza (confunde-se a verdade com o erro, nega-se a existência da verdade ou afirma-se a co-existência de verdades múltiplas,

ainda que contraditórias); e acreditar que o futuro será melhor que o presente, pois este é o real papel da educação (OLIVEIRA, 2005, p. 7).

Os professores que fizeram parte desta pesquisa foram questionados sobre a existência ou não de uma crise ética na odontologia. Buscou-se também analisar o porquê desta crise, bem como suas causas e suas soluções.

Nenhum professor negou a crise. Todos acreditam que a odontologia passa por um momento de crise, porém não só ética, mas, para alguns, de desvalorização profissional, devido, principalmente, à alta competitividade do mercado de trabalho:

Infelizmente sim. E acho que se não for colocado um freio, só tende a piorar. O que nós vemos é uma tendência mercadológica e uma desvalorização da própria profissão. Oferece-se o que é proibido pelo nosso código de ética, o que é proibido pela lei que institui os conselhos de odontologia, principalmente ao que se refere a apresentar concorrência desleal, com preços mais baixos e que fica em dúvida a qualidade desses trabalhos. Então, eu acho, que está na hora que se tomem forças junto aos conselhos, tanto estadual, como federal, para que parem estes abusos, esse “marketing” que está sendo feito.

E ainda:

A odontologia foi socializada. Há muitos planos de credenciamento cuja remuneração é muito abaixo do que deveria ser. Chega a ser assuntosa a tabela de convênios. Isto causa, no profissional, um sentimento de revolta. Ele tem que ter o paciente a qualquer custo, ele tem que sobreviver da profissão. Eu acredito que este é o grande foco, a situação econômica e aí esbarra a ética, quando você briga pelo paciente, esbarra na ética e então vem a concorrência desleal.

E outro ainda:

Eu acho que a odontologia passa por várias crises éticas e não só a odontologia em si. A valorização da profissão é muito ruim, as pessoas não valorizam, os próprios profissionais não valorizam. Os órgãos públicos que empregam os profissionais também não valorizam. Acredito que a culpa maior é do próprio profissional da odontologia que deixou a situação chegar a esse ponto. Mas por que isto aconteceu? Acho que foi primeiro porque o dentista tem muito medo de ficar sem pacientes, então ele evita encaminhar para outras pessoas e o que isto cria? Cria uma situação muito individualista que não permite o crescimento, porque o contato com outros profissionais, com outras disciplinas, só enriquece e até mesmo por um próprio contexto social. Seria mais interessante que houvesse mais reuniões de dentistas que pudessem, desta forma, brigar juntos e não um contra o outro.

A diretoria do Conselho Regional de Odontologia do Paraná, no editorial de sua revista (2005, p. 3), alerta para as inúmeras denúncias feitas contra panfletagens que ocorrem incessantemente em todas as cidades do Estado, bem como à prática “nefasta e barata na cobrança dos procedimentos da classe”, estes geralmente feitos com baixa qualidade técnica e de material.

O homem moderno está exposto a modelos e padrões consumistas e busca, nos bens materiais, a felicidade. Entretanto, devido à grande competitividade do mercado, torna-se cada vez mais difícil alcançar o nível de aspiração almejado. Esta situação induz a uma grande tensão e angústia. Como as questões de valorização pessoal e profissional, que favorecem a busca da verdade, da ação reta e da felicidade estão em segundo plano, o profissional passa a agir, tanto em sua vida pessoal como profissional, de forma antiética e mercantilista, passando por cima de regras, valores, pessoas e, muitas vezes, por cima de si mesmo. Pode-se observar esta realidade no depoimento destas professoras:

Acredito que não só a odontologia passa por uma crise ética, mas todas as profissões. Está se visando muito o dinheiro e a parte ética está sendo, um pouquinho, deixada de lado. Não vemos os meios para chegar aos fins. Não é só nossa profissão, não. Acho que a sociedade toda. Nosso País está passando por dificuldades, se o congresso nacional, os de cima, dão exemplos errados, isso vai levando, sem querer, vai fazendo uma lavagem cerebral em você. Você tem que ter os propósitos e caráter muito bem formados, para não entrar na deles.

E ainda:

Acho que sim. Às vezes não aceito muito esta coisa de “marketing”, não é só na odontologia, mas no mundo inteiro está assim. Se as pessoas não se inteirarem nesse meio, as coisas não andam, o profissional não tem clientela. Então eu acho que existe um monte de coisas que as pessoas contam e não é bem assim. (...). É nessas horas que eu me pergunto por ética. As pessoas vão fazendo trabalhos na boca de outras pessoas sem explicar o porquê das coisas, sem dizer porque. Tem que haver uma conscientização. Eu tento passar isto para meus alunos para que eles sempre conversem muito com o paciente antes de realizar um trabalho.

A publicidade utilizada de maneira abusiva, por muitos profissionais, oferecendo serviços gratuitos, ou mesmo divulgando preços, fatos estes proibidos

pelo código de ética odontológico, também foi indicada por alguns professores como sendo um fator importante para a crise ética citada:

Ocorreu uma abertura para a divulgação da profissão e muitos faltaram com a ética. Devido à competitividade, a oferta de muitos dentistas que levou a uma concorrência acirrada.

Segundo o relato de uma professora, o grande número de alunos nas salas de aula e a própria formação tecnicista destes alunos favorecem situações de competitividade já dentro da própria faculdade, como também ações antiéticas:

A crise ética acontece na odontologia devido ao tipo de profissional que ela forma. Ela instiga infrações éticas dentro da própria universidade. Os alunos já têm uma concorrência muito grande dentro da própria universidade. São muitos alunos e são muitas universidades. Dentro da faculdade, o aluno já enxerga uma concorrência muito grande e ele não tem uma formação ética bem embasada.

Analisando as respostas dadas pelos professores, até então citados, pode-se descrever a situação do profissional de odontologia e sua crise ética sob a seguinte linha de raciocínio: a alta competitividade no mercado de trabalho e já dentro da própria universidade, na sociedade do ter, onde os valores são ditados pelo mercado, leva muitos profissionais à utilização de meios antiéticos e mercantilistas para promover seus trabalhos. Porém, não existiriam tantos profissionais no mercado de trabalho se não fossem criadas, a cada ano, as inúmeras faculdades de odontologia por todo o país.

Neste trabalho, dois professores apontaram o grande número de faculdades de odontologia existentes como sendo uma das causas para a difícil situação em que a odontologia se encontra atualmente. Além do excesso de faculdades, a falta de critérios para a abertura de novas faculdades também gera problemas que tendem a se agravar se não forem modificados:

Acho que a odontologia, como todas as outras profissões, passa por uma crise em função do próprio mercado de trabalho, hoje extremamente restrito, competitivo e às vezes não há uma avaliação da necessidade demográfica de abertura de novas faculdades. Muitas vezes, abrem-se faculdades onde o mercado está extremamente saturado e isto não tem nenhum controle.

Desta forma, a odontologia já está tendo problemas e isto vai se agravar se não houver um controle rígido na abertura de faculdades, levando-se em conta, não que não se deva abrir, a necessidade demográfica para a abertura de faculdades. (...) O número de faculdades está crescendo desordenadamente e o mercado está extremamente recessivo. Há, na verdade, na odontologia, um crescente aumento na prevenção, isto é muito bom, mas, por outro lado, reduz o mercado de trabalho. Precisa haver uma regulamentação desse mercado todo. Mas não é só a odontologia, todas as profissões passam, hoje, por um momento muito difícil.

E ainda:

As causas são, sem dúvida nenhuma, financeiras. O que está ocorrendo é que nas regiões sul, sudeste, centro-oeste e nordeste, norte nem tanto, mas nestas regiões do Brasil, a oferta é muito grande de profissionais com relação a procura de mercado. Também, a questão financeira da população e à abertura de faculdades de odontologia por mercantilismo, principalmente as particulares. Não me refiro a todas, tem suas exceções, mas grande parte é mercantilista e dão um ensino de péssima qualidade.

Já em 1997, Ferreira (1997, p. 310), em um artigo denominado “O Milagre da Multiplicação dos Cursos”, sinaliza para um futuro nebuloso para a Odontologia devido ao crescente número de faculdades de Odontologia (nem sempre em relação direta com a qualidade), a criação de um excedente de dentistas formados a cada ano, cerca de oito mil (na época), e uma parcela da população que ainda continuava desassistida quanto à saúde bucal. O autor ainda afirmava: “na tentativa de se evitar um colapso da profissão nos próximos anos, estratégias estão sendo articuladas, como pressão sobre instituições governamentais para impedir a criação de novos cursos de Odontologia”.

Entretanto, durante estes últimos anos, o quadro descrito por Ferreira, não parece ter sofrido alterações e nem “as pressões impostas sobre as instituições governamentais” parecem ter surtido os efeitos desejados.

Em 2000, Marcos (2000, p. 193) alerta para o fato da criação de cursos de graduação em Odontologia não poder ser objeto de interesses corporativos, pois a meta deve ser a formação de cirurgiões-dentistas com alta qualidade tanto técnica como humanista.

Atualmente, o problema do excesso de faculdades de Odontologia, bem como a qualidade do ensino em muitas delas, ainda é discutido. Estrela (2005,

p. 14) afirma que o excessivo número de Faculdades de Odontologia criadas diariamente, sem razão e sem sentido de existir, sendo ainda que muitas não cumprem os objetivos inerentes a uma instituição de ensino superior vinculada à área da saúde, favorece o acúmulo de problemas, dentre eles cita-se: o grande número de profissionais formados com baixa qualidade técnico-científica e educadores com pobre formação didático-pedagógica ingressando no laboratório educativo.

Para Gdikian (2001, p. 59), devido à ganância no setor educacional privado e à irresponsabilidade oficial, somadas ainda à impotência das entidades de classe, presencia-se, nas últimas décadas, a abertura desenfreada de faculdades de Odontologia, como se desta forma pudessem ser sanados os déficits relacionados à saúde bucal. O grande equívoco do setor governamental é acreditar que, aumentando a oferta de profissionais no mercado de trabalho, ocorre uma redução no custo do tratamento, porém a saúde não pode ser confundida e nem comparada com uma simples mercadoria.

A odontologia, como outras profissões, passa por um momento importante em sua história, porque “o mundo” passa por este momento. Antigos conceitos, verdades, valores estão sendo questionados, invalidados, entretanto o ser humano parece ainda não ser capaz de viver sua nova realidade. Está como que amarrado ao seu “velho” paradigma e, mesmo sentindo e sofrendo, não é capaz de investigar, compreender, explicar e, então, avançar e superar.

Refletindo sobre a crise e a perda da sustentabilidade da profissão odontológica, no Brasil, Zanetti (2000, p. 2) afirma parecer haver uma espessa neblina, aos olhos do dentista comum, que encobre os horizontes da Odontologia brasileira.

Ela, associada às luzes fortes e oposta de alguns preconceitos quase ancestrais e ainda presentes no nosso imaginário corporativo, têm-nos feito não valorizar algumas poderosas soluções já esboçadas no interior de nossa sociedade, sinalizando o caminho para nossa reorganização, e como sair da *deriva* histórica, dando rumo à nossa jornada sobre o mar revolto (ZANETTI, 2000, p. 2).

Encontrar o caminho em meio à “tempestade” parece ser, muitas vezes, uma tarefa bastante difícil ou ainda, impossível. Duas professoras não souberam apontar caminhos para a solução da questão proposta, como visto em seus depoimentos:

Não sei, se tivesse a solução...Não é só a educação, é boa vontade também. É um somatório de coisas: educação, saúde, que tem que vir junto.

E ainda:

Em nosso País, a solução para estes problemas? Porque não existe ética com ninguém. Aqui é quem for mais esperto leva a melhor, então, não vejo muita solução. Não existe ética em nosso País. A sociedade está, neste sentido, se desintegrando.

Nesta pesquisa, buscou-se discutir a realidade da odontologia, como profissão, e principalmente do professor de odontologia, pois os mesmos possuem um papel privilegiado diante da crise estabelecida. Privilegiado no sentido de poderem iniciar um processo de transformação, já na formação dos futuros profissionais. Os professores, como educadores e não mais simples transmissores de informações, devem ter como premissa a formação de cidadãos e cidadãs cirurgiões-dentistas, perfeitamente qualificados tecnicamente, bem como capacitados a assegurar a integridade da atenção, a humanização e a ética no atendimento prestado à comunidade.

Somente será relevante conhecer as causas de um determinado problema se for estabelecido um processo de análise e reflexão intuindo encontrar as soluções para o mesmo. Por esse motivo, questionou-se aos docentes, neste trabalho: quais as soluções para a crise ética, a qual todos concordaram existir. A grande maioria acredita que a solução está na diminuição do número de faculdades de odontologia existentes, como sugerem estes professores:

Eu acredito que deveria diminuir o número de faculdades, formando assim menos profissionais. Ou liberar apenas os alunos que realmente estão preparados para o mercado de trabalho.

E ainda:

Diminuição do número de faculdades. Diminuição do número de vagas e a formação de grandes profissionais, mas em pequena quantidade. Formação em massa não funciona. Com a metade do número de alunos em sala de aula, eu conseguiria trabalhar melhor. Porém, isso em uma faculdade particular é utopia.

E outro:

Como nós estamos impedidos de impedir a abertura de novas faculdades, como o MEC abriu à vontade e todos sabem disso, foi proposto no Conselho Federal de Odontologia que fosse feito um exame para o exercício profissional, como é feito pela OAB. O objetivo era tentar barrar aquelas faculdades cujo ensinamento, o preparo, não era condizente. Então, com o tempo, ou essas faculdades melhorariam seu ensino, ou não teriam mais condições de ter aluno, porque teria sido divulgado, através da mídia, o conhecimento do número de alunos aprovados em tais faculdades. Porém, não aconteceu.

Outros professores acreditam que somente pela conscientização do cirurgião-dentista de seu real papel na sociedade, valorizando-se como profissional da saúde, politizando-se, refletindo de maneira crítica sobre sua realidade, e através da união da classe poder-se-á encontrar o caminho para a superação da crise estabelecida:

O caminho é uma conscientização em massa e até tentar, por exemplo, ter uma representatividade política da classe.

E ainda:

A grande solução para melhorar esta crise ética e econômica, enfim, está tudo misturado, seria a conscientização do cirurgião-dentista de que ele é o dono da mão de obra, ele é o dono do conhecimento. Se ele se conscientizar bem, ele não precisa se submeter aos empresários. Mas isso demandaria da união da classe, da vontade de cada um. Não adianta o cirurgião-dentista cruzar os braços e ficar esperando que as entidades façam por ele, o que ele mesmo não faz por si mesmo. Acho que isto depende de cada um. A hora que todos estiverem com vontade realmente de brigar pela sua profissão, nós conseguiremos alguma coisa.

A criação ou ampliação de políticas públicas de saúde também foram citadas por um professor para se contraporem a realidade da odontologia:

O governo atuar diretamente no atendimento à saúde, através da contratação de profissionais para atendimento em Centros Odontológicos, podendo até serem anexos aos hospitais, para atender à saúde bucal da população brasileira, que hoje ainda é deficiente, apesar de termos excesso de profissionais.
--

As mudanças necessárias para superação da crise existente são, sem dúvida, profundas e correspondem a transformações na maneira de se pensar e organizar todas as coisas.

O papel da universidade, neste contexto, seria o de identificar corretamente os problemas de saúde, de cada município ou região, e apontar soluções. O ensino e a pesquisa devem ser direcionados para ações sociais que possibilitem melhores condições de vida para a população (GARBIN et al, 2006, p. 6).

Segundo Estrela (2002, p. 56), “a realidade social sinaliza a urgência nas mudanças, que envolvem complexas diretrizes no âmbito da educação, da pesquisa, do mercado de trabalho e da saúde”. Para isso, faz-se necessária a contextualização do curso de odontologia, inserindo-o no ambiente social, político e epidemiológico (MARCOS, 2000, p. 193).

O desenvolvimento da pesquisa no campo educacional é um importante instrumento tanto para geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias, quanto para o desenvolvimento do espírito crítico e reflexivo na formação acadêmica do profissional. A pesquisa não se coloca apenas como requisito para a inovação, mas como estratégia educacional e pressuposto para novos caminhos e novos saberes, desenvolvida com base na reflexão crítica sobre as práticas vigentes, e ainda, deve ocorrer em parceria entre universidades, serviços de saúde e população.

Para isso, o professor deve deixar de ser um perito em aula e passar a ser *um profissional da educação pela pesquisa*, promovendo o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser um simples objeto de ensino para tornar-se parceiro de trabalho. Esta relação deve acontecer entre sujeitos participativos, sendo o questionamento reconstrutivo tomado como desafio comum e a transformação da sociedade como seu maior objetivo (DEMO, 1996, p. 2).

A transformação da sociedade é um dos pressupostos da *abordagem progressista da educação*, que acredita obter através do diálogo e da discussão coletiva uma aprendizagem significativa, contemplando trabalhos coletivos, parcerias e a participação crítica e reflexiva tanto de alunos como de professores.

Em resumo, espera-se que o dentista seja formado de forma global e necessariamente através de uma *educação integral ou holística*.

Segundo Crema (1995, p. 53),

Educar, na visão holística, significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação - além de transmitir e construir o saber sistematizado - assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal.

Com o intuito de analisar a utilização ou não, pelos professores entrevistados neste trabalho, de novas abordagens da educação voltadas para o desenvolvimento de uma consciência ecológica, que, para Crema (1995, p. 53), é a própria essência da educação holística e busca a recuperação ética da dimensão participativa dos seres humanos no sistema vivo planetário, foi perguntado: você conhece as novas metodologias de ensino/aprendizagem que buscam a formação global dos alunos?

Dos dez docentes entrevistados, quatro professores responderam que não conheciam, sendo que os demais, com exceção de um professor,

demonstraram pouco conhecimento a respeito do assunto, como sugerem estes relatos:

Sim, a gente ouve, a gente lê, busca o conhecimento, novos métodos, até para a motivação do aluno. Para você não tornar cansativo. Ainda mais odontologia legal que não é aprendizado de técnica, de uso de materiais, então, a motivação tem que ser grande. (...). Você tem que ter um discurso de acordo com suas atitudes, principalmente porque sou a professora de ética, não pode ser diferente disso. Aliás, acho que não é só por ser professora de ética, todo o professor tem que ter atitudes que condizem com seu discurso, o contrário não é aceito, é condenável. O exemplo do professor é tudo e os alunos se espelham nos professores, como nós, nós temos pessoas, professores que tivemos, que reverenciamos até hoje e se conduziram sempre do mesmo modo.

E ainda:

Sim. O que nós já discutimos. Esta formação existe, vai aperfeiçoar, mas naturalmente iremos precisar de correções nesta metodologia toda. Não quer dizer que vamos resolver todos os problemas. Os problemas são multifatoriais e nós temos que atacar de todos os lados. Precisa haver uma mudança de rumo no ensino. Precisa haver uma mudança no rumo, no número de abertura de faculdades, precisa haver uma mudança de rumo na economia, enfim são multifatoriais.

E outro:

Eu propus, no CRO*, que fizesse o termo clínico geral, porque até certo tempo não havia este termo e muitos colegas que estavam nos credenciamentos tinham dificuldades porque os pacientes procuravam diretamente os especialistas, dificultando ao clínico geral ter pacientes. Então achei importante que se colocasse o termo clínico geral e isto responde a sua pergunta, pois acho que o ensino deve ser globalizado. Temos que entender que, na graduação, não se formam especialistas (...).

Por fim:

Sim, mas é difícil aplicá-las. Por causa do número de alunos. Nós precisamos de um contato mais próximo, mais horas de trabalho, mas daí nós precisaríamos ser mais bem remunerados e ter alunos de melhor qualidade. A qualidade do aluno é o ponto chave. Eles não acompanham o ensino globalizado. Eles acompanham, olhe lá, um ensino fragmentado, globalizado não acompanham.

Para consolidar uma prática pedagógica compatível com as mudanças paradigmáticas da ciência, deve-se constituir uma aliança entre a visão sistêmica ou holística, a abordagem progressista e o ensino com pesquisa, denominada paradigma emergente ou inovador ou da complexidade (BERHENS, 2000, p. 60).

* CRO: Conselho Regional de Odontologia.

Nesse novo paradigma, o aluno passa de objeto a sujeito do processo de aprendizagem, produzindo seu próprio conhecimento e transformando o mundo. O desafio do professor está em estimular o aluno a desenvolver ambos os lados do cérebro, tanto o esquerdo, que domina o desenvolvimento da racionalidade crítica, da lógica e da memorização, como o lado direito, voltado para o desenvolvimento da intuição, da sensibilidade e da criatividade. O maior objetivo desta forma de educar é a superação da reprodução do conhecimento, estimulando o desenvolvimento do aluno em todos os sentidos: físico, emocional, intelectual e espiritual, extraíndo o que há de melhor de cada um, propiciando, assim, a construção de um mundo mais solidário, justo e ecologicamente correto.

Através das respostas dadas pelos professores, nesta pesquisa, observa-se um certo desconhecimento ou um conhecimento simplista acerca do que realmente significa formar um indivíduo globalmente. Um professor confundiu formação global com generalista (a formação do clínico geral e não do subespecialista), outra professora falou sobre complexidade (colocando como antagônicos o ensino globalizado e o fragmentado) e, ainda, falou-se sobre motivação, técnicas de ensino e a importância da formação básica, considerando que, na formação global, as matérias básicas estariam colocadas de lado. Ficou bastante clara esta “confusão” também nos depoimentos feitos sobre a aplicação das novas metodologias que visam à formação global do aluno e a forma como os alunos respondem a esta nova forma de ensinar, como exposto abaixo:

Nós aplicamos aqui a formação do clínico geral, no caso, na nossa disciplina na graduação são dados todos os procedimentos para que o clínico possa atuar. A receptividade é excelente dos alunos, inclusive eles solicitam que nós façamos palestras, independentemente do conteúdo programático deles. Palestras que eles possam fazer perguntas, discutir esse assunto, principalmente orientação profissional.

E ainda:

Não sinto dificuldade de aplicar, pois acho que tudo é motivação. Sempre os temas são de interesse deles. Eles estão saindo da faculdade, então quais são os temas propostos? Todos aqueles que lhes interessam: aonde eu tenho que ir para montar meu consultório? Vamos discutir se devemos ou não cobrar consulta. Como devemos administrar o consultório? Relacionamento entre profissional e paciente. O que é consulta odontológica.

E outro ainda:

Esta metodologia pode ser aplicada desde que você parta da metodologia clássica e faça uma evolução. Mas você tem que tomar cuidado com a formação básica e colocar o aluno dentro deste contexto de formação global. Não é você partir para uma formação global esquecendo da formação básica do aluno.

Uma professora citou a falta de continuidade nos estudos, pelos alunos, como uma das dificuldades em se aplicar metodologias que visam à formação globalizada:

Tenho dificuldade. Cinco por cento respondem muito bem, que são os melhores alunos da classe. Evoluem muito rápido e respondem muito bem. A maioria se perde no meio do caminho, porque eles não têm uma continuidade de estudo. Eles estudam, só, na véspera da prova. Então, se amanhã eu vou dar uma aula que eu preciso do conhecimento de ontem, eu não consigo porque o conhecimento não é contínuo, o estudo não é contínuo.

Procurando, ainda, analisar a profundidade do conhecimento dos docentes a respeito de metodologias que visam à formação global, foi questionado como cada um acredita poder formar profissionais mais éticos, críticos e solidários. As respostas foram todas voltadas ou para um, ou para outro fator, nenhum professor demonstrou ter uma visão integral do ensino. Alguns falaram do exemplo que deve ser dado pelo professor, como nestes relatos:

Acredito que dando exemplo. (...). O maior ensinamento na educação de uma pessoa se faz pelo exemplo. Eu tento dar o meu exemplo, lógico que tenho falhas, mas tento dar o bom exemplo. Mesmo em aula prática, quando estou executando alguma coisa, procuro conversar sobre outras coisas, para que os alunos saibam que a vida não vai ser só odontologia. Também procuro fazer com que eles percebam que só tendo atitudes corretas é que vão conseguir conquistar um espaço mais seguro, porque os pacientes vão confiar mais, é o que falo. Tento dar o exemplo e buscar isto neles também.

E outro:

O exemplo da tua própria prática profissional. A tua prática profissional é um espelho para a prática profissional do seu aluno. Se você não for ético e não for embasado cientificamente e não mostrar o teu estudo contínuo, não adianta pedir isto. Você é um exemplo daquilo que você quer.

Outros professores analisaram alguns pontos relativos à humanização da educação, através de programas de atendimento a pacientes especiais, ou ainda, da preocupação com o paciente, como indivíduo, como ser complexo:

Qualquer professor pode formar profissionais éticos, críticos e solidários. Na clínica, quando o aluno vai fazer um plano de tratamento eu pergunto: - "Você conversou com seu paciente? Sabe dele? Olhou para ele? Para o ser humano?".

A maioria dos professores não falou sobre como procuram formar cidadãos mais críticos. O "fazer pensar" foi apontado apenas por uma professora como um desafio para o professor universitário:

Eu escutei de uma pedagoga que o aluno do ensino fundamental, pela própria idade, é bastante curioso e, assim, ele aprende a desenvolver o raciocínio dele. Quando este aluno entra no ensino médio, ele desaprende a pensar porque tem tudo mastigado e este é o aluno que chega para nós na universidade e daí você tem que ensinar novamente este aluno a pensar.

Os professores de odontologia possuem um papel importante não somente na formação de profissionais promotores da saúde bucal da população, mas também na formação de verdadeiros cidadãos e cidadãs conhecedores da sua realidade, capazes de analisar, refletir e agir sobre esta, transformando-a.

Para Hargreaves (2004, p. 132)

Ensinar não é apenas a prática intelectual ou cognitiva de transmitir conhecimento ou desenvolver habilidades nos alunos. (...) Ensinar é também, e sempre, uma prática emocional de envolvimento com a aprendizagem, de relacionamento com alunos e adultos e de vínculo com os propósitos e o trabalho construídos pelo ensino.

Diante de todos os fatos abordados, ficam claras as dificuldades que enfrentam os professores de odontologia para formar os cidadãos e cidadãs que a sociedade do conhecimento necessita e exige. Para ultrapassar estas dificuldades, primeiramente, o professor deve ter conhecimento de sua importância, não só para seus alunos, mas para toda a sociedade. Importante se faz a reflexão como um processo para o autoconhecimento e, a partir do momento em que o indivíduo

conhece a si mesmo, pode então conhecer as demais pessoas, a sociedade e o mundo em que vive, obtendo desta forma capacitação para exercer responsável e criticamente a autonomia, a cooperação, a criatividade e a liberdade.

A formação continuada e a busca de aprimoramento pedagógico também são fatores de importância para superar as dificuldades. Segundo uma das professoras entrevistadas, o professor deve mudar a sua forma de pensar, fazer cursos de capacitação pedagógica, se atualizar e conhecer as diretrizes curriculares:

Eu penso que a tendência é o ensino globalizado, vai ser uma pressão da universidade para isso. Vai ser muito difícil porque o professor tem que mudar a forma de pensar, primeiro de tudo. O professor tem que fazer cursos de atualização pedagógica, tem que enxergar de outra forma, tem que conhecer as diretrizes curriculares, tem que trabalhar em cima delas.

As expectativas dos professores em relação ao futuro do ensino da odontologia também foram analisadas neste trabalho. Grande parte dos professores demonstrou-se temerosa com as mudanças indicadas pelas Novas Diretrizes Curriculares, como também as novas políticas para a educação superior, como descrito por essas professoras: - Não sei, sinceramente. Não sei em relação às mudanças que estão para acontecer. As mudanças curriculares, eu não sei como vão ficar as coisas.

E outra:

Eu tenho medo. Tenho medo do jeito que as coisas estão caminhando. Estão colocando nas universidades, pela nova disposição, não sei quantos alunos do ensino público têm que entrar na universidade. Estes alunos, uma grande parte, não têm base suficiente para entrar na universidade e acompanhar um aluno de escola particular. Então vai ter que cair o nível.

Geralmente, se tem medo do que não se conhece. Os professores de odontologia, como a maioria dos professores, sejam eles universitários ou não, sempre estiveram apoiados em uma metodologia tradicional: tecnicista, fragmentada, multidisciplinar. A reação normal do ser humano é a desconfiança e a insegurança, quando a ele são apresentadas novas formas de pensar e agir.

Apenas um professor demonstrou otimismo:

Eu sou um professor otimista. Acho que as perspectivas são boas desde que se regulamente a abertura de novos cursos. Nossa profissão é uma profissão da saúde, é uma profissão que tem uma atuação bastante importante sobre o ser humano, o seu cuidado. Nós sempre vamos ter trabalho, muita atuação e estamos diretamente ligados à formação dos indivíduos. Sempre o profissional vai ser procurado, vai haver trabalho, vai haver necessidade de estarmos atuando na qualidade de vida dos indivíduos. Porém, tudo isso deve ser redimensionado e regulamentado.

E a esperança também se revelou neste depoimento:

Tenho tantas perspectivas. Eu gostaria que as coisas mudassem. O relacionamento entre os professores, a boa vontade entre os alunos, entre as instituições e os professores, a boa vontade entre as instituições. Eu gostaria muito disso. Isto valorizaria muito a nossa profissão e melhoraria a formação.

A relação interpessoal entre professor e aluno, entre professores, e mesmo entre “atores” de diferentes instituições, constitui-se num problema de grande complexidade no meio educacional. Uma relação profissional harmoniosa e ética, especialmente frente às atividades educacionais, deve ser sempre prioritária. Os objetivos que unem os professores devem ser os mesmos: o interesse e a motivação pela atividade docente e de investigação e, porque não dizer, do amor pelo conhecimento e pela aprendizagem (ESTRELA, 2005. p. 18).

As novas metodologias de ensino exigem uma inter-relação entre disciplinas, e conseqüentemente, entre professores. Os professores terão que necessariamente interagir, dialogar e refletir conjuntamente. Os alunos também, como partícipes no processo de ensino e aprendizagem, necessitam interagir tanto com seus pares como com seus professores. Concordando então com a reflexão proferida pela professora acima citada, a relação entre todos os sujeitos envolvidos com o processo educativo é fundamental tanto para a formação do cirurgião-dentista, como para a profissão odontológica, pois, sem dúvida, aprender a conviver, conhecendo e responsabilizando-se pelo outro, respeitando as diferenças, sendo crítico e capacitado a analisar e compreender os fatos e, assim, decidir o caminho a percorrer, sem se deixar influenciar pelos interesses de grupos ou de minorias, é

fundamental para a superação ou solução de problemas e, assim, para a transformação da realidade.

Após a investigação das perspectivas destes professores diante do futuro, é importante analisar e refletir sobre as ações destes mesmos professores para transformar a realidade tanto da sua profissão como do mundo em que vivem. Ações éticas condizentes com o discurso e o exemplo foram as atitudes mais citadas pelos professores:

Eu tenho atitudes condizentes com o meu discurso, pois sei que eles olham para mim, muitas vezes como exemplo. Tento levar aos meus alunos o amor pela profissão, o amor pelo ser humano, o respeito à autonomia do paciente, enfim, no sentido da humanização e mostrando sempre que nós somos profissionais da saúde, que quando ele atende um paciente ele está com a saúde e a vida, que é o bem mais precioso que temos, do paciente em nossas mãos, não pode ser menos do que isso (...). Procuro orientar no sentido de que não existe milagre, não existe atalho, não se deve buscar exclusivamente o dinheiro na profissão. Nossa profissão requer muito trabalho, dedicação, atualização constante. Nós estamos trabalhando com a saúde, com o corpo do paciente, então devemos ter um trabalho muito ético, responsável e calcado em bases científicas clínicas (...).

E outro:

Procuro passar, para meus alunos, ética, mostrar para eles (apesar de eu ser da área de estética) que tem no mundo um lado muito voltado para a estética e eu faço eles verem que isto não é importante. Que primeiro ele tem que dar saúde para o paciente, antes de qualquer coisa, que a estética vem depois. (...) procuro ser coerente com o que ensino. Porque o ensino tem que ser de uma forma bem honesta.

Outro ainda:

Procuro sempre ser muito ética, com relação ao que estou ensinando e ao que cobro de meus alunos. Ética e respeito, acima de tudo.

Finalmente,

Eu pratico minha profissão com ética, sempre em qualquer contexto. (...). Acho que o professor é um formador de opinião. Enquanto eu falo uma coisa, são oitenta alunos me escutando, todo dia, e o ano que vem serão mais oitenta. É uma forma de divulgar uma informação para a grande massa que está sendo formada. É o professor com suas atitudes que vai formar opiniões, que vai dar exemplo para os próximos.

Sem dúvida nenhuma o professor é um formador de opinião, e sua missão é transformar o aluno de hoje no cidadão ou cidadã do amanhã. O caminho é longo e tortuoso, não se trata de um projeto fácil. O primeiro passo consiste na conscientização do professor de sua importância tanto para seus educandos como para a sociedade. Em seguida a disponibilidade para analisar criticamente as novas concepções pedagógicas, buscando o conhecimento de suas bases, seus alicerces, para então poder compreender suas implicações, seus objetivos e desta maneira aceitá-las como alternativa às antigas concepções.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise e reflexão da realidade do professor de odontologia, sua formação e prática pedagógica, observando fatores que o influenciaram tanto à escolha da profissão como à carreira docente, as metodologias de ensino, por ele, utilizadas, sua percepção em relação às mudanças paradigmáticas que ocorrem tanto na ciência odontológica, como na profissão e no ensino, buscou-se traçar um perfil do professor de odontologia e a superação, ou não, das suas antigas concepções de ensino-aprendizagem.

Em se tratando de uma abordagem qualitativa de pesquisa, os resultados desta não podem ser generalizáveis. Contudo, acredita-se que através do confronto feito com outras pesquisas e trabalhos desenvolvidos na área da educação, o resultado desta pesquisa pode servir de referencial para ilustrar a realidade da educação odontológica e as dificuldades encontradas pelos professores neste momento de crise, não só da odontologia, mas do ser humano.

Referidas constatações levam às seguintes conclusões:

- Os fatores que mais influenciaram os professores, desta pesquisa, a escolherem a carreira de cirurgião-dentista foram, o fato da odontologia ser uma profissão liberal e da área médica.
- Os principais motivos para a escolha da carreira docente foram principalmente voltados para um crescimento pessoal, individual do professor. Não houve quase demonstração de uma motivação para a formação de novos profissionais e a educação.
- Apesar de ser um profissional da saúde o cirurgião-dentista experiente, ainda, uma formação tecnicista.

- A maioria dos professores investiu pessoalmente em sua formação sendo que as universidades incentivam, porém a maioria não investe na formação do docente.
- Muitos professores acreditam que a formação nos cursos de mestrado e doutorado é suficiente para o exercício da docência, sendo que a educação permanente fica relegada a cursos técnicos da área específica da odontologia.
- A semana pedagógica, que ocorre anualmente, é a grande oportunidade para a capacitação docente, porém muitos professores não a valorizam e não participam desses encontros.
- Existe, por parte dos professores, uma grande dificuldade de interagir ciências sociais e da saúde, devido ainda ao reflexo do pensamento linear que promove a perda da visão de conjunto e a falta de compreensão da complexidade dos sistemas.
- Os professores não demonstraram preocupação com sua profissionalização docente, porém, a profunda transformação, exigida pela sociedade do conhecimento, na formação do cirurgião-dentista, deve começar por mudanças importantes tanto na formação dos professores de odontologia, bem como, na sua profissionalização.
- Para a maioria dos docentes entrevistados, a formação do cirurgião-dentista sofreu grandes transformações, especialmente nos últimos anos, bem como, a ciência odontológica que mudou de uma visão tecnicista, voltada apenas para a teoria e os procedimentos técnicos, para uma visão mais humanizada.
- Um fator indicado como sendo de grande importância tanto para as mudanças curriculares, como para o papel dos professores, foi a

formação generalista, que intui ultrapassar a subespecialização, consequência direta da fragmentação do conhecimento.

- O perfil do aluno, na visão do professores, também mudou (estão mais questionadores e exigentes), entretanto a qualidade dos alunos foi apontada como um dos fatores que dificultam o processo de mudança da concepção de educação universitária. A formação no ensino fundamental e médio, de forma tradicional, com os discentes acostumados a serem simples objeto de aprendizagem, como também, o grande número de alunos nas salas de aula, dificultam a transformação necessária.
- Os projetos pedagógicos, da maioria dos cursos de graduação em odontologia, ainda seguem a forma tradicional de organização curricular multidisciplinar, existindo uma grande dificuldade dos professores em inter-relacionar suas disciplinas com outras, ou seja, a interdisciplinaridade parece estar ainda distante da realidade, nas faculdades de odontologia.
- Os professores demonstraram empenho em dar significado à aprendizagem de seus alunos, através da transmissão de informações básicas, da preocupação em mostrar a importância de suas disciplinas no contexto geral da odontologia, como também, através da motivação pela integração entre teoria, prática e realidade.
- O aluno, para os professores nesta pesquisa, aprende através da memorização, da motivação e da relação entre o conteúdo e a realidade, o concreto.
- A utilização de material didático que motive os alunos, a indicação de leituras de periódicos e a prática em pacientes são os meios utilizados para facilitar a aprendizagem.

- Na maior parte dos cursos de graduação em odontologia, ainda ocorre dissociação entre os ciclos básico e profissionalizante, e ainda as disciplinas básicas não são valorizadas.
- Os professores demonstraram disponibilidade para mudança, mas, talvez por falta de preparo ou de informação, muitos ainda olham com desconfiança para os novos métodos de ensino e afirmam utilizar metodologias tradicionais.
- Existe uma tendência à perpetuação do modelo tradicional de ensino, onde o professor se coloca como “o grande instrutor”. Porém, já é do conhecimento de muitos professores o papel do docente como mediador no processo de ensino-aprendizagem e não mais um simples transmissor de informações.
- A avaliação foi citada por alguns professores como multifatorial ou qualitativa, onde são consideradas tanto as informações decorrentes das provas teóricas, como as avaliações práticas envolvendo a técnica, princípios ergonômicos e de biossegurança, organização, assiduidade e participação. Entretanto, a prova teórica ainda é o principal instrumento de avaliação.
- A avaliação, para muitos professores, pode revelar a aprendizagem do aluno. Alguns acreditam que a avaliação não só revela a aprendizagem como também é um método utilizado para motivar o aluno ao estudo.
- A demonstração de bom desempenho na dimensão psicomotora (na parte prática), na dimensão cognitiva (conhecimento teórico) e o embasamento científico foram os aspectos de aprendizagem considerados importantes para a aprovação do aluno.

- As novas propostas pedagógicas dos cursos de odontologia trouxeram muitas mudanças: do currículo, da grade curricular, da carga horária do curso, a busca da interdisciplinaridade, porém, para a maioria dos docentes, não devem ficar no papel.
- Observa-se certo desconhecimento ou um conhecimento simplista, por parte dos professores, acerca do que realmente significa formar um indivíduo globalmente.
- A odontologia, não diferentemente de outras profissões, vivencia um período de crise ética, moral, de baixa auto-estima e desvalorização profissional. A regulação do mercado, somada à despolitização da classe odontológica e à ausência de políticas públicas voltadas para a prevenção e a promoção da saúde bucal são alguns dos fatores etiológicos para a crise citada. Todavia o crescente número de cirurgiões-dentistas formados todos os anos, devido à abertura indiscriminada de faculdades de odontologia, é apontado como sendo o principal motivo para a crise.
- Para muitos professores, somente pela conscientização do cirurgião-dentista de seu real papel na sociedade, valorizando-se como profissional da saúde, politizando-se, refletindo de maneira crítica sobre sua realidade, e através da união da classe poder-se-á encontrar o caminho para a superação da crise estabelecida.

Segundo Mariotti (2002, p. 347),

como os processos de pensamento hegemônicos em nossa cultura estão unidimensionalizados pelo modelo linear, só um esforço educacional que comece na infância terá possibilidades de reverter de modo significativo esse quadro. Isso implica pelo menos o prazo de uma geração.

E continua, “no caso dos adolescentes e adultos de hoje, é possível alcançar mudanças substanciais nessa área, desde que eles sejam educacional e culturalmente sensibilizados” (MARIOTTI, 2002, p. 347).

Diante de todos os fatos abordados, ficam claras as dificuldades que enfrentam os professores de odontologia para formar os cidadãos e cidadãs que a sociedade do conhecimento necessita e exige. Para ultrapassar estas dificuldades, primeiramente, o professor deve ter conhecimento de sua importância, não só para seus alunos, mas para toda a sociedade. Importante se faz a reflexão como um processo para o autoconhecimento e, a partir do momento em que o indivíduo conhece a si mesmo, pode então conhecer as demais pessoas, a sociedade e o mundo em que vive, obtendo desta forma capacitação para exercer responsável e criticamente a autonomia, a cooperação, a criatividade e a liberdade.

A integração da odontologia como ciência da saúde e as demais ciências, das áreas social e humana, não parece ocorrer ainda, pelo menos para a maioria dos professores entrevistados neste trabalho, os quais demonstraram, também, motivos pessoais voltados principalmente para o autodesenvolvimento, quando da escolha pela carreira docente.

Porém, atualmente, a sociedade do conhecimento impõe ao docente, um novo papel, voltado para a formação de cirurgiões-dentistas para além das qualidades técnico-científicas, mas também, com preparo para o exercício da cidadania.

Mas, o professor de odontologia, cuja formação docente ocorreu basicamente através de cursos de especialização, mestrado e doutorado, e ainda privilegiando os saberes técnicos procedimentais da odontologia, não é capaz de analisar e refletir sobre a situação a que está exposto. As áreas educacional e pedagógica, na formação do docente da odontologia, sempre foram relegadas e entendidas como técnicas e métodos, fato esse evidenciado pelos docentes ao serem questionados sobre formação docente, neste trabalho. Provavelmente por esse motivo os professores consideraram sua formação suficiente para o exercício

da docência, sendo que a educação continuada não foi enfocada, apenas a atualização técnica na área específica do conhecimento odontológico.

As semanas pedagógicas, que ocorrem anualmente, são consideradas “a ocasião” para a atualização docente. Entretanto alguns professores indicaram que grande parte dos professores de odontologia não as valoriza e por isso não participam das mesmas, acreditando que nestas ocasiões deveriam ser discutidos assuntos relativos “a odontologia”.

Esta visão mecanicista ainda predomina no ambiente das escolas de odontologia sendo reflexo do paradigma newtoniano-cartesiano que influenciou a ciência odontológica, especialmente nestes dois últimos séculos. Superar esse paradigma e, portanto a velha abordagem da educação, que visa a reprodução do conhecimento requer um esforço coletivo entre docentes, discentes, universidades e os organismos públicos da educação.

A profissionalização do professor seria o primeiro passo para superação. Para isso deve ocorrer nos meios acadêmicos, um processo profundo de análise e reflexão a respeito do “ser professor”, do educar, do formar. A formação dos novos cirurgiões-dentistas, aptos a trabalhar e influenciar a sociedade, transformando-a, deve ser a meta do ensino nas faculdades de odontologia. Porém, observa-se um sentimento de insegurança, de medo, em alguns depoimentos dos professores quando questionados sobre as perspectivas para o ensino e a profissão odontológica.

Através dos depoimentos dos professores, neste trabalho, foi possível observar a dificuldade destes em refletir e entender as propostas das Novas Diretrizes Nacionais para os Cursos de Graduação em Odontologia. Existe um conhecimento superficial, por parte dos professores, de forma simplista para alguns. A complexidade das mudanças e o real objetivo parecem ainda não terem sido entendidos pelos mesmos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. C. S.; VENDÚSCOLA, D. M. S.; MESTRINER JR., W. A conformação da odontologia enquanto profissão – uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Odontologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 6, p. 370-373, nov./dez. 2002.

ANDRADE, M. Trevas e Luzes. **Revista da A.B.O. Nacional**, Porto Alegre, v. 6, n. 61, p. 334-338, dez 1998/jan. 1999.

ANTUNES, C. **O que são inteligências múltiplas?** Campinas, SP: Papirus, 1998.

ARAÚJO, I. C. de et al. Trajetória nacional e internacional do ensino odontológico e a disciplina de Clínica Integrada nos cursos de Odontologia. **Rev. Inst. Ciênc. Saúde**, São Paulo, v. 1, p. 69-73, jan./jun. 2002.

ARENT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção Debates).

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BANDEIRA, M. Tendências da pós-graduação em odontologia. **Revista do COMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 48-58, jan./jun.1996.

BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H.. A docência em saúde: desafios e perspectivas. In: _____. **Docência em saúde**: temas e experiências. São Paulo: Senac, 2004. p. 17-31.

BATISTA, N. A. Planejamento na prática docente em saúde. In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H. **Docência em saúde**: temas e experiências. São Paulo: Senac, 2004. p. 35-56.

BATISTA, S. H. Aprendizagem, ensino e formação em saúde: das experiências às teorias em construção. In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H. **Docência em saúde**: temas e experiências. São Paulo: Senac, 2004. p. 57- 74.

BEHRENS, M. A. Formação continuada dos professores e a prática pedagógica. Curitiba: Champagnat, 1996.

_____. O paradigma emergente e a prática pedagógica. 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2000.

_____. A prática pedagógica dos professores universitários: perspectiva. Curitiba: Champagnat, 1996.

_____. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, M. T. (org.). **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998. p. 57-68.

_____. Aprendizagem Colaborativa num paradigma emergente. In: BEHRENS, M. A.; MASETTO, M.; MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p. 67-132.

BERBEL, N. (org.) **Metodologia da problematização**: fundamentos e aplicações. Londrina: Ed. UEL, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior UF: DF. Assunto: Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Farmácia e Odontologia. Parecer N°: CNE/CES 1300/01-COLEGIADO: CES-APROVADO EM: 06/11/2001, preconizado pelo parecer CNE/CES 583/2001, p. 1-29 Disponível em: <<http://www.pp.ufu.br/Odonto.htm>> acesso em 21/11/2004>

BRONOWSKI, J. **O senso comum da ciência**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990. (Coleção o homem e a ciência).

CARVALHO, D. R. de ; CARVALHO, A. C. P. de; SAMPAIO, H. Motivações e expectativas para o curso e para o exercício da Odontologia. **Revista da APCD**, São Paulo, v. 51, n. 4, p. 354-349, jul./ago.1997.

CARVALHO, A. C. P. de. Planejamento do curso de graduação de odontologia. **Revista da ABENO**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 7-13, nov. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. **Total de profissionais por CRO**. Disponível em: http://www.cfo.org.br/busca_dados/totais/tot_prof_cro.asp Acesso em: 15 ago 2006.

CONSOLARO, A. **O “ser” professor**. 4. ed. Maringá: Dental Press, 2005.

COSTA, A. M. D. D. et al. Contribuição do perfil do aluno de graduação em odontologia para redefinição dos recursos usados pelo professor no processo de ensino/aprendizagem. **Revista da Faculdade de Odontologia de Lins**, Piracicaba, v. 14, n. 1, p. 30–33, jan./jun. 2002.

CREMA, R. Uma visão holística da educação. In: CARDOSO, C. M. **A canção da inteireza: uma visão holística da educação**. São Paulo: Luminus, 1995. p. 45–71.

CUNHA, M. I. da; LEITE, D. B. C. Relação ensino e pesquisa. In: ALENCASTRO, I. (Org). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 115–126.

DELORS, J. et al. **Educação: um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.

DELVAL, J. O conhecimento, um processo de criação. In: SEBARROJA, J. C. **Pedagogias do século XX**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.110-112.

DEMO, P. Universidade e Qualidade: Indignações em torno da qualidade formal e política da formação universitária. **Educ. Bras.**, Brasília, v. 12, n. 25, p. 61–81, 1990.

_____. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 1-53.

_____. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOLL JR, W. E. **Currículo: uma perspectiva pós-moderna**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ESTRELA, C. A arte do ensino e da pesquisa odontológica. **Revista Brasileira do Brasil-Central**, Goiânia, v. 11, n. 31, p. 54-56, 2002.

_____. **Metodologia científica: ensino, ciência, pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2005.

FERGUSON, M. **A conspiração aquariana**. Tradução: C. E. Costa. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FERREIRA, R. A. O “milagre” da multiplicação dos cursos. **Revista da APCD**, São Paulo, v. 51, n.4, jul./ago., 1997.

FEUERWERKER, L. C. M. Educação dos profissionais de Saúde hoje – problemas, desafios, perspectivas e as propostas do Ministério da Saúde. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 24–27, nov. 2003.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRAZÃO, P. et al. Clínica de odontologia preventiva e a construção do projeto pedagógico no currículo de graduação. **Rev. Fac. Odontol. Lins**, Piracicaba, v. 15, n. 1, p. 11-16, 2003.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARBIN, C.A.S. O papel das universidades na formação de profissionais na área de saúde. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 1, p. 6-10, 2006.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o docente. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

GDIKIAN, E. Odontologia e sua crise existencial. **Jornal da Assessoria ao Odontologista**, São Paulo, p. 59, 2001.

GIANNETTI, E. **Felicidade**: diálogos sobre o bem estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIOLLO, F.J.P.; GRILLO, M. C. Uma experiência no ensino da odontologia: o significado da avaliação da aprendizagem. *Odontologia: ensino e pesquisa, Cruzeiro*, v. 2, n. 2, p. 12-16, jul. 1997.

GIROUX, H.A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUTIERREZ, F. **Ecopedagogia e cidadania**. São Paulo: Planetária, 1999.

GROS, F. Situação do curso. In: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HADJI, C. **A avaliação, regras do jogo**: das intenções aos instrumentos. Cidade do Porto: Porto Editora, 1994.

HANNOUN, H. **Educação**: certezas e apostas. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1998.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HARGREAVES, A. O. **Ensino na sociedade do conhecimento**: educação na era da insegurança. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HAWKING, S. **O universo numa casca de noz**. Tradução: Ivo Korytowski. São Paulo: Mandarim, 2001.

HIRATA, R. A. Paradigmas, Transdisciplinaridade e a Necessidade da Odontopsicologia. **Jornal Brasileiro de Odonto-Psicologia, Odontologia para Pacientes Especiais**, Curitiba, v. 1, n. 4, p. 346-350, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISSÁO, M.; PINTO A.C.G. **Manual de odontopediatria**. São Paulo: Artes Médicas, 1988.

JULIATTO, C. I. **Um jeito próprio de investigar**: a produção do conhecimento pela pesquisa. Curitiba: Champagnat, 2005.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

KONDER, L. **O que é dialética**. 5. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____, Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LINS, C. V.; TAVARES, F.; GASPAR JR., A. de. Educar em odontologia: realidade ou utopia? **An. Fac. De Odont. Univ. Fed. Pernamb.** Recife, v. 10, n. 1, p. 58-60, 2000.

MAIA, J. A. O currículo no ensino superior em saúde. In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H.. **Docência em saúde**: temas e experiências. São Paulo: Senac, 2003. p. 101–133.

MARCOS, B. Marco conceitual do ensino odontológico Situação dos cursos de Odontologia – pontos críticos. **Revista do Cromo**, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 191-194, set./dez. 2000.

MARIOTTI, H. As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MASETTO, M. T. **A docência na universidade**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____;ANTONIAZZI, J. H. Odontologia e docência universitária: formação pedagógica do curso de odontologia. In: BATISTA, N.A.; BATISTA, S. H. **Docência em saúde**: temas e experiências. São Paulo: Senac, 2004. p. 213–223.

MAZZOTTI, A. J. A. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A T. (Org). **Itinerário de pesquisa: pesquisas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: D.P. & A, 2003. p. 33-48.

MEDEIROS, U. V. Experiências Inovadoras no Ensino de Odontologia. **Revista Odontólogo Moderno**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 9-12, jan./fev. 1997.

MEIRIEU, P. **Aprender ...sim, mas como?** Tradução: Vanise Dresch. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MELLOUKI, M.; GAUTHIER, C. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. Tradução: Alain François. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 537–571, mai./ago. 2004.

MIZUKAMI, M. G. da. Ensino: as abordagens do processo. **EPU**, São Paulo, c.1, p. 7-57, 1986.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1998.

MORAIS, R. de. **Filosofia da ciência e da tecnologia**. 5. ed. Campinas: Papirus, 1988.

MORAN J.M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais inovadoras. In: BEHRENS, M. A.; MORAN, J. M.; MASETTO, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

MOYSÉS, S.J. Odontologia comunitária. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 1, n. 5, p. 6, jan. 1996.

MOYSÉS, S.T. et al. Humanizando a educação em Odontologia. **Revista da ABENO**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 58-64, 2003.

MOYERS, R.E. **Ortodontia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

NARVAI, P. C. **Odontologia e saúde bucal coletiva**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

NASSRI, M. R. G. et al. Aplicação da pedagogia da problematização na disciplina endodontia: "O esquema do arco". **Rev. Odont. Univ. Ribeirão Preto**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 11-15, 2002.

NICODEMO, D. et al. Avaliação do ensino Odontológico: Um estudo Exploratório Sobre as Opiniões do Alunado. **Odontologia e Sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 1/2, p. 21-26, 2001.

_____; NARESSI, W. G. O perfil do aluno de odontologia – do ingresso à sua graduação. **Revista Odonto Ciência – Fac. Odonto/PUCRS**, Porto Alegre, v. 17, n. 36, p.135-139, 2002.

NÓVOA, A. (Org). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, M. K. Pensar a educação. In: Castorina, J. A.; FERREIRO, E.; LERNER, D.; OLIVEIRA, M. K.. **Piaget e Vygotsky**: novas contribuições para o debate. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 51-83.

OLIVEIRA, P. E. Sala de aula: espaço de vivência ética. **Educação Marista**, Curitiba, n. 10, p. 5-11, jan./jun. 2005.

OSORIO, A. R. Conhecer para transformar. In: SEBARROJA, J. C. **Pedagogias do século XX**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 134-136.

PACCA, S.; CORRÊA, L.; MOTTA, M. Auto-imagem do cirurgião-dentista: um estudo baseado em desenhos de alunos de graduação. **Revista da ABENO**, São Paulo, v. 1, p. 82-85, 2003.

PERES, A. S.; MATOS, P. E. S.; LEAL, R. B. Proliferação das Especialidades odontológicas: Uma Abordagem Crítica. Ver. Odontol. **UNICID**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 115-121, maio/ago., 2003.

PÉRET, A.C. de A.; LIMA, M. L.de R. de. A pesquisa e a formação do professor de Odontologia nas políticas internacionais e nacionais de educação, **Revista da ABENO**, São Paulo, v. 1, p. 65-69, 2003.

PEREZ, D. O. A ética individual e as relações interpessoais. **Expectativa**, Toledo, v. 1, n. 1, p. 63-72, 2001.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

POPPER, K. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Editora da UNB, 1982.

RALDI, D. P. et al. O papel do professor no contexto educacional sob o ponto de vista dos alunos, **Revista da ABENO**, São Paulo, v. 1, p. 15 - 23, 2003.

RIBEIRO, A.; OLIVEIRA, C. M. G. de. Qual Método de Ensino é mais utilizado pelos professores do curso de Odontologia da UNICOR. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 3, n. 1, 2000.

RÖSING, C. K.; FERNANDES, M. I.; OPPERMANN, R.V. Odontologia baseada em evidências : Impacto no ensino e relato de experiência. **Revista Fac. de Odontol.**, Porto Alegre , v. 44, suplemento, p. 6-8, 2003.

ROSSATO, C. Os cirurgiões-dentistas devem cobrar honorários pela consulta inicial? Uma questão de ética. **Revista CRO Paraná**, Curitiba, ed. 51, p. 10-11, mai./jun., 2005.

SANTOS, R. S. dos; GOMES, M. P. R. de M. Sentidos atribuídos à relação professor/aluno em cursos de odontologia. **Revista da FONF, Facul. de Odontol. de Nova Friburgo**, Nova Friburgo, p. 6-9, 2000.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Novoa, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 78-91.

SECCO, L. G.; PEREIRA, M. L. T. Formadores em odontologia: profissionalização docente e desafios político-estruturais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 113-120, 2004.

SILVA, A. A. Rumos Para a Educação Superior no Próximo Milênio. **Odontologia e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 1/2, p. 12-19, 2000.

SILVEIRA, J. L. G. C. da. Diretrizes Curriculares Nacionais Para os Cursos de Legalidade e Legitimidade. **Pesq, Bras. Odontoped Clin Integr**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 151-156, 2004.

SOUZA CRUZ, A. C. de; SILVA, E. M. C. de. Motivos para a escolha da carreira odontológica, **Rev. Odontol Univ.** São Paulo, v. 10, n. 4, p. 315-322, out./dez., 1996.

TESCAROLO, R. **A escola como sistema complexo: a ação, o poder e o sagrado**. São Paulo: Escrituras, 2004.

TRIVINÕS, A. N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

WEIL, P. Ondas à procura do mar. In: BRANDÃO, D; CREMA, R. **O novo paradigma holístico**. São Paulo: Summus, 1991. p. 14-38.

VILLANOVA, M. T. et al. Uma abordagem problematizadora do processo de ensino/aprendizagem no estudo dos materiais dentários. **Rev. Odontol Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 61-67, jan.-mar., 1996.

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Atmed, 2002.

ZANETTI, C. H. G. A crise da odontologia brasileira: as mudanças estruturas do mercado de serviços e o esgotamento do modo de regulação curativo de massa, **Revista Ação Coletiva**, v. 2, n. 3, jul./set., 1999.

ZANETTI, C. H. G. **A crise e a perda da sustentabilidade da Odontologia brasileira: perspectivas para uma Agenda 21 da Saúde Bucal**. Brasília, 2000, 26f. Anteprojeto de tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz – Ministério da Saúde.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) FORMAÇÃO PROFISSIONAL E DOCENTE:

- a) O que o/a motivou ser dentista?
- b) O que o/a levou se tornar professor/a de odontologia?

2) HISTÓRIA ACADÊMICA:

- a) Tempo de magistério:
- b) Disciplina:
- c) Você considera sua formação suficiente para o trabalho como professor/a?

3) FORMAÇÃO CONTINUADA:

- a) Você fez algum curso de aperfeiçoamento como profissional docente?
- b) Você já participou de cursos de capacitação docente?
 - Em caso afirmativo: que contribuições trouxeram?
 - Em caso negativo: sugestões de temáticas a serem abordadas.

4) UNIVERSIDADE E CAPACITAÇÃO:

- a) O que mudou na formação do cirurgião-dentista da sua época de graduação para os dias de hoje?
- b) O que difere a sua metodologia de ensino, forma de avaliação,... e a de seus professores de graduação?
- c) O que você ensina a seus alunos e qual a metodologia empregada?
- d) Como seu aluno aprende?
- e) Tempo de contato com a proposta pedagógica da universidade.
- f) Qual a sua avaliação da proposta pedagógica do curso de odontologia?
- g) De que forma as novas diretrizes curriculares para o curso de odontologia, de 2001, instigaram às mudanças do currículo do curso e de seu papel como professor?

5) AVALIAÇÃO

- a) O que você considera importante na avaliação da aprendizagem?

- b) Que aspectos da aprendizagem do aluno você considera importantes para aprová-lo?
- c) A avaliação pode realmente revelar à aprendizagem do aluno? Por quê?

6) A CRISE ÉTICA NA ODONTOLOGIA

- a) Você acredita que a odontologia passa, hoje, por uma crise ética? Por quê?
- b) Em caso positivo: Quais as causas desta crise?
Quais as soluções para esta crise?

7) O PARADIGMA INOVADOR E O PROFESSOR DE ODONTOLOGIA

- a) Você conhece as novas metodologias de ensino-aprendizagem que buscam a formação global (ecológica) dos alunos?
- b) Em caso positivo: Você aplica esta metodologia?
Você sente dificuldade em aplicá-la?
Como os alunos respondem a esta nova forma de ensinar?
- c) Como o professor de odontologia pode formar profissionais mais éticos, críticos e solidários?

8) O PROFESSOR E SUA RESPONSABILIDADE DIANTE DO FUTURO:

- a) Quais suas perspectivas para o futuro do ensino da odontologia?
- b) O que você faz como professor, e cidadão responsável, pelo futuro de sua profissão e do mundo?
- c) O que você pode fazer como professor para mudar a realidade da odontologia e do mundo?